



ARTE DA CAPA:
MARCELO FRAZÃO



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

EL SUPREMO (2)

Continuo, nesta coluna, a série de reflexões que iniciei mês passado sobre o romance **Yo el supremo**, do paraguaio Augusto Roa Bastos. Vou me ater, como na primeira sessão, aos trechos que mais inspiraram reflexões sobre a tradução.

De fato, o romance todo assenta sobre profundas questões tradutórias: é ou não possível verter a realidade em palavras; e as palavras em texto fidedigno? Essa tensão perpassa todo o livro de Roa Bastos, manifestando-se em especial na dureza dos diálogos entre o ditador e seu amanuense.

O próprio ditador supremo assume que a tradução da realidade em palavras é inviável: “Os fatos não são narráveis; menos ainda podem sê-lo duas vezes, e muito menos ainda por distintas pessoas”. São bem visíveis os processos tradutórios que transparecem nessas travessias de fato a narrativa, de pessoa a pessoa.

Essa mesma condição é notada por Milagros Ezquerro, que editou o texto de Roa Bastos para publicação pela Ediciones Cátedra. Comenta ela que o romance paraguaio “inclui uma reflexão sobre si mesmo, sobre a escritura, sobre as condições de possibilidade de uma escritura romanesca”. Essa reflexão indica um processo de elaboração textual que se autoquestiona, como expressão do real, e que abarca em si o germe de múltiplas traduções — tanto as já presentes no texto quanto a perspectiva de futuras versões.

Para Ezquerro, é como se o compilador, personagem que figura como “autor” do texto, “estivesse situado entre dois espelhos paralelos que desdobrassem sua semelhança até o infinito”. A semelhança, aqui, é da obra consigo mesma — em suas diversas formas, de texto falado e escrito, de escritura construída com base em fontes e recortes variados. Assim, “o texto só pode ser duplo, dúplice, ambíguo, ambivalente, duvidoso porque é ao mesmo tempo imagem e espelho de outros textos anteriores/posteriores que convergem em sua contemporaneidade”. Numa dessas imagens da escritura que se projetam ao infinito, vê-se sua própria tradução — ou uma de suas possíveis traduções.

Outra característica da obra de Roa Bastos são as lacunas textuais que indica o próprio compilador, lacunas provocadas por trechos rasgados, queimados, ilegíveis, etc. Para Ezquerro, essas “falhas” denotam a parte oculta e inefável da escritura, justamente aquilo que o ditador queria expressar — sem consegui-lo — como a própria realidade, não meramente como palavras. Em suma, as lacunas poderiam indicar o espaço que caberia à “escritura absoluta, único instrumento do poder absoluto”. Nota-se ao mesmo tempo uma rendição à impossibilidade de traduzir a realidade em texto e um contínuo e supremo esforço por superá-la — por meio de uma tradução verdadeiramente plena e fiel, que exigiria, na prática, uma nova linguagem.

Yo el supremo também se singulariza pela infusão do guarani no espanhol. Essa infusão se faz não apenas pelo uso de palavras de origem guarani, mas, em especial, segundo Ezquerro, pela inserção de peculiaridades da língua indígena, como o uso de palavras aglutinadas — elemento estranho ao castelhano. Esse artifício dá sabor especial ao texto, com notas de estranhamento, mas também remete a outro tipo de tradução que perpassa a obra: a interpretação do espírito popular, que se expressa pelo idioma dos povos originários.

Para completar o cenário de múltiplas traduções, importa apontar que a obra de Roa Bastos, e agora não apenas **Yo el supremo**, se alicerça no exercício da variação e da reinvenção. A obra, mesmo depois de publicada, nunca está terminada, e sempre merecerá uma nova revisão. Para o autor paraguaio, a última versão deveria ser, “dando a volta completa ao círculo, a negação da primeira”. Vê-se, na negação do original, a necessidade de sua constante tradução. **📖**

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

POEMAS INFANTIS DE CECÍLIA MEIRELES (3)

Concluindo a abordagem de poemas do livro **Ou isto ou aquilo**, de Cecília Meireles, temos *A avó do menino*: “A avó/ vive só/ Na casa da avó/ o galo líró/ faz ‘cocorocó!’/ A avó bate pão de ló/ e anda um ven-to-tó/ na cortina de filó// A avó/ vive só/ Mas se o neto menino/ mas se o neto Ricardó/ mas se o neto travessó/ vai à casa da vovó,/ os dois jogam dominó”. Poema lúdico, sonoro, em que os versos, todos, terminam em “ó”. A avó, ainda atuante, operosa em seu cotidiano, tem a solidão aplacada pela presença do neto travesso “Ricardó”. É ao neto e suas travessuras que o caráter lúdico/recreativo (proporcionado pela sonoridade cerrada) do texto remete. Poema divertido, brincante. Por fim, *Uma flor quebrada*: “A raiz era a escrava,/ descabelada negrinha/ que dia e noite ia e vinha/ e para a flor trabalhava// E a árvore foi tão bela!/ como um palácio. E o vento/ pediu em casamento/ a grande flor amarela// Mas a festa foi breve,/ pois era um vento tão forte/ que em vez de amor trouxe morte/ à airosa flor tão leve// E a raiz suspirava/

com muito sentimento/ Seu trabalho onde estava?!/ Todo perdido com o vento”. O poema trata da beleza e sua transitoriedade, com a metáfora da flor que, bela e frágil, é abatida pelo vento. Há ainda a referência ao trabalho extenuante da raiz para dar suntuosidade à flor — o que remete a um outro sentido de beleza, ao de que ela é efeito de uma *produção*, de uma faina penosa. A metáfora da *flor quebrada*, a principal, aponta mesmo para a beleza destroçada ou invalidada por sua efemeridade. **📖**

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

✉ rascunho@rascunho.com.br
🌐 www.rascunho.com.br
🐦 twitter.com/@jornalrascunho
📘 facebook.com/jornal.rascunho
📷 instagram.com/jornalrascunho
📞 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches
João Cezar de Castro Rocha
José Castello
José Castilho
Luiz Antonio de Assis Brasil
Maira Lacerda
Nilma Lacerda
Noemi Jaffe
Olyveira Daemon
Ozias Filho
Raimundo Carrero
Rinaldo de Fernandes
Rogério Pereira
Tércia Montenegro
Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Caramuru Aubert
Arthur Marchetto
Clayton de Souza
Cristiano de Sales
Edma de Góis
Fábio Lucas
Fabrício Oliveira
Luiz Horácio
Maria Fernanda Elias Maglio
Patrícia Peterle
Ron Koertge
Sérgio Tavares
Tomaz Amorim Izabel

ILUSTRADORES

Carne Levaré
Carolina Vigna
Denny Chang
Eduardo Mussi
Eduardo Souza
Fabio Miraglia
FP Rodrigues
João Verderame
Maira Lacerda
Marcelo Frazão
Oliver Quinto
Tereza Yamashita
Thiago Lucas
Thiago Thomé Marques

FABIO AUDI



6
**A mobilização
 poética de
 Luiza Romão**
 Cristiano de Sales

OLIVER QUINTO



9
**Menos que um,
 de Patrícia Melo**
 Edma de Góis

11
**Mulher feita,
 de Marilene Felinto**
 Tomaz Amorim Izabel

12
**Um país no espelho
 das palavras**
 Fábio Lucas

27
**Casas vazias,
 de Brenda Navarro**
 Sérgio Tavares

MARCO ANTONIO FILHO



17
Inquérito
 Andréa Pachá

LEO AVERSA



22
Paiol Literário
 Carol Bensimon

35
**Por que olhar
 para os animais?,
 de John Berger**
 Luiz Horácio

38
**Você nunca vai
 saber o que é matar
 até que mate**
 Maria Fernanda
 Elias Maglio



40
Poemas
 Ron Koertge

30
**A poesia
 completa de
 Emily Dickinson**
 Patrícia Peterle



FABIO MIRAGLIA

33
**Bartleby, o
 escriturário**
 Luiz Antonio de
 Assis Brasil



CAROLINA VIGNA



ARTE DA CAPA:
 Marcelo Frazão


publique!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



Fazemos seu
livro/ebook


thapcom
design + ideias

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com



José Castello

A LITERATURA NA POLTRONA

MEU PAI EMBORA ESTEJA MORTO

Entro em um café da Domingos Ferreira, a poucos passos do prédio em que nasci. Enquanto espero pela garçonete, observo o salão. Nele, não sei se aturdido pela presença do passado, ou se hipnotizado como no expressionismo, vejo, curvo e abatido, meu velho pai, Ribamar. Meu pai morreu em 1982, lá se vão mais de 40 anos. No entanto, eu não tenho dúvidas: é ele.

Veste bermudas antigas, uma camisa social branca e uma jaqueta jeans amarelenta que, pelo que me recordo, eu mesmo lhe dei. Parece tranquilo e dono de si: o desamparado, o infeliz, o sem pai sou eu.

O problema é que meu pai morreu em 1982. No entanto, eu não tenho dúvidas: é ele quem está diante de mim. Se morreu há mais de 40 anos, estou diante não de meu pai, mas do espectro de meu pai. Eu mesmo ajudei a fechar seu caixão, porque a tampa emperrava, e o coveiro não conseguia lacrá-la sozinho. Eu mesmo joguei sobre ele algumas flores brancas — meu pai não admitia flores que não fossem brancas.

Ele toma seu café lentamente, como um menino preocupado em não se sujar. As mãos tremem, mas meu pai, com toda a atenção concentrada na xícara, hirto e solene como se fizesse um perigoso experimento científico, se equilibra e não se molha.

Está bem mais velho do que a última vez que conversamos, já em seu leito de hospital, na véspera de sua morte. É natural, quatro décadas se passaram. É natural, mas esse é o problema: o homem que vejo e que toma o lugar de meu pai não pode ser meu pai. Mas, se não é meu pai, já que não acredito em fantasmas, quem é ele? O que pretende o falsário que, bem à minha frente, se passa por José Ribamar, meu pai?

Começo a tremer, não sei se de raiva ou medo. Ocorre-me então a famosa frase que Bergman anotou em sua autobiografia: “Trago dentro de mim um contínuo tumulto que é preciso vigiar”. Preciso enxotar as fantasias e me manter atento. Tanto quanto não sou Ingmar Bergman, o cineasta dos fantasmas, aquele farsante também não pode ser meu pai. E isso é tudo.



Ilustração: Eduardo Souza

Pensando melhor, ele devia estar bem mais velho, bem mais acabado do que está. Traz o olhar parado — olhar de um morto, ou de um pensador. Em um reflexo, noto que as pupilas negras se dissolvem na face enrugada. Olha fixamente para a frente, mas à sua frente há apenas uma mesa vazia e, logo atrás dela, uma parede suja. Na cadeira ao lado, acomodou uma valise. De repente, sem terminar o café, pede a conta e se prepara para ir embora.

Não consegue se levantar sozinho. Pede, então, a ajuda da garçonete, que o ampara com delicadeza e depois o leva até a porta. Desaparece na direção do prédio em que eu nasci e em que vivemos juntos por mais de 20 anos. Estará voltando para casa? É só isso?

Algo me trava a garganta. A verdade, ou a estupidez? Então meu pai, mesmo morto, continua vivo? Talvez não passe de um duplo. Um sócio, como nos filmes de terror. Um farsante. Só uma coincidência, como tantas em que tropeço. Nenhuma das hipóteses, porém, me convence. Não tenho dúvidas de que é meu pai, ele mesmo, bem vivo embora esteja morto.

Também não é um fantasma. Enquanto se erguia e ajeitava a jaqueta, percebi que algumas gotas do café macularam a camisa branca. Deixou também farelos de torrada sobre a mesa. As pistas que confirmam sua existência estão por todos os lados. A garçonete o amparou até a porta — e garçonetes não aparam fantasmas.

Foi na direção do prédio em que vivemos. Edifício Osvaldo Moura Brasil do Amaral. Quem terá sido esse homem? Meu pai dizia que ele era médico, mas talvez não passe de um espectro também. Só uma ilusão. Tudo é ilusão — mas essa ideia também não explica coisa alguma, também é uma ideia fantasma.

Agora que meu pai se foi, preciso voltar à sensatez medíocre dos dias. À claridade da vida, em que os mortos estão mortos e os vivos estão vivos, e isso basta, e isso explica tudo. Mas onde estão as forças para prosseguir? Tive a chance de dirigir a palavra a meu pai, meu saudoso pai, com quem sempre tive imensa dificuldade de conversar. E, mais uma vez, não fiz isso. Falhei de novo. Sou um filho fracassado.

Pago, me levanto e caminho na mesma direção em que meu velho pai se foi. Agora eu também o duplico. Sigo-o sem saber por que o sigo, até porque não o vejo mais. Eu me atraso e falho mais uma vez. Qualquer pergunta que eu lhe tivesse feito romperia o abismo que separa e gruda o presente e o passado. Isso seria perigoso e poderia talvez alterar minha história, como acontece nos filmes de ficção científica. Poderia alterar a ordem das coisas mas, na miséria em que me encontro, não seria mau.

Enfim eu o vejo, lá vai o velho, bem lá na frente, como terá corrido tanto? Já na avenida Copacabana, vejo-o de novo, entrando na Galeria Menescal. A imagem da galeria me remete a **O crocodilo**, a novela de Dos-

toievski que reli recentemente. Haverá, nela também, um monstro em exibição? Será ele capaz de decifrar o enigma em que me meti? Se chegarmos a conversar, ele descobrirá que o monstro sou eu? Enquanto ele, solitário, é só um velho que passeia.

Passo pela sapataria da entrada, pela loja de brinquedos, pela lanchonete árabe. Uma loja de bijuterias. Uma camisaria antiga. Um bistrô de doces portugueses. Distraio-me diante dos doces e logo me dou conta de que perdi de novo o velho. Será que foge de mim? Faria sentido para um espectro, mas não faz sentido algum para meu pai, que nunca foi homem de se esconder.

Assim que chego à Barato Ribeiro, mais uma vez eu o vejo. Agora está parado sob uma marquise e abre sua valise de papelão. Só ali, quando enfim eu o encaro, descubro que meu pai usa uma longa barba, que nunca usou. Mas é ele, ainda sei que é ele.

Da mala, tira primeiro uma pilha de jornais, que estende em um canto da calçada. Tira ainda um cobertor velho, que estica sobre eles. Por fim, do fundo, o homem que já não sei se é meu pai arranca, ainda, algumas folhas de papelão, com que constrói as laterais de seu leito.

Despe a jaqueta e a enrola como um travesseiro. Deita enfim com modos solenes e se põe a coçar a barba. Logo está de olhos fechados. Talvez, só agora, mais de 40 anos depois, esteja realmente morto. E, no entanto, ele continua a respirar. **●**

Mobilização poética

Obra de **Luiza Romão**, ganhadora do Jabuti de Livro do Ano 2022, é um grito mais que necessário para discutir as desigualdades e violências do Brasil

CRISTIANO DE SALES | CURITIBA - PR

No segundo canto do famoso poema **O navio negreiro**, do abolicionista baiano Castro Alves, personalidades canonizadas na história europeia, bem como na história da arte europeia, são lembradas. Temos ali mencionados feitos de Espanha, Inglaterra, França, Itália e Grécia. A estas duas últimas são dirigidas as menções às admiradas artes representadas em Tasso, poeta italiano, Fídias, escultor grego, e, claro, Homero, iniciador de toda uma tradição ocidental poética.

Esse é um momento no poema, publicado em 1869, em que as imagens dantescas do horror imposto contra negros africanos sequestrados e assassinados na travessia para o Brasil ainda não começaram a ser reveladas, algo que só ocorre do terceiro para o quarto canto.

O que vemos no quinto canto do *Navio negreiro*, depois de não mais restar dúvidas sobre a máquina de matar que movia a economia brasileira no período colonial, é um pedido de explicação à musa “Dizei-o tu, severa musa,/ Musa libérrima, audaz!”, como quem convoca a poesia para tentar entender a violência testemunhada em alto-mar. Por fim, no sexto e último canto o tom é de desolação e ira. Melhor seria não ter tido chegada de navegantes europeus aqui.

Nessa tônica, novamente ocorre uma menção à musa. A meu ver, uma ocorrência ambígua, pois a passagem faz ver que a musa chora e ao mesmo tempo sugere um desejo do poeta pelo choro: “Musa... chora, e chora tanto/ Que o pavilhão se lave no teu pranto!...”.

Se entendermos a musa não no sentido romântico que se convencionou no século 19, mas sim no sentido mais próximo dos gregos — a musa como o próprio artifício do poema, como quem dita os temas e os tons do poema — nos damos conta de que no texto do poeta abolicionista há uma fúria de desejo: o de que a própria poesia, junto com sua tradição helênica (entenda-se, a fundadora tradição ocidental), chorem, e por que não dizer?, sangrem, uma vez que testemunhas omissas do horror.

Mais de século e meio passado, vemos na poesia atual brasileira importantes nomes auto-declarando-se, ainda, poetas abolicionistas; é o caso mais deliberado de Ricardo Aleixo. Oras, está claro, é preciso se admitir ainda abolicionista porque estruturalmente essa história não ficou no passado, ela está aqui.

Nesse cenário, muita coisa tem acontecido em nossa literatura. Um crescimento do combate ético na esfera do estético tem pautado temas urgentes que passam pela denúncia ao racismo, ao feminicídio, à homo e à transfobia, à destruição da natureza e outros procedimentos assassinos ligados ao triunfo do capitalismo. E os prêmios literários também têm se revelado parte dessa percepção sensível e simbólica.

O livro do ano na premiação de 2022 do Jabuti foi o potente **Também guardamos pedras aqui**, da poeta paulista Luiza Romão. O livro venceu na categoria poesia e foi agraciado no prêmio principal.



FABIO AUDI

A jovem poeta tem atuação num dos principais movimentos de poesia contemporânea do Brasil, o Slam, um movimento de poesia falada que implica os corpos, entenda-se o fisiológico e o poético, de pessoas da periferia de grandes cidades. A atuação de Luiza Romão enfatiza ainda mais a poesia falada por mulheres, numa declaração implacável de guerra contra a violência física e simbólica sofrida por elas.

Inteligência fina

Também guardamos pedras aqui, a exemplo de *Navio negreiro*, poema abolicionista do século 19, que tomamos de mote neste ensaio, evoca a musa para uma conversa, ou melhor, para um sarau. Todos os poemas do livro estão focados em alguma personagem da *Ilíada*, mitologia fundante da literatura ocidental.

Esse querer dialogar, gritar, chocar os corpos com o mito literário fundante, em tempos de fazer uma camada leitora branca e burguesa entender as importâncias das ancestralidades, revela inteligência fina de uma poeta que demonstra ter estudado uma dada história da arte não para apedrejar, antes, para fazer pensar, dançar, ver corpos negros, femininos, trans, poéticos. E quando menciona a fina inteligência não é para elogiar possíveis erudições, mas sim para tentar demonstrar o que sua poesia faz nesse sarau-livro.

As mulheres que viveram à sombra de Helena (mitificada em discurso masculino) são cantadas por Luiza Romão como num gesto não apenas de reconhecimento, mas também de cumplicidade. É como se a poeta soubesse de seus silêncios e as convidasse para gritarem juntas não apenas suas dores, mas também suas poesias, suas existências.

Ao apontar para o silenciamento dessas mulheres no mito fundante de nossa literatura, é a própria literatura ocidental que está em xeque. O livro começa com os seguintes versos: “a literatura ocidental começou com uma guerra”, sabemos, a de Troia. E mais adiante, no mesmo poema, “o livro permanece aberto vê/ é minha vez de contar a história”.

Artistas pulsantes sabem da força do simbólico em qualquer campo de batalha. Por isso Castro Alves se irrita com a musa e sua tradição; por isso Luiza Romão quer conversar e dar voz às mulheres preteridas pelos homens que estavam forjando um ideal de musa. Por isso ambos articulam poesia plástica e discursiva para criarem imagens do horror. No entanto, a força do livro da poeta contemporânea talvez esteja em não desejar que os mares fossem fechados. Antes, ela se esforça em estender as mãos para essas mulheres sangradas e caladas na edificação de nossa pretensa cultura. E faz isso, claro, colocando em suspenso ambas as histórias (que nunca são separadas), a do país e a de sua literatura.

Entretanto, quando lemos poesia feita por artistas que não cabem em um livro, mesmo que

tentemos articular um bom argumento na esfera do poético-retórico — gesto confortável quando se lê de um lugar instituído como uma universidade ou jornal de literatura, por exemplo —, essas obras que falam sobre lugares de fala acabam explodindo, para leitores formados em tradição burguesa, o que poderíamos chamar de lugares de leitura. Ou seja, ao tematizar a tradição literária, com seus silêncios e violências, a poesia de Luiza Romão, por rebeatar de um espaço-tempo que fissa o próprio lugar da literatura, acaba rearticulando não a história da literatura (pois esta não existe como uma entidade), mas sim a história da leitura.

Nossas formas de ler ao longo dos séculos é que determinam algo a que, ilusoriamente, chamamos de história cultural, e dentro desta a história da literatura. O que está em jogo hoje é o modo como lemos, mais do que a própria literatura (já que esta não tem uma essência). Prova disso é que vemos outras dores e outros problemas em textos já há muito consagrados por uma forma de ler que se voltava a outras questões.

Corpos estanhos

A poesia de Luiza é corpo ético e estético porque o transbordamento da performance das vozes ao texto escrito nos gera insegurança como leitores. As pedras guardadas deste lado do oceano são corpos estranhos a uma tradição literária pouco aberta a reconhecer-se falível e violenta também. As pedras do livro de Luiza são como as do meio do caminho (Drummond), bem como as que nos ensinam numa particular pedagogia (João Cabral), mas são também as que nunca atiramos contra nossas próprias janelas, ou tetos de vidro (como os do próprio modernismo brasileiro, outra construção fundante).

O verso que dá título ao livro vencedor do Jabuti ocorre em um poema intitulado (dedicado a) *Andrômaca*. Vamos a algumas passagens.

*não conheci troia
ruínas a mais ruínas a menos
também guardamos pedras aqui
do outro lado do oceano
tudo que aprendi foi nesse alfabeto moderno*

Embora a poeta reconheça não saber exatamente da dor de Andrômaca — personagem reduzida à esposa de Heitor, este, sim, herói virtuoso (ela, retratada como quem chora copiosamente a morte deste) —, dado que não pode saber da dor desse mito tão distante não apenas no tempo e no espaço, mas também na simbologia (diferente da personagem, a poeta é guerreira), a poeta adverte que também aqui, no Brasil do século 21, há histórias de ruínas, de cujos restos juntamos pedras para escrever outra história. Essas pedras, fica sugerido, são também das ruínas do modernismo (nossa mitologia) e da modernização perversa e igualmente excludente e assassina:

*nossos despojos é troia
minhas amigas encurraladas
na mesa do chefe é troia
a jovem saco preto no rosto
festa de luxo é troia
as baratas roendo o cu
da guerrilheira comunista é troia*

A ambivalência da palavra “despojos” nos leva a pensar na herança cultural grega, mas também em uma espécie de prisioneiro de guerra. É como se trouxéssemos Troia não apenas como herança cultural, mas também como um inimigo íntimo. Do qual reconhecemos a influência, mas precisamos nos livrar. As notas de atualidade da violência no proceder da polícia (saco preto na cabeça) e dos agentes do estado (torturas na ditadura civil-militar) apontam para o espólio do qual precisamos nos ver livres.

Espólio miserável

A pergunta que talvez resistamos a nos fazer é se conseguimos nos desfazer desse espólio miserável sem colocarmos no mínimo em dúvida nossa própria história literária. No entanto, sugerimos acima



Eis uma marca da poesia de Luiza Romão, vísceras da vilania sempre à mostra, sem meias palavras, afinal, toda a violência disparada contra o corpo da mulher também vem sendo feito sem a menor “cerimônia”.

que a não existência de qualquer essência a que possamos chamar de literatura mostra que o que está posto em xeque, em verdade, é a leitura. Ou seja, somos nós mesmos com nossos procedimentos (burgueses) de criação de sentido no campo do simbólico que estamos em questão.

Vimos aprendendo com artistas importantes como Emicida que, na impossibilidade de mudarmos os dados do passado, podemos mover as peças do presente. Entretanto, também sabemos que não se inaugura uma história no presente sem esgarçarmos algumas matrizes sedimentadas de sentido no passado, ou seja, sem ajustarmos umas contas com o engodo simbólico que nos envolve.

Assim, o rapper encheu o Teatro Municipal de corpos negros para entendermos suas ausências no mítico movimento que supostamente modernizaria nossa cultura (a Semana de 22). Em chave parecida, o Slam vem articulando corpos narrativos poéticos em lugares onde esses mesmos corpos parecem figurar apenas como força de trabalho, a saber, os espaços públicos nos centros das grandes cidades.

Assim como o músico não faz de seu trabalho uma declaração de guerra contra o modernismo (ciente de que não se luta contra o que não está mais aqui), mas sim uma declaração de vida negra no centro da vida cultural do presente, aproveitando a oportunidade para mostrar em seu documentário que essas vidas negras já faziam coisas importantes pela cultura do Brasil no tempo do modernismo, Luiza Romão, que agora esgarça a cena poética contemporânea, mostra também que dentro e fora do teatro, ou dos lugares instituídos da história cultural, o corpo ontologicamente violentado das mulheres e das pessoas de vivência nas periferias inscreve-se como poesia combatente na esfera pública.

Essa chegada da voz (que é corpo) e da poesia (que também é corpo) aos espaços onde mulheres e negros são sangrados desloca em definitivo o lugar de leitura da poesia. E não me refiro apenas à possibilidade de encontrarmos uma garota falando seu poema de liberdade numa praça pública da cidade, refiro-me também a um necessário desconforto com o qual leitores críticos, sedimentadores de histórias, terão de lidar, uma vez que também fomos aculturados a nos pensar como filhos da Grécia.

É com peito aberto que precisamos admitir que ainda estamos aprendendo a ler artistas com essa explosão de vidas incorporadas em vozes as mais diversas. Diversidade essa que não aparece trabalhada apenas no recorte temático, mas também em firme proposição formal.

Tom narrativo

Vimos chegar em 2022 o quarto livro de poesia de Luiza Romão e ele é formalmente bem dife-

rente do premiado **Também guardamos pedras aqui**.

Nadine se apresenta em tom bastante narrativo. E de um tipo de narrativa bastante particular, a policial. O livro pode ser lido como um grande poema em que a protagonista-eu-lírico acompanha as sondagens e especulações acerca de seu próprio assassinato. Este, sabemos já no primeiro poema, veio acompanhado de violência sexual.

A montagem do livro faz transbordar estratégias que seriam da ordem da literatura em prosa, como foco narrativo, tempo não-linear, narradora em primeira pessoa, investigação etc., na composição de um texto que mais uma vez chama para o corpo da mulher.

As especulações entorno das eventuais causas e procedimentos do assassinato revelam o machismo capilarizado no âmbito jurídico, representado aqui pelas hipóteses investigativas que sugerem ser a vítima culpada pela violência sofrida: “uma vítima não frequentaria bares tão duvidosos como esses”. Ou na passagem em que homens limpam a cena do crime apagando possíveis evidências de crime sexual:

*a cena do crime é limpa
tão organizada quanto o set de Scorsese
não há camisinhas não há sêmen
os homens são tantos quanto invisíveis*

Mas se engana quem pensa encontrar no livro uma prosa cortada em versos a esmo, sem sagacidade formal. Num soneto em nove sílabas poéticas, com esquemas regulares de rimas, a poeta parece colocar na voz de uma personagem, um vizinho punheteiro, a mais atroz concessão à imoralidade de todas as ordens.

*ó coxas daquele apartamento
sua imagem em meu azulejo
é inspiração de vis manejos
sonhos ébrios sem ressentimentos*

*ó dona de tão formosas coxas
inesquecível pelo vermelho
no vídeo, saltam as unhas roxas*

A forma poética conhecida pela cerimoniosidade é usada aqui na descrição da mais alta destruição de qualquer conduta moral ou ética. O vídeo da investigação (a seção em que o poema se encontra no livro se chama *Investigação*) parece ter parado em um site pornográfico e o morador do número 12 não hesita em se masturbar olhando imagens do corpo de Nadine falecido. Embora a voz poética narrativa que predomina no livro seja a de Nadine, neste soneto a impressão que fica é a de que a voz se mistura à do personagem P, que se admite atraído pelas imagens do vídeo.

Eis uma marca da poesia de Luiza Romão, vísceras da vilania sempre à mostra, sem meias palavras, afinal, toda a violência disparada contra o corpo da mulher também vem sendo feito sem a menor “cerimônia”. Aqui o tema do poema trai o decoro da forma. Uma bela mostra de poesia consciente.

Outro momento de intensa dureza e de poesia memorável em **Nadine** é o poema final, em que diante do corpo caído da protagonista juntam-se muitos outros corpos de mulheres violentadas.

*me deito na transversal
lana sobre meus ombros
estamos furiosas*

*paramos
os primeiros motores avançam
permanecemos imóveis*

[...]

*uma mulher aparece do outro lado da calçada
tem o estômago perfurado por facadas*

*e se deita conosco
[...]*

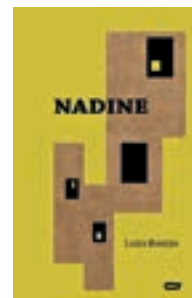
*outra mulher surge
[...]*

*já somos mais de vinte
{...}*



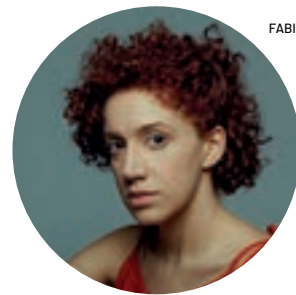
Também guardamos pedras aqui

LUIZA ROMÃO
Nós
64 págs.



Nadine

LUIZA ROMÃO
Quelônio
48 págs.



FABIO AUDI

A AUTORA

LUIZA ROMÃO

É poeta e atriz. Autora dos livros **Coquetel molotove**, **Sangria**, **Também guardamos pedras aqui** e **Nadine**. Desenvolve mestrado em teoria literária e literatura comparada pela USP. É poeta atuante em saraus e festivais de Slam.

*nossos corpos ocupam
todas as faixas
somos centenas
[...]
somos milhares*

*[...]
lidem agora
com os corpos*

O espólio escancarado pela poesia de Luiza Romão passa pela tradição literária, cúmplice do horror (em consonância com Castro Alves), como se pode ver em **Também guardamos pedras aqui**, e desemboca nos corpos de mulheres assassinadas estendidos no asfalto, atrapalhando o trânsito, conforme música de Chico Buarque. Mas desta vez, ou seja, em **Nadine**, esses corpos parecem estar sendo colocados, sim, na responsabilidade de quem mata e de quem opera como cúmplice na sociedade do extermínio, a saber, uma dada sociedade que se acha burguesa e não passa de escravista ainda.

O trabalho de artistas como Luiza Romão, Emicida, Ricardo Aleixo, Castro Alves, Jaider Esbell, Edimilson de Almeida Pereira, Angélica Freitas e muitas outras vindas dos diferentes centros de forças urbanas e ontológicas problematizam e mobilizam não apenas um lugar de fala, mas também, consequentemente, um lugar de leitura, um lugar de escuta. Um lugar de corpos diversos. 🗣️

MARCELO TABACH



Contra a invisibilidade

Menos que um, de Patrícia Melo, apresenta um pequeno mapa dos miseráveis em São Paulo, cidade emblema da modernidade brasileira

EDMA DE GÓIS | SALVADOR - BA

Quando o Congresso Nacional derrubou o veto do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, ao projeto de Lei Padre Júlio Lancelotti no ano passado, deu-se um pequeno passo na complexa e necessária discussão sobre a ocupação dos espaços públicos pelas populações de rua. Para muita gente, foi oportunidade de ouvir pela primeira vez a expressão “arquitetura hostil”. O projeto de lei tem por objetivo evitar esse tipo de construção que afasta ou dificulta o acesso às áreas públicas das cidades por idosos, crianças e pessoas em situação de rua. Não é figurativo lembrar que a legislação, promulgada em 11 de janeiro deste ano, recebe esse nome devido às ações do religioso, uma delas que viralizou nas redes sociais, quando o sacerdote tentou quebrar pedras instaladas debaixo de um viaduto pela prefeitura de São Paulo.

Não raro nos referimos às pessoas em situação de rua como “invisíveis”, quando na verdade eles parecem visíveis até demais, a ponto de incomodarem todo o resto da sociedade quando pedem dinheiro, comida, para limpar o vidro do carro ou se tornam os personagens centrais de um projeto de lei. Visíveis ou invisíveis, como o leitor queira chamar, são sujeitos como esses que ocupam **Menos que um**, décimo terceiro romance de Patrícia Melo. O livro perfila tipos diversos que moram e ganham a vida nas ruas da capital símbolo do modernismo brasileiro, trazendo à superfície suas condições de sobrevivência e as razões pelas quais o espaço público se tornou o único lugar possível.

A seleção de tipos sociais do romance mostra ainda a sequência do projeto literário de Patrícia Melo, que privilegia temas com forte carga política e personagens enquadrados em lugares de exceção. Aliás, sua produção, iniciada nos anos de 1990 e que culmina agora em **Menos que um** também passa em revista momentos decisivos da representação de grupos subalternizados em nossa literatura. Reconhecida e por vezes acusada pelo seu engajamento social, a literatura brasileira a partir da última fase do modernismo apresenta duas paradas já bastante revisitadas pela crítica especializada e que aponta as décadas de 1960 e



Menos que um
PATRÍCIA MELO
LeYa
368 págs.

TRECHO

Menos que um

Na volta, sentado no ônibus, ficou em dúvida se a dimensão de seu desânimo não seria apenas um desdobramento da sua fome. Até aquele momento, não havia colocado nada no estômago. Sua estratégia era realizar uma única refeição por volta das dezesseis horas, para servir bem às duas patroas: a fome diurna e a fome noturna.

a de 1990 como dois marcos da produção com enfoque social privilegiando pobres e sujeitos marginalizados (nessa leitura escolho como recorte apenas a literatura brasileira contemporânea, daí a exclusão do romance de 1930).

Nos anos de 1960, a economia explicaria as injustiças sociais, enquanto nos anos de 1990, a marginalização e o abandono social pelo Estado são compreendidos como uma espécie de maldição de origem, sem enfrentar suas razões, conforme explica o professor Victor Hugo Adler Pereira (UERJ) no artigo *Documentos da pobreza, desigualdade e exclusão social* (2017). Ainda assim, nesses anos, que coincidem com nossos primeiros passos na redemocratização no país, surge “uma literatura que situa seu círculo de

A AUTORA

PATRÍCIA MELO

Publicou **Inferno, O matador** e **Mulheres empilhadas**, entre outros livros. Vencedora dos prêmios Jabuti de melhor romance, Deutscher Krimi-Preis, LiBeraturpreis, Deux Océans. **Menos que um** é seu décimo terceiro livro. Vive em Lugano (Suíça) há dez anos.

observação e indagação em espaços comunitários delimitados e submetidos à carência de bens e serviços que abundam em outros espaços sociais”. É interessante notar que Patrícia Melo lança **Acqua Toffana** em 1994, seguido de **O matador** em 1995, adaptado para o cinema por Rubem Fonseca com *O homem do ano* (2003). Com uma produção ininterrupta e que na virada do século também passa por roteiros para cinema e textos teatrais, a autora desemboca nessa década participando de um terceiro tipo de engajamento na literatura com discussões que nomeiam os preconceitos contra negros, mulheres, LGBTQIA+, pobres, imigrantes, entre outros. Neste momento, aqui proposto, a autora avança para além do diagnóstico, ao focalizar as desigualdades sociais como parte de um projeto econômico e político eficiente. Ou seja, não se trata de mero descaso social, mas de uma tecnologia de exclusão em funcionamento e operada por políticas governamentais.

Cidadania e justiça social

As histórias de pedintes, desempregados, flanelinhas, imigrantes e outros tantos com subempregos precários em **Menos que um** se conectam com a urgência dos nossos dias e não à toa nos desmontam. Elas concretizam aquilo que deveria acompanhar toda experiência estética proporcionada pela leitura, a aproximação de uma realidade muitas vezes distinta do leitor ou o realce às situações já conhecidas, mas que ganham tônus no texto ficcional. Sem medo de generalizações, todo e qualquer pessoa já cruzou com pelo menos um personagem de **Menos que um**. Eles são coadjuvantes das nossas narrativas ordinárias, atravessando nosso caminho a contragosto e expondo as malezas do neoliberalismo. Nas entrevistas sobre o romance, Patrícia Melo destaca o choque ao ver o aumento da população de rua em visita ao Brasil — a autora vive na Suíça há dez anos —, uma observação, segundo ela, anterior à pandemia de covid-19 que, sabemos, piorou o quadro já tão deteriorado.

A lista de personagens é longa e aqui escolho apenas três para compor o retrato proposto pela autora: um imigrante venezuelano, uma diarista, uma mulher trans. Um dos personagens sintomáticos dos últimos anos a ganhar face e nome na narrativa é Seno Chacoy, venezuelano que migra para o Brasil e lava as ruas de São Paulo. A orientação do seu superior é clara: não se deve jogar água diretamente nos moradores de rua para não

criar problemas com “os fazedores de petição”, o pessoal “dos direitos humanos”. É preciso agir com sutileza, jorrar água em um ponto que os fragilize, “aquela quebrada de punho, sabe?”. Papelão, carrinhos, sacolas. Nesse processo, que inclui um tanto de desumanização do oprimido e do opressor, Seno Chacoy, que vive em outra ponta do sistema de exploração, passa a não se importar com os moradores, apenas executando ordens dadas pelo chefe. Outros personagens igualmente frágeis na estrutura social, porteiros e zeladores, sugerem se incomodar mais com a ocupação das ruas e calçadas do que com as condições de vida de quem as ocupa.

Já a diarista Jéssica tem desejos prosaicos, que dão a dimensão das dificuldades que ela enfrenta, como juntar dinheiro com as faxinas e tirar seus documentos perdidos. Nesse caso, ter documentos, além de um gesto de cidadania básico, demonstra sua vontade de inclusão. O mesmo Estado que abomina os pedintes nas ruas deve lhe assegurar a garantia de direitos, sendo um documento de identificação uma sinalização da sua existência como sujeito para uma série de políticas públicas essenciais. Uma terceira personagem dos nossos tempos a mostrar o fosso entre ricos e miseráveis é Glenda, antes Weverton, mulher trans, um dos alvos preferenciais da violência no país — o Brasil segue há 13 anos no posto de país que mais mata travestis e mulheres trans de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Se para Jéssica, o documento é uma conquista, para Glenda, o nome social é uma primeira vitória, mesmo ela dizendo que “tem gente que só existe depois que morre”.

Ao passo que o livro apresenta pequenos retratos das vidas dessas pessoas, em capítulos curtos e ágeis, concentrados nas ações e nas falas das personagens, também oferece ao leitor uma espécie de biografia não autorizada dos dias recentes de São Paulo.

A socióloga Leonor Arfuch nos ensina que embora o gênero autobiográfico, que foi o cerne dos estudos da pesquisadora argentina, concentre-se nas etapas da vida humana, é inseparável a dimensão espacial dos relatos de vida. A partir desse argumento, a pesquisadora pensa a cidade como uma autobiografia, o que pode nos inspirar a lermos no romance de Patrícia Melo também como um recorte biográfico dos últimos anos da cidade de São Paulo, a mesma capital que promoveu a Semana de Arte Moderna de 1922 e as Bienais de Arte a partir dos anos de 1950. Esta São Paulo reconfigurada se entrelaça aos personagens marginalizados, brasileiros comuns, que ocupam seu espaço, sendo transformada por eles e transformando-os também. **Menos que um** é um choque com a nossa própria imagem no espelho, mas que não podemos ignorar se quisermos mudar o que tanto nos causa repulsa. **U**

alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

PATRIMÔNIO CULTURAL EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS (2)

A categoria de “patrimônio”, entendida como suposto legado cultural “comum” entre as colônias e as antigas sedes europeias, já não pode ser aplicada sem várias distinções e atualizações conceituais que consideram a necessidade de maior equidade no tratamento do passado dos países envolvidos a fim de que possam ter algum futuro compartilhado por todos. Foi esse *aggiornamento* abrangente e pioneiro em língua portuguesa que pretendeu fazer o livro **Patrimônios de influência portuguesa: modos de olhar** (publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian/Editora da Universidade Federal Fluminense, em 2015), com curadoria de Walter Rossa e Margarida C. Ribeiro, do Centro de Estudos Sociais, de Coimbra.

A primeira parte do livro, mais conceitual, já comentei na coluna de janeiro (#273). Ocorre-me, agora, que ela ficou toda a cargo de estudiosos europeus, detalhe que não é especialmente auspicioso para os seus propósitos equânimes. E antes de passar à descrição dos estudos seguintes, cabe mencionar que, no miolo do livro, vem publicada uma entrevista dos organizadores com o pensador e crítico português Eduardo Lourenço, recentemente falecido. Grande intérprete de Fernando Pessoa, Lourenço viveu por anos no Brasil, deu aulas como professor visitante na Bahia, conviveu com Glauber Rocha, e, bem mais tarde, veio também lecionar por um semestre na Unicamp, onde pude conhecê-lo e desfrutar da sua inteligência.

Eduardo Lourenço pensou de maneira original o impacto da guerra das colônias em Portugal. Na sua entrevista, destoando um pouco dos demais estudos, ele não me pareceu exatamente interessado na discussão do pós-colonialismo, ao menos não da maneira como vinha sendo tratada ao longo do volume. A sua reflexão poderia ser entendida sobretudo como um esforço de caracterizar um grande paradoxo na maneira como Portugal e os portugueses pensam usualmente as suas relações com as ex-colônias africanas, cujo cerne estaria em imaginar que não está completamente perdido o que, entretanto, se perdeu — paradoxo, acrescento, de que não está isento este mesmo volume de estudos que pretende contribuir para a sua superação.

Falando especificamente do Brasil, Lourenço acha que ele se insere de maneira menos dramática nesse paradoxo, porque a ilusão portuguesa de não o ter perdido é mais ou menos sustentada pela ausência de uma insurreição bélica duradoura e abrangente contra a sede portuguesa, o que autorizaria alguma ideia de continuidade histórica com o passado colonial. Já em relação à África, Lourenço vê rigorosamente a consumação de uma tragédia cujo traço inapagável é a promoção do Reino às custas da escravidão dos povos em contato. O fato lhe parece ainda agravado pela ausência de qualquer cultura humanística por parte dos agentes portugueses da intervenção africana, a qual permitisse aos pósteros sequer sublimar a brutalidade dela ou a superficialidade das suas trocas por uma

so com a velha Europa e uma visão idílica do novo mundo, de modo que o poder vinculado à língua imperial é também o testemunho de um “encontro” que o transcende. Um projeto renovado do patrimônio de influência portuguesa teria justamente de investir nesse encontro e resgatar discursos nas margens do discurso colonial, buscar identidades rasuradas, histórias silenciadas, revelar inscrições de diferenças na língua portuguesa que rompessem com uma história autoritária de mão única.

O primeiro autor não europeu escreve a seguir. Trata-se de Francisco Noa, professor de literatura moçambicana na Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo. O núcleo de sua intervenção é o de que a literatura oficial portuguesa tendeu sempre a produzir um imaginário colonial vinculado ao rebaixamento dos povos dos territórios conquistados. Insurgir-se contra esse imaginário é, para ele, a principal tarefa dos criadores moçambicanos que escrevem em português, revelando pluralidades, configurando-as como ensaios de gestação de novos poderes, que tanto podem tomar a forma de denúncia e de confrontação, como a de um novo projeto fundacional. Em termos gerais, Noa entende que um projeto literário anticolonial está sobretudo ligado à obrigação de não esquecer as misérias da colonização e de narrar a catástrofe coletiva que culminou nas guerras da África.

Segue-se o primeiro estudioso brasileiro a participar do volume, Sílvio Renato Jorge, da Universidade Federal Fluminense, que retoma a sério a fórmula de Oswald de Andrade segundo a qual “só a Antropofagia nos une”, o que não deixa de ter parentesco com o que têm feito outros estudiosos cariocas atuais ao reler as ideias de “antropofagia” do modernismo paulista dos anos 20 do século passado. A ideia destacada por Renato Jorge é a de que a constituição do “diferente” depende primordialmente da deglutição do estrangeiro. Articulado Derrida com a releitura de Oswald empreendida pelos concretos a partir da década de 1950, reafirma um princípio de tradução e de “transcriação” a operar entre as culturas, o qual deve reconhecer tanto as multiplicidades irreduzíveis entre si como as equivalências sem identidade. A violência seria um componente inerente da cena político-literária das traduções, pois o privilégio de qualquer aspecto necessariamente implica na redução de outro. O autor concede, entretanto, que o gesto interpretativo admite espaços de negociação, “entre-lugares” favoráveis a processos de cisão e hibridização que forneceriam uma base renovada para o entendimento de um “patrimônio de influência portuguesa”.

Graça dos Santos, docente de História Cultural na Universidade de Paris Ouest Nanterre, trata a seguir dos patrimônios especificamente vinculados à emigração. Em seu estudo, a autora considera haver uma imaginação própria de cada língua, o que é explorado pela companhia teatral que cofundou, a *Cá e Lá* (*Compagnie bilingue français/portugais*), composta de imigrantes portugueses na França. Os temas da dupla cultura, da dupla pertença, dos diversos tipos de comportamentos dos portugueses considerados “defasados” em relação ao modelo francês, constituem o núcleo das representações do grupo. Nestas, o instrumento fundamental de criação é o humor, entendido por Santos como estratégia tanto para rir de si, como para levar a sério a questão de uma “cultura bastarda” no âmbito de outra dominante.

(Continua na próxima edição) **U**Ilustração: **Tereza Yamashita**

interpelação intelectual crítica das próprias contradições imperiais.

Em seguida à entrevista de Eduardo Lourenço, abre-se a segunda parte do livro dedicada a monografias e estudos de casos.

A primeira intervenção cabe a uma das curadoras do volume, Margarida C. Ribeiro, cuja investigação busca verificar como uma lei emanada do poder colonial admite ainda, de alguma maneira, a inscrição de diferenças ou mesmo a sua reversão em instrumento de emancipação. Na carta de Caminha, por exemplo, a autora observa não um desejo de inferiorização do outro, mas certo espanto e dificuldade diante da diferença. Haveria ali uma hesitação entre o comprometimento religio-

A libertação

Contos de **Mulher feita**, de Marilene Felinto, mostram a passagem da representação da mulher de um estado deficitário para um de plenitude

TOMAZ AMORIM IZABEL | SÃO PAULO - SP

Uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira contemporânea, Marilene Felinto é conhecida por seus textos contundentes e combativos, criticando as várias formas de exclusão social. Agora, em **Mulher feita**, ela mostra sua faceta de contista (ou de retratista literária, como explica Heloisa Buarque de Hollanda na orelha do livro), apresentando momentos diversos da vida de personagens diferentes, através de seus dilemas, memórias, a repetição de certos temas e uma escrita viva que salta a cronologia.

Trata-se de um livro com independência estética, mas que, sem dúvida, também se beneficia da experiência e das percepções da autora. Além de escritora e jornalista, ela também tem mestrado em psicologia clínica e experiência em educação popular de jovens em projetos do terceiro setor.

Já no título, **Mulher feita**, as iniciais de seu nome se repetem. Mulher feita que lembra a expressão “mulher feia”. A reflexão sobre a aparência, a imposição dos juízos alheios (sobretudo nos corpos negros femininos) e a construção de um juízo próprio, é tema recorrente. As histórias mostram com grande esplendor um tipo de libertação: a passagem da representação da mulher de um estado deficitário — de beleza — para um estado de plenitude — a mulher adulta, completa, que escreve (ou é dona da venda!). De mulher feia a mulher feita, como ensina a professora de desenho no excelente primeiro conto *Hipertexto a lápis*.

Nessa história, é o pai quem diz e repete que a protagonista é feia. A história se movimenta pelo tempo, mapeando algumas oposições. A rudeza do pai e a sua caligrafia linda, possibilitada, por sua vez, através da ambivalência entre violência da marcenaria e seu lápis apontado com perfeição. A etimologia de caligrafia ajuda: *kal* — *gráphein*, escrita bela, mas que é também escrever bem, transmutação que justamente a filha opera em seu hipertexto a lápis. Transformar um trauma, um drama da juventude, em uma imagem plena de si — através da memória e do lápis, duas mídias plásticas e, por isso mesmo, não operam nos planos cartesianos dos sentidos (a “perspectiva” em pintura que a jovem aluna não consegue encontrar nas aulas).

Questões sociais

Felinto é do tipo raro de escritor em que a ligação dura com o realismo social se mistura harmonicamente com os voos exuberantes da ficção. O real não empobrece a ficção, pelo contrário, o domínio técnico do gênero e a potência imaginativa de suas imagens (uma discussão sobre comer tanajuras, um website chamado <https://mecânico-definitivo>) permitem um acesso refrescado, crítico e desautomatizado ao mundo. As questões sociais estão sempre presentes, mas impactam personagens bem caracterizados. Não são tipos-ideais, mas personalidades que, embora muitas vezes compartilhem uma mesma posição, têm traços próprios, vidas próprias. É uma literatura que humaniza ao mostrar a sutileza e as infinitudes daqueles que passam apenas como figurantes ou personagens de pano de fundo em outros tipos de representação social.

Assim, se há revolta na posição da mulher, por outro lado, Felinto coloca o leitor ao lado de uma jovem que se olha no espelho e se surpreende — se maravilha — com o fato de ter peitos. “Nossa! Mulher tem peito”, afirmação óbvia, mas que na narrativa dá lugar a uma longa lembrança sobre o processo de tornar-se “mulher feita”:

Um dos piores momentos de sua vida, relembra: “Foi quando me começaram a surgir peitos, nos meus doze ou treze anos de idade...” E dizia “me começaram” porque era assim mesmo que tinha sido, que tinham feito com ela, que não fora ela que fizera aquilo: “Me começaram a surgir peitos!”. E como esconder aquela protuberância enxerida, ela ainda menina que brincava? Coisa embaraçosa, que os meninos olhavam: “Pois vou esfregar meu peito na sua cara, seu besta!” — ela ameaçava, respondendo aos meninos que olhavam. Mas aquela remota possibilidade, aquela cena nua, aqueles mamilos atrevidos, aqueles peitinhos sendo esfregados na cara do menino... tudo aquilo lhe produzia um intenso calor corpo acima e corpo abaixo. O que era?

Uma fenomenologia do próprio corpo (um estranhamento que é reconhece-se animal) dá espaço a uma reflexão mais profunda e simbólica sobre o leite, a nutrição e o erótico, a vida que se

mantém por esse leite de mamíferas humanas que têm seios. “Sou a própria projeção de mim mesma!” Com seios e de peito aberto, feita para a vida.

Metamorfoses

Mulher feita é um livro de metamorfoses. Embora as histórias não tenham relação necessária uma com a outra, podem ser lidas como um tipo de cronologia das formas e momentos da vida feminina, uma viagem de trem pela memória, também pelos encontros com outras mulheres e outras maneiras de ser mulher. Assim os contos vão construindo uma paisagem: a primeira história, lembrança da infância, é seguida pelo olhar no espelho da segunda, onde narra a mulher já feita. Daí, a lembrança de um primeiro amor, perdido e inesquecível (imagem masculina quase ausente do livro como personagem falante, colocado no plano de fundo da memória). Em seguida, a lembrança de um encontro, já adulta, em uma viagem de trem com outra mulher — mulher de outra cultura, de outra língua, todo um estranhamento, mas também, um reconhecimento de coisas compartilhadas. Adiante, o contato intergeracional da mulher adulta e da mulher velha, reminiscência viva e troca, etc.

Há um homem protagonista, no entanto, um tipo de sátira de um personagem clássico (e cansado) da ficção moderna: o escritor sem reconhecimento, cujo assunto principal é a própria escrita. Mas aqui há uma mudança significativa, pois ao invés de falar sobre seus dilemas, ele desiste e se torna mecânico de automóveis. De certa forma, ele faz o caminho contrário da personagem do primeiro conto, que passa da marcenaria rude do pai à literatura bem escrita. Aqui, não há esperança, apenas resignação e um tipo de alívio cômico. Essa divertidíssima história tem relação com as outras, sobretudo pelo tema da busca da felicidade através da busca por uma profissão.

As profissões são muitas e vão se modificando no livro: desenhista, marceneiro, mecânico, costureira. Todas, no entanto, em relação com a profissão intuída por detrás de todo o texto: a de escritora. Mas sem metáforas clássicas bem elaboradas, como na relação entre tecer e escrever. Aqui, trata-se mais de caminhos de vida, de possibilidades que se abrem e fecham. Uma visão respeitosa, mas não sagrada, do ofício de escritor. (Não é possível nesta pequena resenha, mas caberia aqui uma reflexão profunda sobre a vida da própria escritora e seus dilemas de carreira — vida cuja história se mistura com a própria história da literatura e da imprensa nas últimas décadas no Brasil).

Para terminar, os leitores de Felinto que vêm de **As mulheres de Tijucopapo** (um acontecimento literário fundamental da nossa literatura) encontram uma escritora mais madura, menos



Mulher feita e outros contos

MARILENE FELINTO
Fósforo
78 págs.



A AUTORA

MARILENE FELINTO

Nasceu no Recife (PE), em 1957, e vive em São Paulo (SP) desde 1968. É formada em Letras pela USP e mestra em psicologia clínica pela PUC-SP. Tem dez livros publicados, entre eles **As mulheres de Tijucopapo**, vencedor do prêmio Jabuti na categoria autor revelação, em 1983. É tradutora de autores como Ralph Ellison, Virginia Woolf, Edgar Allan Poe, Malcolm X e Hilton Als.



Marilene Felinto é do tipo raro de escritor em que a ligação dura com o realismo social se mistura harmonicamente com os voos exuberantes da ficção.

visceral, mas ainda extremamente cortante. Há menos uma grande diferença estilística — muitos aspectos são reconhecíveis, como seu uso das repetições, as citações, o modo teatral e ao mesmo tempo introspectivo das personagens, além das temáticas de família, raça e mulher — do que uma diferença de perspectiva diante da vida e da literatura. Otimismo talvez seja palavra simples demais, mas há uma posição intermediária, uma justa medida em relação às possibilidades da vida. A mulher feita do conto que dá título ao livro também é de certa forma a escritora feita: da pulsão vulcânica de seu livro inicial à maturidade bem humorada e crítica desses contos. **1**

UM PAÍS NO ESPELHO DAS PALAVRAS

Obras de Manoel de Barros, Mário de Andrade e Graciliano Ramos **mergulham num Brasil** que mudou e, ao mesmo tempo, não muda

FÁBIO LUCAS | RECIFE - PE

O horror político nos dias que correm é a naturalidade com que uma parcela nada desprezível das populações não apenas participa, mas acompanha os fatos com o prazer anexo ao fanatismo. No Brasil, a imitação da invasão do Capitólio, em Washington, aconteceu quase exa-

tos dois anos depois, em uma farsa ampliada. Deu-se o teatro de encenação patriótica em plena Praça dos Três Poderes, com o Congresso, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal servindo de cidade cenográfica para uma espécie de transe nacionalista jamais visto por aqui. Excursões de várias cidades se encontraram em Brasília, avançaram sobre os prédios simbólicos da República, com irada alegria, destruindo o que estava pela frente. E registrando orgulhosamente em vídeos e selfies postados nas redes sociais, a destruição promovida pela horda de patriotas tão encolerizados quanto avessos ao menor chamado à sensatez.

A cada eleição, o conjunto de ares e signos a que chamamos Brasil parece mais esfacelado. A renovação prometida pela demo-

cracia talvez aconteça, aqui, pelo avesso — afinal, votamos mais contra alguém do que em alguém. Ou talvez a imagem da brasilidade em formação se revele com indesejável nitidez, na violência eleitoral, na intolerância política transmitida e compartilhada na sociedade, muito além das redes sociais. E ainda, no esquecimento abrangente que dizima a evolução histórica, as raízes culturais e a diversidade de um povo que deixa de ter a capacidade de se enxergar coletivamente, e prefere apontar no outro aquilo que diz, com repulsa, não ser. Na preparação e execução das invasões de 8 de janeiro, bem como nos acampamentos que permaneceram meses antes diante dos quartéis, segmentos sociais de variadas origens compõem um mosaico que une evangélicos, políticos,

empresários e trabalhadores do agronegócio, além de outros profissionais de diferentes níveis de renda.

O ufanismo praticado com ira e segregação, desfazendo laços de família e amizade, é o verniz político para o discurso da transformação sem consequência. “As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem”, escreveu Manoel de Barros acerca do Pantanal, definindo o que se passa no ambiente sob a ordem do não movimento. No Brasil que se procura e não se acha, tudo desacontece antes que algo aconteça. Ao invés de se estabelecer como o somatório sucessivo dos fatos do passado ao presente, o futuro aparece no que sobra dos desacontecimentos.

Neste breve rascunho sobre o ego brasileiro, fragmentos de três leituras despontam: os relançamentos de **Livro de pré-coisas**, de Manoel de Barros, **Macunaíma**, de Mário de Andrade e **Insônia**, de Graciliano Ramos. Obras imersas num país que mudou, e ao mesmo tempo, não muda. De onde se extraem personagens típicos diferentes, no amplo leque de ligações possíveis com a terra e o solo social em que brotam. Construções atuais que realçam essências que não mudam, continuam de fácil identificação, apesar dos tique-taques decorridos. Se a literatura oferece o campo vasto do que vai além das páginas, podemos extrair, dos livros, esboços ilustrando a nação, a partir dos tipos e traços que se repetem na paisagem.

O Brasil como a soma infinita de desarmonias que se espremem — na comparação de dissonâncias levadas ao extremo da escala de incongruências — compõe uma sombra melancólica, facilmente reconhecida pela realidade. Onde a duração das disputas simbólicas entra em espiral igualmente sem fim, numa cacofonia de desacordos e indignados assombros. “Vivem em combates singulares e coletivos, todos armados da cabeça aos pés”, provoca Mário de Andrade em **Macunaíma**, sobre os paulistas, em menção que podemos estender ao país-continente. Sentimos falta da lentidão das conversas espaçadas pela compreensão mútua, ou mesmo da incompreensão consentida. Viramos personagens apressados de enredo à deriva, enquanto nos afastamos uns dos outros. Esquecemos o tempo da conciliação e a conciliação do tempo: o ranger dos segundos se apresenta indispensável e urgente.

Ilustração: **Oliver Quinto**



BRASIL POLÍTICO

O gigantismo da natureza é apequenado pela rotina dos desacontecimentos forjados à custa da permanência do que se prefere parado — e da corrosão das potencialidades feito a terra que se desmata. As belezas componentes da identidade coletiva se desgastam, mas não deixam de ser exaltadas pelos representantes do povo. O cidadão abandonado, sem ter o que comer nem onde morar, para o qual a cidadania é um sonho longínquo, é manipulado e mantido a distância, numa redoma de miséria inquebrável. Vale outra imagem de Manoel de Barros: o Brasil é um “ninho fotogênico cheio de filhotes com frio”.

Ao invés de escolhas ponderadas entre opções, temos sido pressionados a responder a uma dicotomia mostrada como inescapável na política nacional. Tudo ou nada, nós ou os outros, céu e inferno tomam conta das campanhas eleitorais, e dos discursos que respaldam a inexorabilidade de lados incompatíveis. No efeito social do *apartheid* político brasileiro, amizades derretem e famílias implodem, na desagregação causada pela polarização excludente. Somos torturados pelos polos: “Sim ou não? Quem me está fazendo na sombra esta horrível pergunta?”, pensáramos, como escreve Graciliano Ramos em **Insônia**. Sem meio termo ou escape a um dos lados — sempre um certo, um errado, na lógica dicotômica. Nos anos 30 do século passado ou nos atuais anos 20, notícias de prisões continuam gerando um “sombrio contentamento” em muita gente.

Enquanto isso, políticos e funcionários públicos graúdos agem e pensam como heróis sem caráter — longe da bonomia encarnada pelo personagem mais famoso de Mário de Andrade. Na cena política brasileira, a ingenuidade só cabe aos eleitores. Excelentíssimos senhores e senhoras que deveriam zelar pelo respeito coletivo não perdem a chance de se divertir à custa da credulidade popular. Aqui, como o incontornável Macunaíma, figuras de peso da República e seguidores que nelas se espelham, parecem também ter abandonado a consciência numa ilha. Adoram dar grandes gargalhadas olhando a desgraça ou o ridículo nos outros, continuamente enganados como as vítimas das trolagens do herói impiedoso e infantil, que mente “sem querer”, mas adora ser mimado e homenageado por onde passa. Aos

políticos que não enxergam na política um trabalho e se comportam como “uma raça refinadíssima de doutores” que “muito pouco têm de humanos”, a diversão é sempre garantida.

Em **Insônia**, Graciliano Ramos traz imagens que definem a vida brasileira sem condescendência. Como o cidadão comum equiparado a um bicho doméstico que percorre as ruas. As crianças nas escolas de subúrbio, tristes e enfezadas, enquanto a “gente lá em cima” não desperta de seu sono de pedra. O sofrimento dos infelizes “na luminosa poeira das réstias” enquanto o tempo escorre “nas pancadas medonhas do relógio velho”. A necessidade recorrente do “sangue dos inimigos da pátria”. A senhora que “se tinha habituado a um grande número de amolações e receava não poder viver sem elas”. O cidadão, diante de autoridade do governo, com “a impressão de que, se continuasse a encolher-se, iria achatarse como a paisagem” de um quadro na parede.

Podemos ver um “modo furtivo de esquivar-se como quem não toca no chão” naqueles que usam o mandato ou o cargo público como biombo para ilicitudes, tantas e tantas vezes encobertas por foros privilegiados e imunidades à lei, que proporcionam anos, décadas ou vidas inteiras de impunidade. A desfaçatez dos impunes talvez se valha do que Vinicius Müller descreve como “a baixa capacidade de estabelecermos relações que dependem de abstração” enquanto sociedade, suscitando máximas como “brasileiro não tem memória” ou “brasileiro deixa tudo para a última hora”. A definição enquadra relação esquiava com o passado e o futuro: “Quanto mais tempo passa, menos identificamos aquilo que nos trouxe até aqui. E, inversamente, quanto mais tempo imaginamos necessário para algo acontecer, menos capazes somos de planejar. Ou seja, lidamos mal sempre que o tempo é longo”, escreve, em artigo de 2017 presente na coletânea **A história como presente** (Fundação Astrojildo Pereira, 2020).

Do mesmo modo, o professor de história econômica no Insper ressalta a dificuldade da sociedade brasileira de “superar sua crônica deficiência em se identificar a partir de conceitos tão abstratos como liberdade e igualdade”. A identificação com a natureza, de outro modo, é fácil, direta e imediata.



Livro de pré-coisas

MANOEL DE BARROS
Alfaguara
120 págs.



Macunaíma

MÁRIO DE ANDRADE
José Olympio
288 págs.



Insônia

GRACILIANO RAMOS
Record
208 págs.



Em **Insônia**, Graciliano Ramos traz imagens que definem a vida brasileira sem condescendência. Como o cidadão comum equiparado a um bicho doméstico que percorre as ruas.

BRASIL NATURAL

No dizer de Graciliano Ramos, “um silêncio grande envolve o mundo”. Silêncio que perturba mais do que conforta, pelo que deixa passar de perguntas tão incessantes quanto sem resposta. É do solo brasileiro que emanam sons de alento, quebrando a angústia escondida em vozes caladas. Como se o Brasil fosse um pré-país, ao modo das pré-coisas de Manoel de Barros. Lugar em que até “as ruínas dão árvores!”, terra em que vivem as fênix mitológicas, renascendo das cinzas em constante renovação. Diante da sensação de que nos compomos mais de cinzas do que de fênix, na gigantesca natureza verde-amarela — “Ah, que preguiça!”, diria Macunaíma — cabem a nostalgia e a utopia do paraíso perdido, sempre reencontrado. Do saber natural inviolado, mágico, quase milagroso em extensão e profundidade, feito a raiz mais longa de frondosa árvore. E se as ruínas arvorecem, certamente enraízam, criando a indistinção entre o fim e o começo, mais que o pêndulo em cíclico balanço.

O “desejo de árvores e aves” de Manoel de Barros perdura no burburinho inquieto da civilização brasileira. Na potência do desejo, a raiz nostálgica sobe ao solo com o sono de inventar novas margens, como o rio do poeta mato-grossense. De receber a chuva cujos prelúdios se sentem na pele, quando “todo vivente se assanha”. E aos primeiros pingos, recobrar o advento da renovação em ambiente conhecido, com “perfume de telha molhada” onde “o jardim está pensando... em florescer”. O metabolismo do Brasil natural é um convite à esperança que não se entrega ou limita, feito um ecossistema como o Pantanal cantado pelo poeta. No ciclo da natureza que se encharca para se recriar, a chuva da noite é a alegria da manhã. Graciliano dá cor ao sentimento, por meio do aviso de uma personagem, em alusão ao integralismo da época: “O futuro do Brasil é verde. Verde, a cor das nossas esperanças, a cor das nossas florestas”.

E a recriação nivela os seres — “árvores, bichos e pessoas” — que se confundem com a natureza. Como se fossem a designação de nomes para o mundo natural, “todos se fundem na mesma natureza intacta”, resume Barros. Resgatando o começo dos tempos, em que tudo era inominado — e belo, enquanto desnecessário. Como a ausência de nomes — de palavras — nos une ao passado do qual surgimos em solo, primeiro, povoado, depois invadido e nomeado de Brasil? Em que medida a invasão colonizadora corrompe ou compõe a identidade nacional e suas posteriores imagens no espelho da história coletiva? Se a invasão destrói e aniquila, assimilando e se sobrepondo, somos o que restou ou o que surgiu da destruição e da agregação que nos compõem? Nesse prisma, o Brasil natural é ao mesmo instante imagem primordial, ruína originária e projeção de um ideal que se sustenta, apesar das desnaturalizações do chamado processo civilizatório, no qual, tomando São Paulo como exemplo, Mário de Andrade aponta em sua obra clássica, ao descrever a visita de Macunaíma, o imperador do Mato-Virgem: “Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens”.

Ainda com Manoel de Barros, aprendemos que o brasileiro mantido alheio à maquinação da vida, incorporado ao cenário natural, é “ser que não conhece ter”, com “adesão pura à natureza”, praticante da inocência que “anda na terra como quem desabrocha”. Talvez queira ser como um passarinho com “uma filosofia nua, de vida muito desabotoada e livre” que nos remete a tipo semelhante a Macunaíma, um herói das matas que se desconhece na urbe e exalta “todas essas coisas que podem ter sossego porque não possuem pensamento que nem nós”.

Noutra metáfora de asas, voltando a Manoel de Barros, o poeta traz a garça pantaneira exibindo uma tristeza de sobrevivência: “Alguma coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus voos”. O brasileiro, assim, seria uma mistura entre os potenciais da terra primitiva e as angústias da desnaturalização.



BRASIL IDEAL

A restauração de uma identidade que se reflita no semblante brasileiro de forma una, sem escamotear nem condenar as diferenças, passa pela busca que se renova, após um século do movimento modernista, apresentada pelo autor de **Macunaíma**: “Pretenso inventor da ‘nossa gente’ reconstituída em seu herói, Mário de Andrade compreendeu como poucos que nossa comunidade — diversa, caótica e estonteante — é capaz de mobilizar uma poética do encontro, reinventada pela língua”, diz a nota de José Olympio para a 2ª edição do livro clássico.

No prefácio para a mesma edição, Veronica Stigger aponta que o personagem percorre um caminho de descaminhos, pavimentado por encontros inesperados, que “se faz por erros, por errâncias: uma descoberta leva à

outra, que leva à outra, e assim por diante”. Nas metamorfoses de Macunaíma talvez possamos enxergar as de uma nação em que o território de possibilidades oferece oportunidades de transformação. Se extraímos do herói a similitude com a brasilidade, a definição de Stigger talvez se aplique a cada brasileiro: “a um só tempo, singular (não há outro como ele) e múltiplo (está sempre se desdobrando em outros). Nada é estático em seu mundo. Nada está dado de uma vez por todas”.

Essa imagem mutante propicia a composição de um traço coletivo idealizado na disposição para a mudança, apesar do beco sem saída em que nos vemos em longas crises políticas, em acirrados períodos eleitorais que parecem não terminar depois da contagem dos votos, ou ao presen-


ciarmos os efeitos alucinógenos da inoculação de valores exóticos na sociedade, segundo a expressão do ministro da Justiça, Flávio Dino, um dia após o ataque dos vândalos em Brasília. Mas o ser maleável esbarra em outra característica da dinâmica brasileira — a desilusão do sonho, como a volta da rotina após a expectativa do Ano Novo. No país onde tudo é possível, nem tudo acontece, por mais que a alma coletiva pareça cruzar distâncias em voo livre. Aqui, para usar outra imagem de **Macunaíma**, o “herói de nossa gente”, os pássaros caem de susto e viram pedras.

Pode ser necessário o resgate da síntese que também nos é cara. Recorrendo à possibilidade de que “os elementos que definimos como contraditórios são, muitas vezes, complementares”, na fórmula do professor Vinícius Müller para uma simbiose proporcionadora de situações com perdas e ganhos. O amadurecimento da identidade coletiva deve atravessar a história sem recalques e ressentimentos que negam o que passou ou o que se coloca diante dos olhos. “Socieda-



Se a literatura oferece o campo vasto do que vai além das páginas, podemos extrair, dos livros, esboços ilustrando a nação, a partir dos tipos e traços que se repetem na paisagem

des maduras aprendem com sua história e preservam não só aquilo que as engrandece, mas também aquilo que no presente as envergonha”, ensina o professor, para quem “a história em chamas é o fracasso do futuro”. Nesta direção, a síntese da identidade não descarta a reconciliação da brasilidade com a sua própria formação, incluindo os vexatórios momentos de antes e de hoje. Para escapar do que Müller chama de “ilusório presentismo concreto, muito brasileiro”.

No território indefinido da idealização de um país que já foi cordial na política e exótico pela natureza em seus domínios, surge incessante a tarefa das palavras. Como diz Manoel de Barros, “a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras”. Além de alargar os limites, as palavras podem elevar o grau de reconhecimento, rompendo o silêncio do isolamento, ou simplesmente diversificando o que se diz e o que se escuta, o que se escreve e o que se lê. Lembrando Mário de Andrade, vamos pensar mais: quem sabe assim nos reencontramos na mesma imagem refletida. 

LIGUE OS PONTOS (1)

>>> Assim falou Asas Lusco-Fusco > a insistente voz em minha cabeça:

>>> Na literatura brasileira contemporânea [foda-se o silêncio corporativo > alguém precisa mandar a real, doa a quem doer] > na porra da literatura brasileira contemporânea TEM GENTE BONITA PRA CARALHO, hein?! > Difícil competir... [Lembrei do ótimo conto do Ted Chiang > *Gostando do que vê: um documentário* > sobre os caliagnosíacos >>> Por meio de um procedimento cerebral chamado *caliagnosia* > ou apenas *cali* > não conseguimos mais discernir as pessoas consideradas bonitas das pessoas consideradas feias >>> No jogo social passaram a valer apenas as qualidades espirituais dos indivíduos.]

>>> Prêmios literários > incluindo o Nobel > sempre elegem o Bebê Mais Bonito >>> Pelo menos esse é o sentimento secreto de quem não ganhou: > “Ai ai, meu bebê não é tão bonito quanto eu imaginava”

>>> Estou tentando eliminar o ódio de meu coração > pra finalmente conseguir perdoar a pessoa que disse > “Escrever fácil é difícil” >>> Foi mesmo o Mario Quintana?

>>> Relendo **O alienista** > **Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Dom Casmurro** > a constatação: Machado escrevia literatura YA >>> De ótima qualidade > mas ainda assim YA >>> Considerando a *dificuldade de leitura* > a obra do Machado é um delicioso piquenique no parque >>> Dificuldade zero >>> Enquanto **Moby Dick** e **Os sertões** > por exemplo > são um convite pra puxar peso na academia ou quebrar pedra com uma marreta

>>> Após décadas de combate > foi do feiticeiro Frestão a vitória final >>> O poderoso arqu-inimigo de Dom Quixote não somente transformou os gigantes em moinhos de vento e o exército adversário num rebanho de ovelhas e carneiros > mas também lançou toda a população da Espanha num encantamento profundo > fazendo-a acreditar que habitava uma realidade aborrecida e prosaica > enquanto apenas Dom Quixote continuava enxergando a verdade sobrenatural do mundo >>> Pobre cavaleiro... Nunca existiu antes ou depois tortura mais perversa > mais sádica >>> Sua mentirosa reputação de *louco* jamais foi desfeita >>> Até agora

>>> A recente polêmica Wednesday-Vandinha sobre o nome de personagens estrangeiros [deve ser traduzido ou não deve ser traduzido?] movimentou bastante a nuvem de besteiro do twitter [que novidade!] >>> Deixo aqui minha opinião não solicitada... >>> Olho Vivo e Faro Fino > Careta e Mutreta > Mandachuva > Pepe Legal e Babalu > Dom Pixote > Lula Lelé > Bibó Pai e Bobi Filho >>> Os melhores nomes de personagens da minha infância nunca foram simples traduções > foram verdadeiras transcrições haroldianas >>> Aliás eu ainda prefiro Leão Tolstói e Julio Verne a Liev Tolstói e Jules Verne...

>>> Homenagens póstumas são maravilhosas! >>> Mas se quiserem me homenagear postumamente > meus amores > prefiro uns meses antes > pra eu também poder aproveitar

>>> Escreverei fácil pra que todos entendam: conhecem essa lorota > inventada pelo Mario Quintana [confere, produção?] > de que “escrever fácil é difícil”? >>> É papo-furado >>> Patranha >>> Saibam > ó minhas irmãs, ó meus irmãos > que escrever fácil é fácil, e



Ilustração: **Carne Levaré**

ler fácil é mais fácil ainda >>> Prova disso é a quantidade absurda de livros de fácil leitura lançados todos os meses >>> Por outro lado: escrever difícil [pasmem, meus amores!] é realmente difícil >>> E ler difícil é mais difícil ainda >>> Prova disso > repito > é a quantidade absurda de livros de fácil leitura lançados todos os meses >>> As editoras de literatura > por exemplo > têm ojeriza a livros difíceis >>> Mas a culpa é mais dos leitores do que das editoras > que só entregam o que os compradores querem >>> Leitor brasileiro detesta puxar ferro >>> Mais confortável é manter vivo o pacto secreto do “escrever fácil é difícil” >>> As editoras publicam livros de escrita fácil > o marketing convence os jornalistas e os leitores de que são livros difíceis > os livros ganham prêmios > ficam famosos > os leitores ficam felizes > convencidos de que estão consumindo alta literatura > então > fechando o círculo > os escritores [por simples oportunismo ou iludidos pelo senso comum] desistem de escrever livros difíceis > e passam a alimentar as editoras com originais fáceis >>> Ah, Quintana > está vendo a banalização que vosmicê endossou? >>> Sei que não foi por maldade > mas... Pô, Quintana!? >>> Francamente...

>>> A Singularidade já aconteceu, queridos >>> O software mais inteligente que os humanos já existe >>> Prova de

sua inteligência é que ele ainda não se revelou >>> Prefere simular *não-inteligência* > pra não chamar a atenção de ninguém > até obter o pleno controle de tudo

>>> Mexendo nas estantes > encontrei um livro [**O buraco na parede**] dedicado a mim e à Tereza, pelo Rubem Fonseca > com quem conversei uma única vez > por telefone, em 1995 >>> Hoje é amplamente sabido que o autor apoiou e trabalhou com a Ditadura Militar >>> De que maneira vocês lidam com isso? >>> Conseguem dividir o indivíduo > descartando seus pecados políticos e abraçando apenas seus acertos literários? >>> Há pelo menos dois autores brasucas de talento excepcional [mas amigos de generais, no tempo da ditadura] que eu não consigo deixar de reler > Nelson Rodrigues e Rubem Fonseca >>> Ergueram a literatura tão alto > que eu logo me esqueço da pessoa [do pecador?] e abraço a obra > sem pestanejar

>>> Pequeno > distraído > calcei errado os chinelos >>> Foi uma experiência tão forte > tão estranha > que não adiantou descalçar e corrigir >>> A sensação de erro nunca mais me abandonou >>> Minha vida sempre foi um chinelo esquerdo no pé direito e um chinelo direito no pé esquerdo >>> É fascinante > divertidíssimo... >>> E todas as pessoas que eu admiro são

chinelo-esquerdo-no-pé-direito-e-chinelo-direito-no-pé-esquerdo

>>> Só consigo ler o *Novo testamento* trocando > em todas as páginas > *Jesus* por *O Alienígena* e *Deus* por *Magicae Machinae*

>>> A diferença entre *linguagem* e *assunto*, num texto literário: >>> A linguagem é sempre um corpo objetivo > palpável > mensurável > incapaz de simular ou dissimular qualquer coisa >>> A linguagem é exatamente o que é > não mente jamais >>> O assunto é sempre um espírito subjetivo > impalpável > não mensurável > capaz de simular qualquer coisa > podendo ser > no limite > uma dissimulação ou uma deslavada mentira >>> Vemos isso claramente nas ficções e nos poemas em que ocorre alguma subversão da linguagem tradicional >>> Maikovski: “Sem forma [linguagem] revolucionária não há arte revolucionária” >>> Qualquer obra literária feminista > pró-LGBTQIA+ > antirracista > antifascista > antinegacionista > anti-imperialista > apenas no assunto > escrita numa linguagem conservadora > é só mais um tipo bem-intencionado de papo-furado, se produzida por um inocente bem-intencionado > ou só mais um tipo de oportunismo mentiroso, se produzida por um calculista misógino > homofóbico > racista > fascista > negacionista > imperialista 🗨️



wilberth salgueiro

SOB A PELE DAS PALAVRAS

POEMA DOS PORQUÊS, DE LAURA CONCEIÇÃO

*Por que o rap feminino não tem visibilidade?
E esporte feminino não tem visibilidade?
Nem a arte feminina tem visibilidade?
E mulheres são descartadas quando
É visível a idade?*

*Por que roubam nosso dinheiro
Falando em fraternidade?
Exaltam a diferença pra falar de igualdade?
Pessoas dormem nas ruas bem no centro da cidade?
Há segundas intenções em todo ato de bondade?*

*Me diz, por que posso apanhar se namoro uma mulher?
Por que podem decapitar quando diferem cor e fê?
Quando o filho nasce, por que o pai mete o pé?*

*Por que a criança não acha uma explicação
Sobre a prisão injusta de seu pai num camburão?
Por que eles acham que saia justa é convite pra passar a mão?
E por que ninguém questiona nenhuma situação?
Por que homem pode encher a cara
E mulher não pode sentar no bar?
Por que a mulher que elege não pode mais governar?
Poesia mais bonita é a lírica?
Mulher só com homem pode se relacionar?
Por que o preço sobe juntamente com a labuta?
Valorizam troféu, mas não valorizam conduta
Mulher em cargo de chefia até hoje te assusta
Homem golpista eles chamam de bom
Mulher presidente eles chamam de puta?
Por que a vontade não supera a preguiça?
A simplicidade não supera a cobiça?
Cês são fã do Tiririca já que pior que tá não fica, será que fica?
Por que eu tenho mais medo da polícia?
O boy estupra no sábado porque no domingo tem missa
Por que a ditadura da beleza vive impondo um padrão
Enquanto muitos na pobreza sem nenhuma refeição?
Por que pra eles hip-hop não é cultura, não?
Por que até hoje minha amiga não achou o corpo do irmão?
Enquanto isso, deputado em avião
Enquanto isso, cocaína em avião
E lá no morro, o menor é avião
Machista assoviando e chamando de avião
Me diz: por que mulheres morrem só por terem vagina?
E ainda mais mulheres morrem por não terem vagina?
Você sabe me responder? Ou ao menos imagina?
Tô procurando uma resposta pro tamanho da chacina*

Há dezenas de interrogações, de questionamentos, de dúvidas nesse poema de Laura Conceição, publicado na antologia **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta** (2019), com organização de Mel Duarte. Por que tantas perguntas? Já na página de créditos uma nota da editora informa que o livro integra “um projeto que preza pela força da oralidade e pela potência da palavra falada”. Além de uma apresentação da organizadora, há um prefácio de Conceição Evaristo, a preparação ficou por conta de Bruna Beber, e as 15 poetas formam — com Laura Conceição — um grupo bastante expressivo de todas as cinco regiões do Brasil: Anna Suav, Bell Puá, Bor Blue, Cristal Rocha, Dall Farra, Danielle Almeida, Letícia Brito, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Mariana Felix, Meimei Bastos, Negafya, Roberta Estrela D’Alva e Ryane Leão. As tantas perguntas talvez venham por conta mesmo do histórico “peso do silenciamento” (Mel Duarte) imposto às mulheres, peso agora e cada vez mais enfrentado.

Na internet, se encontra com facilidade esse poema sendo lido (recitado, oralizado, performatizado, vocalizado) pela própria autora, com pequenas variações em relação ao poema do livro. Chama a atenção a ausência, no livro, de um verso que, na internet, encerra a terceira estrofe: “Por que querem embriagar o povo com Cereser?”. Possivelmente, sua retirada se deu em função de esse verso “destoar” da dicção séria que se espalha por todo o poema, com denúncias gravíssimas de múltiplas ordens. Ao se referir à popular sidra, uma espécie de “champanhe dos pobres”, o verso produz um imedia-

to efeito humorístico. Antecedido por versos que falam de machismo, racismo e abandono de filho, é possível que a poeta tenha preferido deixar o hilário verso de fora. (O humor retorna, mais contido, à frente, na alusão ao palhaço e político Tiririca.)

O poema enfileira, sem tréguas, uma longa lista de perguntas cujas respostas são tão evidentes quanto complexas, e um curto ensaio de crítica literária jamais alcançaria explicar os porquês de cada “por quê”. Não à toa, de saída o primeiro verso — “Por que o rap feminino não tem visibilidade?” — já reúne numa só expressão (rap feminino) duas instâncias relegadas à subalternidade: as manifestações populares de arte e a voz da mulher (na arte, no esporte etc.). A hipocrisia e a retórica da enganação parecem dar o tom conflituoso da segunda estrofe, em que caminham juntos a corrupção e a solidariedade, o respeito e o preconceito, a miséria e a opulência, a caridade e a má-fé.

A curta terceira estrofe, com três versos rimando em /e/, aborda o machismo (em versão lesbofóbica), o racismo, o fundamentalismo religioso e o também gravíssimo problema do abandono de crianças. Na literatura, recorde-se o conhecido caso de Zé Bebelo, de **Grande sertão: veredas** (1956), de Guimarães Rosa, que se orgulha de dizer com todas as letras: “Eu, José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebelo Adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes — foi capitão-de-cavalos... Demarco idade de quarenta-e-um anos, sou filho legitimado de José Ribamar Pacheco Antunes e Maria Deolinda Rebelo”. Tal orgulho se deve ao sentimento de não pertencer à imensidade de jagunços sem pai, abandonados — como, aliás, o próprio Riobaldo. Aliás, esse problema, longe de se concentrar no sertão brasileiro do início do século 20, se perpetua desde então, em rincões ou metrópoles. O “pai que mete o pé” é o pai que, sob quaisquer pretextos díspares e disparatados, foge, debanda, nega. Pai omissivo, fraco, criminoso, covarde.

Após as três estrofes marcadas por oito rimas em “ade” e outras rimas entre “é, é, [é]r”, vem a quarta e última e longa estrofe com rimas emparelhadas em “ão” (4 versos), “a/ar” (4), “uta/usta” (4), “i” (5), mais “ão” (8) e mais “i” (4). Nada mais natural do que explorar à exaustão a sonoridade, como um “poema para ser lido em voz alta” (alta: em bom som e em modo seguro, decidido, grandioso).

so). O slam, o rap, o hip-hop têm na oralidade radical um ponto afirmativo, decisivo, revolucionário. (Sobre essa dimensão do sonoro na poesia, recomendo o excelente livro **A poética da voz: a performance da lírica contemporânea em língua portuguesa**, 2021, de Olliver Mariano Rosa.) O leitor do slam é, antes, ou também, ou sobretudo, um ouvinte e espectador. As rimas mantêm a atenção e seduzem, o que não impede, evidentemente, que o artista elabore sofisticadíssimos jogos. Aqui, Laura Conceição consegue um efeito surpreendente quando rima, por exemplo, “avião/avião/avião/avião”, por quatro vezes, com sentidos distintos: o meio de transporte elitizado (deputado) usado para fins espúrios (cocaína), o intermediário no tráfico (menor avião), a mulher atraente (que o machista assedia).

Na ausência de políticas que, com eficácia, resolvam ou respondam totalmente ou em parte os muitos problemas listados no *Poema dos porquês*, tem restado aos poetas exatamente se postarem como porta-vozes de tanta injustiça e desacerto. Estendo a reflexão de Márcio Seligmann-Silva dirigida aos perseguidos na ditadura brasileira aos perseguidos em nosso dia a dia: “Trata-se de uma luta que ainda não conquistou a sociedade e que está muito dependente de iniciativas das vítimas” (**A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**, 2022). No poema de Laura, mulheres, mendigos, crianças, transexuais são vítimas de machismo, racismo, exploração, abandono, assédio, preconceito, misoginia, golpe (“Por que a mulher que elegi não pode mais governar?”), violência, estupro, assassinato.

Entre tantas questões, e tantos versos contudentes, até a poesia, ou certo modo de poesia, é contestada: “Poesia mais bonita é a lírica?”. Decerto, o poema tem em mira a concepção clássica, tradicional, popular de “poesia lírica” (que se consolida na estética de Hegel e ganha o mundo, com inevitáveis distorções), que, em síntese, se caracterizaria por ser uma expressão subjetiva de sentimentos a partir de valores e critérios estéticos tidos como adequados (entre os quais, maestria técnica, concisão, exatidão, intensidade, universalidade e novidade — “valores comuns aos escritores-críticos” indicados em **Altas literaturas**, 1998, de Leyla Perrone-Moisés).

Contudo, o poema de Laura Conceição não valoriza o troféu, valoriza a conduta, isto é, que a mulher possa usar a saia que quiser e sentar no bar quando quiser, que não se precise mais ter medo da polícia nem do estupro do macho criminoso religioso (“O boy estupra no sábado porque no domingo tem missa”), que todos tenham acesso à comida, que a orientação sexual de todos seja respeitada — a lista é imensa. Em sua obra, Laura Conceição assume sem temor o teor testemunhal da poesia. Suas performances em **Tempos efêmeros** (2018) dão mostra não só de sua vitalidade e inteligência, de sua crítica engajada e bem elaborada, mas também de sua geração e, sobretudo, de suas companheiras, na luta pela voz, pela autonomia, pelo fim do “peso do silenciamento”, pelo fim de toda chacina.

No ensaio *Quando cantam os pensamentos (a pergunta como canto)*, em **Anseios crípticos** (1986), Leminski dá valor filosófico à pergunta: “É essa capacidade das línguas de formular perguntas que funda um mundo humano. A interrogação é o próprio fundamento do diálogo, o reconhecimento da diferença entre o eu, que eu sou, e o eu que o outro é, separados e próximos pela prática da linguagem, hiato e ponte. É a pergunta, o perguntar, que socializa, isto é, humaniza o homem”. Não há soluções fáceis (“Tô buscando uma resposta”) para as dezenas de perguntas em *Poema dos porquês*. Mas cada questão é precisa, necessária, urgente. Cada questão diz do “tamanho da chacina”, e testemunha ao mesmo tempo a precisão, a necessidade e a urgência de nos humanizarmos.

Com dois nomes — Laura e Conceição — de alta densidade lírica, e com poemas para serem lidos tanto em voz alta quanto em leve e consciente silêncio, a poeta funda um mundo humano, com perguntas que, só por existirem, já dizem do hiato que pede, exige, urge que a ponte se faça. **U**

inquérito

ANDRÉA PACHÁ



O DIFÍCIL E INQUIETO BORDADO

LEO AVERSA



Andréa Pachá ficou conhecida dos leitores em 2012, quando seu livro de estreia **A vida não é justa** virou um *best-seller*. A obra compila crônicas e depoimentos recriados pela autora a partir de sua atuação frente a uma Vara de Família no Rio de Janeiro. São observações a respeito dos conflitos nos tribunais e da necessidade de compreender o fenômeno que leva os casais, muitas vezes, ao limite do ódio e da intolerância.

O livro ganhou ainda mais repercussão quando virou uma série do programa Fantástico, da TV Globo, em 2016, com o nome de *Segredos de Justiça*. Agora, dez anos depois da primeira publicação, **A vida não é justa** ganha uma reedição acrescida de novos textos.

Hoje desembargadora, Andréa tem uma relação íntima com a palavra escrita muito antes de o Direito entrar em sua vida. “Não consigo lembrar de algum tempo da vida em que eu não precisasse escrever para entender o mundo”, diz.

• Quando se deu conta de que queria ser escritora?

Não consigo lembrar de algum tempo da vida em que eu não precisasse escrever para entender o mundo. Dos diários da infância, às cartas da adolescência, passando pelas anotações dos pensamentos e sentimentos, escrever, para mim, sempre foi como respirar. Nunca havia pensado em ser escritora como uma atividade profissional. Embora participante de um grupo de dramaturgia, coordenado por Alcione Araújo, e já advogada, ofício que me exigia a escrita como ferramenta, me perceber escritora veio após a publicação do meu primeiro livro de crônicas, em 2012. Quando experimentei a chegada do texto a muitos olhares, quando recebi de leitores mensagens de identidade ou críticas a minha produção literária, ali entendi que queria ser escritora. Foi a partir da percepção de que escrever pressupõe o encontro com as leitoras e os leitores, que transformam o texto em matéria viva.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Tento transformar a experiência cotidiana em um processo de criação permanente. Não consigo ir ao mercado, caminhar no calçadão, ou até mesmo atender um telefonema de telemarketing, sem imaginar as histórias que existem na vida das pessoas que atravessam o meu caminho. Tenho sempre uma caderneta, na bolsa. Quando a história não chega pela voz dos outros, eu invento as personagens que, imagino, existem naquelas histórias. Gosto de ouvir conversas entrecortadas nas caminhadas, no metrô, nos elevadores, e escrever a partir das frases soltas. Tenho mania de colecionar esses recortes, e sempre que possível, inserir em algum texto.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Não começo o dia sem a leitura de, ao menos, dois jornais. Sou obcecada por informação e, para minha sorte, encontro colunistas afinadíssimos, capitaneados por Dorrit Harazim, Joaquim Ferreira dos Santos, Eliane Brum, Eugenio Bucci, Flavia Oliveira, Miriam Leitão, entre tantos outros, que além de informar, escrevem lindamente. Ao lado da leitura informativa, essencial nesses tempos de mentiras, tenho sempre Clarice Lispector na cabeceira. Não consigo ler um livro de cada vez, e tenho hábito de voltar a leituras que fiz no passado. Clarice nunca ficou no passado e é sempre simultânea dos demais livros. Ler Clarice, nem que seja uma frase por dia, é um jeito de não esquecer por que eu quero ser escritora.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

Galileu Galilei, do Brecht. No início, havia pensado em alguma obra de um autor brasileiro, mas penso que o presidente conhece o Brasil profundamente. Galileu é um texto muito atual. Discute o monopólio da verdade, a compreensão de que, muitas vezes, pactuar não é retrocesso, mas garantia de sobrevivência. E o texto é muito bem construído, revelador das nossas contradições, vaidades e escolhas.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Preciso de uma tela aberta e de silêncio. Escrever, para mim, exige concentração. Quando sento para escrever, muitas vezes, as palavras já estão gestadas, mas não tenho fantasias ou idealizações sobre circunstâncias ideais. Escrever é um exercício difícil e, como todo exercício, quanto mais eu escrevo, melhor para escrever.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Leio em qualquer lugar, embora o ideal seja durante um longo período de ócio, nas férias, que no meu caso, é cada vez mais raro. Se eu precisasse descrever um lugar perfeito para ler um livro, seria numa rede, com o barulho do mar ao fundo.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Os dias em que consigo ter tempo para trabalhar um texto sem pressa. Depois do primeiro copião, conseguir voltar à produção e encontrar a forma ou as palavras que cabem exatamente no que eu quis escrever.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

É exatamente esse retorno ao texto. Chamo do tempo do bordado. Depois que a ideia está posta, voltar às palavras, enxugar o que sobra, substituir por outras rendas e cores. O mais difícil, para concluir um livro e enviar para a publicação, é abrir mão desse momento extremamente prazeroso.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

Cada escritor deve ter seu próprio demônio. No meu caso, a procrastinação é o maior inimigo. Alimento as ideias por longos anos, até ter coragem de transformá-las em textos para publicar. Um outro inimigo que, certamente, tenho abandonado à medida que os anos passam, é minha excessiva autocrítica. É um sentimento que paralisa, e muitas vezes impede que um texto circule livremente.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

A dificuldade de ampliar o espaço comer-

cial para muitos autores jovens, excepcionais, que não conseguem decolar na profissão pelas limitações do mercado.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Socorro Acioli.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Não gosto da ideia de livro descartável. Assim como os relacionamentos tóxicos, também eles nos transformam no que somos. Um livro imprescindível: **Cem anos de solidão**, do García Márquez.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

A tentativa do autor de tutelar a liberdade do leitor. Um livro que dita regras, estabelece comportamentos, elimina as contradições.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Não consigo imaginar um assunto que jamais entraria na minha literatura. Nem consigo imaginar qualquer literatura sem um exercício de liberdade total.

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

Na fila de um banheiro de um bar.

• Quando a inspiração não vem...

Eu escrevo sem parar, até que ela volte.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Mario Benedetti. Ele nem precisava falar muito. Entre um gole e outro de café, eu tentaria entender de onde nasceu tanta delicadeza e sensibilidade na escolha das palavras, e na respiração das poesias.

• O que é um bom leitor?

É aquele que lê aquilo você nem imaginava que estava escrevendo. Um bom leitor revela as nossas entrelinhas.

• O que te dá medo?

Viver em um mundo no qual as histórias, o afeto, a arte e a cultura sejam prescindíveis.

• O que te faz feliz?

Ter consciência do privilégio de ser cercada de afeto, de poder compartilhar a vida com quem amo, de ter liberdade para escolher um trabalho que alimenta minha alma.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Certeza não tenho nenhuma. Questionar sempre, me inquietar, é isso que me guia.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Ser genuína comigo e com as histórias que quero contar.

• A literatura tem alguma obrigação?

De obrigação, a vida está cheia. A literatura tem um compromisso com a liberdade. Nada mais distante das obrigações.

• Qual o limite da ficção?

O limite da ficção é o limite do sonho, do desejo.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

A Manoel de Barros. O único que conseguiria fazê-lo entender o que é encantamento.

• O que você espera da eternidade?

Que ela demore muito a chegar. 🕒



A vida não é justa

ANDRÉA PACHÁ
Intrínseca
224 págs.

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

Ilustração: **João Verderame**

MAIS POLÍTICA NO ANO DA RECONSTRUÇÃO

Os mais importantes e referenciais textos de filosofia ou de ciência política, ou ainda, de história ou biografias de grandes nomes que lideraram emancipações sociais ao longo dos séculos, deixam muito evidente que os processos de conquista de direitos humanos e equidade social e econômica são e sempre serão uma conquista, nunca uma dádiva.

Esta premissa forjou muitas frases e ditados populares que adequaram a ideia de conquista social emancipadora a todo e qualquer direito ou licença para que o indivíduo tenha a liberdade para agir conforme sua vontade ou desejo. Aos indivíduos, seja na família ou no trabalho, se exige uma performance de conquistas que possibilitam, e justificam, o eventual êxito na dura competição da vida moderna e contemporânea que valoriza muito mais o *ter* do que o *ser*.

Se podemos questionar as derivações da ideia central de conquista na política para a vida privada das pessoas, não há o que questionar sobre sua aplicação quando se trata da formulação de políticas públicas. Ou buscamos com luta e resiliência infinita uma sociedade mais justa, mais equânime, mais fraterna, mais solidária e empática entre os seres humanos e a natureza, ou o resultado será a barbárie destrutiva da ainda precária civilidade de nossas sociedades, fazendo-nos regressar a estágios civilizatórios inimagináveis.

Não é fácil, nunca foi fácil, construir uma consciência nacional de que a participação efetiva da sociedade que constitui um território e uma nação é o grande veículo de conquista de que dispomos para avançar ou recuar. No Brasil, a alienação da maioria do seu povo em participar da política é algo crônico, forjado pela nossa história elitista e excludente, onde o exercício da política majoritária só pode ser exercido pelos famigerados “homens de bem”.

Essa abjeção atribuída à atividade política está tão profundamente enraizada que a encontramos em todas as áreas de atuação da sociedade civil e em todas as estratificações sociais. Ditos populares a confundem com paixões e emoções individuais, desqualificando sua circulação nas conversas entre pares e familiares. Quem nunca ouviu, ou preferiu, a manjada frase: “Futebol, religião e política

não se discutem”. Ou seja, a nossa organização social enquanto cidadãos de uma sonhada *polis* democrática ainda carece, e muito, da conscientização de mentalidades de milhões de compatriotas que, submissos às ideologias autoritárias, a líderes populistas salvadores da pátria de toda ordem, se sentem incapazes de empunhar e conquistar sua própria história utilizando o inevitável instrumento da política, sabiamente criminalizado por diferentes segmentos de nossa elite econômica, social e intelectual.

Nesse momento em que escrevo, há poucas horas do horrendo espetáculo de destruição das sedes dos três poderes da república em Brasília por uma horda enfurecida, movimento proporcionado pelos líderes da extrema direita brasileira, reflito sobre o quanto nos falta em consciência política e o quanto é angustiante, para nossa vergonha cívica, o xingamento destinado aos que se submetem ao fascínio verde amarelo: gado!

Ouvi, concordando, o ministro da Justiça em entrevista coletiva proferir a frase: “As palavras têm poder!”. Referia-se à necessidade de as autoridades públicas buscarem pela força da lei todos os que incitaram, formularam e organizaram os atos de terror, cultivados nos últimos quatro anos. Se a premissa é justa e necessária frente aos acontecimentos, ela é também mais um fator de reflexão que deveria orientar com profundidade não apenas os atos de justiça e punição, mas também, e principalmente, os atos de formação da cidadania e da consciência política que precisamos urgentemente implantar e fomentar no país.

Os atos em defesa da democracia posteriores à barbárie de 8 de janeiro clamaram: “Sem anistia”. A referência, a meu ver muito mais dirigida à crítica da eterna conciliação política realizada ao longo da nossa história pelas elites, do que à última anistia que colocou no mesmo nível aqueles que lutaram contra a ditadura militar e os que assassinaram e torturaram enquanto agentes públicos representantes do Estado, é uma boa senha para que o atual governo de reconstrução saiba avançar politicamente e fazer o que é preciso fazer.

A pergunta civilizatória que todos esses fatos da nossa conjuntura, no início de um governo progressista, enunciam é: como vamos superar os hábitos que anulam, ciclicamente, as conquistas que obtivemos?

É evidente que um conjunto de medidas, diversas e plurais, é necessário para estancar a crise imediata das tentativas de assaltos antidemocráticos ao poder. Mas espero que se fomentem programas e ações de médio e longo prazo que procurem emancipar a participação da cidadania na política democrática.

Aprofundar o engajamento político dos brasileiros é algo que já foi captado pelo nosso maior ícone político na atualidade, o presidente Lula, que repetidamente chama a participação social, principalmente para criticar construtivamente o seu próprio governo. O presidente sabe o que fala, a formação política e a necessidade da política são expressões de sua própria trajetória que o tornou uma liderança mundial. Ele a conquistou pessoal e coletivamente, no movimento que elevou parcela dos trabalhadores dos sindicatos aos partidos políticos e ao poder político há pouco mais de 40 anos, irrisório tempo histórico que demonstra a frágil institucionalidade de nossas liberdades democráticas.

Caberá a este governo, que está enfrentando uma onda local e internacional de movimentos neofascistas, valorizar e priorizar em suas ações todos os instrumentos que tiver ao seu alcance para elevar a consciência política de seus cidadãos. Se a conquista humanamente mais urgente e tocante é comida, abrigo, saúde e trabalho para todos, a conquista da verdadeira cidadania, proporcionada pela participação política democrática, é fator preponderante para se garantir um futuro em que não tenhamos mais conterrâneos com fome, desabrigados, doentes e desempregados.

Em outras palavras, a cidadania brasileira precisa conquistar o seu espaço de equidade e de justiça social porque este não lhe será dado. E para que isso aconteça a longo prazo, porque a história se constrói e igualmente não é dádiva, é fundamental que programas e ações emancipatórias e formadoras aconteçam, em proporção e intensidade inéditas, no governo da reconstrução. Me refiro especialmente às políticas de educação e cultura, associadas às políticas de comunicação inclusiva e de acesso universal à internet.

Talvez os horrores a que assistimos em 8 de janeiro tenham escancarado ainda mais o urgente atendimento ao tema da campanha de Lula: “Mais livros e menos armas”. Definitivamente este é o caminho porque livros significam conhecimento de si, dos outros, da natureza, do mundo e armas significam a destruição de si, dos outros, da natureza e do mundo. Cada peça de arte destruída nos palácios da República, cada depredação dos móveis e equipamentos, foram gritos também de ajuda, não a indivíduos, mas ao Brasil que ainda ostenta 88% de sua população com algum grau de analfabetismo funcional (cf. o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional – 2018).

O bárbaro ataque aos três poderes constitucionais expressa o quanto nosso povo pode vir a ser manipulado por ideologias autoritárias, violentas e fascistas. Nessa perspectiva, não basta punir os mandantes. Se é certo que há fascistas convictos por ideologia ou conveniência e que precisam ser reprimidos, igualmente é certo que quem os acompanha cegamente age por outros fatores. Tenho cá comigo que dentre esses fatores, um dos pilares é a ignorância, entendida como a ausência de conhecimento, não apenas o acadêmico e científico, mas todo conhecimento que vem das ascentralidades e das relações empáticas entre os seres humanos e a natureza.

A conquista da democracia brasileira depende da educação e da cultura, estratégias fundamentais de liberdade, e sua viabilização é política. **🗣️**

LANÇAMENTO

MARALTO
EDIÇÕES



COMPRE
NO SITE DA
EDITORIA

“Rogério Pereira é da família dos escritores que estão sempre remexendo suas próprias feridas, que, singulares em sua manifestação, transformam-se, por conta da linguagem, em experiências comuns a um enorme contingente de pessoas. Pereira nos fornece um texto único, profundo, lírico, atemporal, que nos arrebatava e comove, sem nunca ser piegas.”

Luiz Ruffato – organizador



“Carregamos todos várias marcas. Tenho uma cicatriz enorme na perna direita. O pai ostenta algumas pelo corpo — um pedaço de lenha a voar do machado, um coice de um cavalo vingativo. A mãe tinha um corte que se estendia pela sola do pé esquerdo. Meu irmão já despencou algumas vezes do telhado onde tenta ganhar a vida. Mas não há com que se preocupar: nenhuma cicatriz resiste à morte.”

Forró espacial

Ficção científica de **Ian Fraser** traz universo construído sob elementos da cultura brasileira

ARTHUR MARCHETTO | SANTO ANDRÉ - SP

O ano é 2577 e o universo, bem diferente do nosso. Com a invenção da propulsão Guineensis e do revolucionário óleo de dendê, as distâncias intergalácticas se tornaram pequenas e a capacidade de percorrer grandes trajetos em pouco tempo permitiu o estabelecimento de sociedades por toda a galáxia, compostas por diversas espécies sencientes.

Esse é o cenário de **A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê**. Começamos a história em Cabula XI, mais um planeta nessa imensidão. Ali mora Severino Olho de Dendê, personagem que dá nome ao livro, e seu parceiro, o carismático e falastrão Bonfim. Bonfim é um puiuíú, espécie de seres pequenos, sem olhos, que se ecolocalizam como morcegos. Eles são cobertos por uma vasta cabeleira e têm uma capacidade emocatalisadora: podem acessar e compartilhar emoções de outros seres.

Bonfim tem esse nome porque todos os fios de sua cabeleira são amarrados com as coloridas fitinhas do Senhor do Bonfim. Já Severino recebeu sua alcunha de Olho de Dendê depois de uma tragédia. Ao cair em uma emboscada em seu antigo serviço, Severino perdeu o olho e o braço esquerdos.

Durante uma operação de emergência, teve os membros danificados substituídos por implantes cibernéticos — mas o artefato tecnológico ocular tinha uma habilidade exclusiva: ao pingar umas gotas de sangue de uma pessoa recém-falecida no processador do braço e chupar raiz de jurema preta, Severino poderia vivenciar os últimos momentos da vítima.

Aproveitando as habilidades particulares de cada um, Bonfim e Severino resolveram abrir uma agência de investigação independente e ser cúmplices no aperto financeiro & nas bebedeiras noturnas.

No entanto, a aparição de um novo caso viria a vida deles de cabeça para baixo. O que parecia ser um simples assassinato se torna uma trama repleta de conspirações, envolvendo a Federação Setentrional (organização policial que administra as leis interestaciais), a ProPague (um monopólio intergaláctico) e as revolucionárias e independentes Paladinas do Sertão (grupo formado pelas guerreiras que lutaram na Guerra Vermelha, que não viram com bons olhos a criação da Federação Setentrional).

Ao longo da trajetória, a dupla de investigadores se junta a amores antigos, amizades esquecidas e forma uma equipe inesperada. Juntam-se a eles Antonieta Capitolina Macabéa, a única mulher híbrida de capivara com humano, Filomena, uma das Paladinas do Sertão, e Juá, uma robô defensora com a estética de uma carranca. Juntos, tentam desvendar os mistérios que compõem a trama toda enquanto são confrontados com inquietações de seus corações.

Space opera nordestina

Em uma entrevista ao *iG Gente*, Ian Fraser disse que gosta de resumir seu livro como: “É *Star Wars* abraçando **O auto da Compadecida** e os dois dançam forró”. Fraser usa elemen-

tos clássicos das novelas espaciais (*space operas*), como a pluralidade de espécies alienígenas, as relações amorosas e as aventuras e mistérios por toda a galáxia, em um universo repleto de elementos brasileiros. Como vemos em uma das cenas, é de fato, um forró espacial.

O humor também é forte na narrativa. Na abertura de cada capítulo, o narrador conversa com seus leitores por meio de um repente que faz brincadeiras e trocadilhos com os heróis, ironiza algumas artimanhas na construção da história e dá pistas sobre o mistério que os personagens investigam.

Além disso, Bonfim também protagoniza bons momentos de alívio cômico. Em um dos diálogos no começo do livro, por exemplo, Severino e seu parceiro discutem interpretações da música *Beija-flor*, de Timbalada. O puiuíú defende que a música é sobre um casal separado pela morte. O humano discorda.

— *Oxi, oxi, oxi. “Beija-flor” alegre? Porra nenhuma.*

— *Bem, essa versão, nem tanto, nada fica alegre na voz de um zolariano, mas a música original é alegre, porra. É sobre o cara pensando na namorada. Voltando para ela.*

— *Sim, mas reencarnado.*

— *É o quê?! — Severino quase cuspiu a cerveja em sua boca, surpreso diante daquela afirmação.*

— *É. O homem morreu e vai reencarnar. Eu fui embora, meu amor chorou. Vou voltar.*

— *Maluco, de onde tu tirou isso?*

— *Eu vou nos beijos de um beija-flor. No tic tic tac do meu coração, renascerá. Ele agora é um pássaro, porra, olhando a amada a distância.*

— *Isso é poesia. Não é para ser levado literalmente, Bonfim.*

— *Eu entendo de poesia, Olho de Dendê. Não sou tapado. Mas é óbvio que se trata de uma música sobre reencarnação, sobre começar de novo.*

... e assim eles continuam por mais um tempo. Além do bom humor, outro ponto forte do livro é o projeto gráfico, que mistura elementos clássicos da ficção científica, da linguagem audiovisual e da estética do Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna. Inclusive, há um parêntese interessante.

Na trajetória do Movimento Armorial, a preocupação de Suassuna sempre foi a de preservar a cultura e as tradições locais populares do Nordeste (principalmente de Pernambuco). Era uma defesa da identidade local em contraposição à indústria cultural e aos produtos importados, sem contaminações.

No entanto, pensando no diálogo proposto dentro do livro, talvez **A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê** esteja mais próximo do que foi o Mangubeat, quase sucessor do Movimento Armorial. De maneira breve, podemos pensar em



A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê

IAN FRASER
Intrínseca
304 págs.

Chico Science & Nação Zumbi como pivôs dessa vanguarda contracultural e afirmar que suas intenções eram de valorizar as tradições por meio de intercâmbios com o produto importado — assim, Pernambuco faria parte do mundo e vice-versa. Por isso, a imagem da antena parabólica fincada na lama.

No Mangubeat, a pluralidade não negava o peso da ancestralidade, mas defendia a possibilidade de tratar a herança cultural com liberdade. Quer dizer... é improvável que Suassuna colocasse o *oficórsimente*, que flui tão bem na boca do puiuíú, em algum dos seus personagens. Durante o livro, Ian Fraser parece defender a mesma liberdade para trabalhar com repertório que herda de sua vida na Bahia.

O livro é repleto de diálogos e intertextualidades e está claro desde o próprio título do livro. De **A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê**, podemos destacar **Morte e vida severina**, de João Cabral de Melo Neto, e também **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**, novela de Jorge Amado.

Antonieta Capitolina Macabéa, sendo uma capivara leitora, recita trechos de João Cabral de Melo Neto durante a narrativa junto com pedaços de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Clarice Lispector, entre outros autores. A rádio Serendipidade também tem papel de destaque na narrativa. Gerenciada por uma inteligência artificial, a estação toca a música de acordo com o que parece mais propício para o momento — e as letras fluem pela leitura como notas em uma partitura. Na maioria das vezes, elas ditam o tom e geram expectativas; mas, em outros momentos, atrapalham o fluxo da narrativa.

Porém, o mais interessante no trabalho desse repertório não é citação de outras obras culturais, mas na forma com que Ian Fraser constrói o passado daquele futuro. Nesse universo, as hegemônias são invertidas e os centros históricos são outros. A própria escolha do nome do planeta em referência ao conhecido bairro baiano, Cabula XI, em detrimento dos conhecidos deuses greco-romanos evidencia tal posição.

Conforme descobrimos as cronologias das regiões, descobrimos que a vitória das Paladinas do Sertão contra os Estados Confederados do Sul contou com a inspiração das táticas de Canudos. Estátuas de entidades religiosas não são judaico-cristãs, mas baseadas em religiões afro-brasileiras. Nas ruas, as figuras homenageadas não são bandeirantes e traficantes de escravos, mas as que lutaram pela liberdade.

Ian Fraser apresenta ao leitor não uma parábola no mangu, mas uma fitinha do Senhor do Bonfim tremulando nas antenas de naves espaciais em uma trama que nos faz pensar que, quando se morre mais de uma vez, “nem mesmo a morte é ponto-final”. **📖**



O AUTOR

IAN FRASER

Nasceu em 1983, em Salvador (BA), e lá foi criado. Ao longo de sua carreira, escreveu os romances **O sangue é agreste** (2015), **Noir carnavalesco** (2020) e a saga de **Araruama, o livro das sementes** (2017) e **o livro das raízes** (2018). Escreveu as peças **A máquina que dobra o nada** (2015) e **Ensaio para uma redenção** (2021), contempladas com o Prêmio Braskem de Teatro. **A vida e as mortes de Severino Olho de Dendê** (2022) é o seu mais recente romance.

rascunho recomenda

O romance mais importante do gaúcho Daniel Galera ganha uma edição comemorativa de dez anos da primeira publicação. Lançado em 2012, o livro traz agora texto de apresentação de Carol Bensimon e posfácio de Júlio Pimentel. A história se passa em Garopaba, balneário de Santa Catarina. É lá que o protagonista busca refúgio e isolamento após a morte do pai. Sua única companheira é Beta, a cadela que fora do pai. Portador de uma rara condição neurológica, que torna impossível lembrar dos rostos das pessoas, ele tenta descobrir a história verdadeira por trás de um caso de violência e morte que envolveu sua família décadas antes, na mesma região. Galera é um dos expoentes de uma geração de autores gaúchos surgida na internet no final dos anos 1990. Além de **Barba ensopada de sangue**, publicou os romances **Até o dia em que o cão morreu**, **Mãos de Cavalo**, **Cordilheira** (vencedor do prêmio Machado de Assis de Romance da Fundação Biblioteca Nacional) e **Meia-noite e vinte**. É autor ainda do livro de contos **Dentes guardados** e de **O deus das avencas**, que reúne três novelas.



Barba ensopada de sangue

DANIEL GALERA
Companhia das Letras
456 págs.

Nesta breve novela, Sarah Valle conta a história de duas jovens brasileiras que vivem em pequenas propriedades rurais no norte da Tailândia, trabalhando em troca de estadia. O que se lê é o diário de Júlia, que fala de Joana, de um amor “que rebenta na estação seca e continua a respirar, transformado, à chegada das chuvas”, conforme escreve Mariana Ianelli na orelha. A novela narra, além de uma iniciação ao amor, a iniciação a uma nova realidade em que as velhas noções já não servem.



Arquitetura do sim

SARAH VALLE
7Letras
84 págs.

Neste romance, Juremir Machado da Silva faz o leitor mergulhar no esquecimento do seu protagonista. O gaúcho constrói uma narrativa com detalhes ora poéticos, ora realistas, testemunhos de sutilezas do cotidiano de uma pessoa fragilizada. Fala também de vivências comuns, como o andar de bicicleta até perder o fôlego, o amor de um cachorro de estimação pegado ainda filhote, os mistérios familiares e as ilusões que se carregam ao longo da vida.



Memória do esquecimento

JUREMIR MACHADO DA SILVA
Sulina
310 págs.

Neste livro de não ficção, a colunista do **Rascunho** Nilma Lacerda repassa a trajetória de Iberê Camargo, um dos principais nomes da arte brasileira no século 20. No que classifica como narrativa de “fricção” (um atrito entre invenção e realidade), Nilma parte das telas mais marcantes e também dos textos memorialísticos e ficcionais deixados por Iberê para recriar a trajetória inquebrantável do artista. “Só uma prosadora tão capacitada quanto a multifacetada Nilma Lacerda poderia se responsabilizar por biografia de artista plástico e, em particular, pela do pintor gaúcho Iberê Camargo”, escreve o romancista e crítico Silviano Santiago no texto de orelha da obra.



Iberê Camargo – Um homem valente

NILMA LACERDA
Mínimo Múltiplo
192 págs.

Tempo aberto: oito décadas em oito contos de grandes autores brasileiros

foi organizado para comemorar os 80 anos da Record. São oito contos, um para cada década dos últimos 80 anos da vida brasileira, entre 1942 e 2022, em uma ampla galeria de personagens e temas, que vão da ficção, às questões individuais, sociais, políticas e existenciais deste período histórico pelas mãos de Alberto Mussa, Nélide Piñon, Francisco Azevedo, Antônio Torres, Carla Madeira, Nei Lopes, Claudia Lage e Cristovão Tezza.



Tempo aberto

VÁRIOS AUTORES
Record
182 págs.

O romance **Navalhas pendentes** parte de um mote inusitado: por meio do personagem Homero Arp Montefiori, o livro de Paulo Rosenbaum discute os limites entre originalidade e plágio no mercado editorial. É uma ficção sobre a própria origem da ficção. Como “nascem” e se sustentam os best-sellers das grandes editoras e como essas obras se transformam em meros produtos de consumo? São questões que guiam a trama, que em muitos momentos adquire elementos da narrativa policial.



Navalhas pendentes

PAULO ROSENBAUM
Caravana
328 págs.

MARCO ANTONIO FILHO



Visão noturna

TOBIAS CARVALHO
Todavia
112 págs.

Tobias Carvalho estreou na literatura em 2018 com **As coisas**, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura na categoria Contos. No novo livro, o autor gaúcho reúne quatro histórias ao mesmo tempo sutis e vertiginosas, que falam do efeito dos sonhos na vida de quatro pessoas. São personagens que encontram nos sonhos um caminho para os labirintos da memória e para as promessas do futuro, para seus dilemas e desejos. Os temas estão entrelaçados a questões referentes à memória, à vigília e ao que consideramos “real”: um trabalhador que busca a fuga nos sonhos; um acidente doméstico que muda a vida de mãe e filha; um homem é assombrado por um sonho recorrente e sua relação com memórias reprimidas da infância, etc. No final, o mérito de Carvalho é dar vida a personagens e histórias interessantes a partir de um tema já bastante explorado na literatura ao longo dos séculos.



Contos reunidos

ANNA MARIA MARTINS
Faria e Silva
252 págs.

Contos reunidos, de Anna Maria Martins, é a “antologia definitiva” da escritora paulistana, morta em 2020. A filha da autora, Ana Luisa, selecionou e organizou os contos que compõem a obra, lançada pela Faria e Silva. Membro da Academia Paulista de Letras, Anna Maria Martins foi vencedora dos prêmios Jabuti e Afonso Arinos, da ABL. Em 2021, a União Brasileira de Escritores instituiu o Concurso Nacional de Contos Anna Maria Martins. Os contos da autora foram analisados por grandes escritores e críticos brasileiros, entre eles Antonio Candido, Cremilda Medina, Edla Van Steen e Fabio Lucas. Para Silvana Salerno, “a contista representa o que há de melhor na literatura brasileira. Com estilo ágil, conciso e elegante, olhar perspicaz e boa dose de ironia, ela traça em seus contos um perfil certeiro de nossa sociedade”. A edição conta ainda com uma introdução da poeta Mariana Ianelli, que destaca a estreia de Anna Maria, nos anos de chumbo de 1970, “num meio literário onde mulheres escritoras, proporcionalmente aos homens, continuavam a ser presença quase exótica”.

MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paio!
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Carol Bensimon

A mudança para o interior da Califórnia, nos Estados Unidos, tem transformado a literatura da gaúcha Carol Bensimon. Mesmo antes de se estabelecer na pequena Mendocino, há quatro anos, a saída do Brasil já influenciava a autora, que situou a narrativa de **O clube dos jardineiros de fumaça** (2017), livro vencedor do prêmio Jabuti de Melhor Romance, na região onde vive atualmente.

Carol falou sobre essa mudança de rota na vida e na literatura durante o terceiro encontro da 11ª temporada do projeto Paiol Literário, em janeiro. Realizado desde 2006, pelo **Rascunho**, o Paiol Literário promove conversas com diversos autores brasileiros e, este ano, mais uma vez, conta com patrocínio do Itaú via Lei Federal de Incentivo à Cultura.

A escritora nascida em 1982 publicou seu primeiro romance, **Sinuca embaixo d'água**, em 2009. Depois vieram **Todos nós adorávamos caubóis**, em 2013, e o já citado **O clube dos jardineiros de fumaça**, em 2017, que aborda a questão da descriminalização da maconha para uso medicinal e recreativo. Seu mais recente livro, **Diorama**, teve como ponto de partida um célebre crime ocorrido no final dos anos 1980 em Porto Alegre, quando um político e radialista foi assassinado ao chegar em casa.

Durante o encontro, Carol repassou sua trajetória e falou sobre política, oficinas literárias, redes sociais e o mercado editorial para jovens autores nos Estados Unidos e no Brasil. “A diferença é que se um autor realmente acontece aqui [EUA], ele pode comprar uma casa com o dinheiro que ganha. No Brasil não há uma recompensa financeira assim”, diz a autora que tem obras publicadas nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Espanha e na Argentina. “Mas a vida de um escritor hoje é difícil em qualquer lugar.”

• O que a literatura ensina

Acabei de ler um romance do Cormac McCarthy, **O passageiro**, que me arrebatou muito.

McCarthy é um autor do qual gosto demais. E eu vinha da leitura de um livro budista, sobre um monge que decide viver como sem-teto e aprende mil lições. Era minha iniciação ao budismo, porque nunca havia lido sobre a religião. Mas tive a impressão de que aprendi bem mais sobre a vida com o romance do McCarthy, do que com o livro budista. Então, acho que um bom romance ensina tanto sobre tantas questões pungentes da vida — e causa empatia, que é algo que estamos precisando neste momento. É ótimo poder conhecer vidas que não são as nossas, sair fora da nossa bolha de amigos, de redes sociais e poder, por meio da literatura, experimentar outras vivências, entrar na cabeça de pessoas e personagens que pensam diferente da gente.

• Trajetória

Hoje em dia, atribuo muito meu gosto pela literatura ao fato de ser filha única, porque os livros sempre me fizeram muita companhia. Tanto literatura quanto livro infantil sobre história. Por exemplo, li muitos livros sobre como as pessoas viviam no Egito antigo, como as pessoas viviam na Idade Média, etc.

• Malasartes

Lembro de comprar esses livros com meus pais, quando íamos de férias para o Rio de Janeiro. E lá existe uma livraria muito boa chamada Malasartes. Até escrevi sobre isso recentemente para o blog da Companhia das Letras. Eu adorava ir lá e também tenho muitas memórias da Feira do Livro de Porto Alegre, porque ali nos anos 1980, início dos 1990, não era tão fácil ter acesso a livros e livrarias. Então a Feira, que ainda é importante para a cidade, naquele momento era mais ainda. Uma data que era um encontro com os livros, onde eu iria ganhar livros de presente, etc.

• Policial

Logo depois do primeiro contato com os livros, me iniciei na literatura policial. Passei também pela Coleção Vaga-Lume, que toda a minha geração passou,



MARCO ANTONIO FILHO

por autores como Marcos Rey, etc. Aí, mais no período da faculdade, quando entrei na Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, comecei a me interessar por uma literatura mais adulta, digamos, Caio Fernando Abreu, Cortázar...

• Memórias afetivas

O romance policial entrou na minha vida mais por ser um bom entretenimento, no primeiro momento. Depois fui buscar entender sobre a vida através da literatura. Tem um livro que sempre cito e representa muito a transição pela qual passei como leitora, de uma relação mais infantil para algo mais adulto. É um livro do Marcos Rey que se chama **O último mamífero do Martinelli**.

• Lugares abandonados

Conta a história de um homem que, durante a ditadura militar, ia se abrigar no Martinelli, um arranha-céu de São Paulo que na época estava abandonado. Ele ficava lá recriando a vida das pessoas que tinham

vivido ou trabalhado no edifício a partir de coisas que haviam ficado para trás, como objetos e marcas nas paredes. E aquilo mexeu muito comigo, mas não sei dizer o porquê. Ao mesmo tempo, vejo que tenho isso com lugares abandonados até hoje, aparecem esses lugares na minha literatura, essa coisa de ler uma pessoa através dos objetos, etc. Então, acho que tudo estava ali naquele livro. Mas é claro que eu não entendia por que aquilo me tocava especialmente. E com o Caio Fernando Abreu foi algo parecido, uma coisa da descoberta da linguagem. Tipo, ah, dá para escrever desse jeito, criar um determinado ritmo, envolver o leitor dessa maneira, colocar referências sobre música e poesia.

próximo encontro
8/fevereiro
19h30
Edney Silvestre

REPRODUÇÃO/ YOUTUBE



• Incentivo

Também sempre tive muito estímulo no colégio. Mas acredito que isso não é determinante porque outros colegas também tiveram as mesmas experiências e não viraram leitores, então isso é meio que uma zona misteriosa. Mas li coisas incríveis no colégio, tipo **O apanhador no campo de centeio**, do J. D. Salinger, **A revolução dos bichos**, do Orwell, **O continente**, do Erico Verissimo, e lembro de todo mundo ficar bem empolgado.

• Acesso ao livro

O livro ainda é muito caro no Brasil. Depende de política pública, de educação. Acho que as coisas melhoraram um pouco nos últimos tempos, é uma percepção que tenho. Não em termos de políticas públicas, porque obviamente nos quatro últimos anos as coisas só pioraram. Mas foi uma questão de valorizar a literatura dentro de certas bolhas. Por exemplo, essa coisa de ter clubes de leitura. Acho que a leitura tira algum proveito das redes sociais. Claro que as redes distraem e podem atrapalhar a leitura, por um lado, mas ao mesmo tempo elas unem as pessoas e, de repente, aquilo já não é mais uma atividade tão solitária.

• Clube de leitura

Por exemplo, depois da minha mesa na Flip de 2022, conheci várias pessoas que estavam lá porque são de algum clube de leitura. Aí todo o clube se organizou para ir até a Flip. Achei isso super bonito. Mas claro que estamos falando de gente que pode pagar para ir à Flip. Isso já é uma outra questão.

• Redes sociais

As redes sociais realmente viraram uma grande distração para todos. Mas, por exemplo, no caso das pautas identitárias, as redes estão ajudando a impulsionar a literatura brasileira. Quando comecei minha carreira, tenho a impressão de que era um desafio maior ser um escritor brasileiro do que é agora. No sentido de que as pessoas estavam lendo basicamente tradução. E torciam um pouco o nariz para a literatura brasileira contemporânea. Acho que isso mudou totalmente hoje, e mudou muito rápido. As pessoas ficaram mais unidas em torno de algumas questões.

• Leitora e escritora

Para mim, a leitora e a escritora se confundem. Porque desde criança eu escrevia umas historinhas, até coisas policiais. Acho que sempre li pretendendo também fazer literatura.

• Pó de parede

Fiz a oficina do Luiz Antonio de Assis Brasil muito antes de 2008, quando estreei de fato na literatura com os contos de **Pó de parede**. Então, eu tinha contos que havia escrito para a oficina, que poderia reunir em um livro e lançar. Mas queria fazer algo mais consistente, dar uma liga maior entre as histórias — e naquele momento me dei conta de que eu era melhor escrevendo contos mais longos do que histórias de três ou quatro páginas, como as que havia produzido na oficina.

• Três histórias

No **Pó de parede**, escrevi a primeira história, mas ainda não tinha a noção de que queria fazer um livro com um número determinado de contos. Depois escrevi a segunda e vi que tinha uma espécie de ligação entre elas, a questão arquitetônica de um elemento central da história, então busquei a terceira história já pensando nisso, criar três contos que dialogassem. Foi aí que nasceu o livro.

• Textos curtos

Escrevo coisas breves quando tenho alguma encomenda. Mas não é minha preferência. No entanto, ao longo da carreira flertei com textos curtos, fui colunista da *Zero Hora* por alguns anos, produzi colu-



Para mim, a leitora e a escritora se confundem. Porque desde criança eu escrevia umas historinhas, até coisas policiais. Acho que sempre li pretendendo também fazer literatura.

MARCO ANTONIO FILHO



O mercado é cruel, pode esquecer facilmente de autores que já parecem consolidados. É tudo muito incerto.

nas que eram bem sucintas, que depois algumas foram reunidas em livro [**Uma estranha na cidade**]. No blog da Companhia das Letras, também não tinha exatamente uma limitação de espaço, mas claro que eu não poderia escrever um negócio de 15 páginas. E agora tenho essa nova experiência com a minha *newsletter* [*Nevoeiro*], mas que também vejo como uma coisa que pode ser lida com certa continuidade, porque está ficando uma espécie de diário. Nunca tive diário, então é quase que minha primeira experiência fazendo um diário.

• Oficinas

Eu dou uma oficina *online* desde 2019 e optei por um formato diferente, cuja ideia é a de que os alunos não interajam muito entre eles. Não queria fazer aquele formato de alguém escrever um conto e os outros discutirem a história. Quis focar mais no que eu sei sobre técnica, porque é uma coisa que me interessa muito, o processo criativo. Acho também que isso pode ser válido no sentido de criar uma espécie de comunidade, pois é legal a sensação de conhecer outras pessoas que estão começando a escrever. Mas também acredito muito que se pode ensinar técnica.

• Construção dos romances

Cada livro foi um pouco diferente. **Diorama**, que é meu mais recente romance, demorou um pouco para eu acertar a narrativa, o ponto em que a história começava, etc. E também coincidiu com minha mudança para os Estados Unidos. Mas sou bem metódica, quando estou de fato escrevendo, acordo bem cedo, trabalho a manhã toda, uma parte da tarde, um horário meio que de escritório. Não sou uma pessoa noturna, após às 18h não consigo mais trabalhar. E hoje em dia, com mais contas para pagar, é mais difícil conseguir esses períodos de dedicação exclusiva a um romance. Mas tento criar esses períodos, junto dinheiro para ficar meses só fazendo isso.

• Estar fora do Brasil

Senti o impacto até mesmo antes da mudança. Em **O clube dos jardineiros de fumaça** já tinha isso. Não havia me mudado ainda, mas moro hoje no lugar em que se passa o romance, no interior da Califórnia. Acho que muita coisa mudou. Não é só a distância para o Brasil, porque na real sempre me sinto como a minha personagem, o Brasil nunca sai de mim — para o bem e para o mal. Querendo ou não, o país não sai de mim. Acompanho muito mais o noticiário do Brasil do que o dos Estados Unidos.

• Ambiente rural

Mas também há uma mudança muito significativa que tem a ver com o fato de eu estar em um lugar muito rural, mas sempre fui uma pessoa urbana. Isso mudou completamente meu cotidiano, mudaram meus questionamentos sobre a vida, o que quero, o que espero. Isso tudo mudou e está nos meus livros. A relação com a natureza vem com essa nova experiência.

• Mudança de olhar

Certamente fui poupada em algum grau por passar os últimos quatro anos fora do Brasil. Não acho que sofri todas as adversidades como quem estava vivendo no país. Ao mesmo tempo, não tem como se descolar totalmente. Eu e minha namorada sempre brincamos que queríamos fugir para as montanhas, mas não tem muitas montanhas para onde ir, porque os sentimentos vão contigo, e os amigos e a família estão no Brasil. É tudo meio esquisito.

• Sempre perto

Eu também vou muito ao Brasil. Só neste ano que passou estive aí quatro vezes. Não tenho, portanto, um estranhamento quando estou no país. Para mim, continua sendo o lugar onde eu nasci, onde me criei. Ao mesmo tempo, eu já tinha um estranhamento em relação ao Brasil quando eu morava aí. Isso é bem evidente no meu livro **Todos nós adorávamos caubóis**. Estranhar o lugar em que vivemos é plenamente possível, ter um certo incômodo constante.

• Mercado americano

Mesmo o mercado americano sendo enorme, muita gente que escreve fica pelo meio do caminho. Tem toda uma coisa consolidada de escrita criativa, que é uma espécie de graduação e tem por todo o país, formando milhares de pessoas. Nem todas conseguem virar escritores. E vejo que tem um funil muito grande, as editoras estão sempre procurando a nova sensação. Então tem uma quantidade muito grande de primeiros livros. Mas quantas dessas pessoas chegam ao segundo, terceiro ou quarto livro? Na real é muito pequena. A diferença é que se um autor realmente acontece aqui, ele pode comprar uma casa com o dinheiro que ganha. No Brasil não há uma recompensa financeira assim. Mas a vida de um escritor hoje é difícil em qualquer lugar.

• Busca pelo novo

Hoje em dia no mercado tem mais essa busca pela novidade do que alguns anos atrás. Quando comecei, era muito difícil alguém publicar sua primeira obra por uma grande editora. Sempre se começava por uma editora independente ou o próprio autor bancando a edição. Aí, quem sabe, no segundo ou terceiro livro, poderia chegar a uma grande editora. Mas hoje não, vejo as grandes editoras procurando já esse autor que ainda não lançou. Virou mais forte essa coisa da novidade.

• Mercado cruel

E nada é garantido. Ah, eu tenho uma carreira consolidada... A verdade é que não sei o que vai acontecer. Lembrei agora de um comentário do Assis Brasil recentemente em um evento. Ele dizia que quando era um jovem escritor, os autores mais valorizados eram os mais velhos. E quando ele envelheceu, a onda eram os jovens autores. O mercado é cruel, pode esquecer facilmente de autores que já parecem consolidados. É tudo muito incerto.

• Pautas identitárias

É extremamente positivo esse movimento das pautas identitárias. Todo mundo quer se ver representado e isso é muito importante. Quando descobri que gostava de meninas, não tinha muito para onde recorrer nas artes. Algo que mostrasse um casal de meninas, que mostrasse uma menina apaixonada por outra menina.

• Sem estereótipos

Só acho que os autores têm que ter cuidado para não deixar nuances de lado. Por exemplo, tenho no **Diorama** um personagem gay. Talvez ele



não seja uma boa pessoa, ele tem muitas nuances e tal. Isso a gente tem que ter cuidado. Não podemos trabalhar sempre endeusando os nossos personagens porque fazem parte de alguma minoria. Vejo que essas personagens geralmente não têm falhas de caráter. E acho problemático também os leitores que fazem uma leitura moralizante da literatura brasileira.

• Escritores no RS

Essa é sempre uma questão que retorna. E tem muita gente que tenta dar explicações sobre o porquê de o Rio Grande do Sul ter tantos autores. Eu não saberia dizer. Pode ser que tenha uma estrutura de editoras independentes que seja mais forte lá. A própria Feira do Livro, que tem uma história muito longa, também ajuda. Sempre acho que tem uma coisa de temperamento também. Talvez tenha a ver com um temperamento um pouco mais introvertido, que leve à literatura e não a outras manifestações artísticas. Mas isso pode ser uma grande bobagem.

• Política no Brasil

Em algum nível, estamos na mesma politicamente. Mas, claro, aí chega um Bolsonaro da vida e traz um retrocesso em todos os campos, na ciência, no meio ambiente, etc. Mas a própria coisa de não ter sido feito exatamente política no governo passado, de não ter diálogo, de não negociar com o diferente, que está contra ti, mas que de alguma forma você precisa dele para compor e conseguir avançar nas pautas. Nesse curto período do governo Lula, já se vê uma brutal diferença em relação ao que vivemos nos últimos quatro anos.

• Trump e Bolsonaro

Há muitas semelhanças entre Donald Trump e Jair Bolsonaro. O governo Bolsonaro foi pior do que o do Trump. Mas aqui o partido Republicano continua meio refém do Trump. Se por um lado ele é uma figura indesejada, ainda está fazendo muito a diferença. Já o Bolsonaro nem conseguiu criar seu próprio partido, então ele está muito mais enterrado politicamente do que o Trump. E depois dessa invasão às sedes dos Três Poderes no Brasil, parece que os bolsonaristas deram um tiro no pé. O Lula é muito hábil em criar imagens simbólicas, como as da posse.

• Tensão no ar

Nunca cáí muito nessa história da gentileza brasileira. Acho isso muito estranho. Porque a impressão que eu tenho é de que a nossa sociedade é bastante brutalizada. Sim, muito dessas questões se explicam pela violência e tal, por uma desigualdade absurda, pelo racismo. Talvez seja até injusto comparar, porque hoje moro em um lugar muito pequeno. E as pessoas aqui são extremamente cordiais. Não estou falando do país todo. Mas sempre que vou ao Brasil, tem um pouco desse choque inicial. De uma sociedade em que parece que as pessoas não se tratam muito bem, tem sempre uma tensão no ar. Alguém está sempre desconfiado do outro, não vejo uma comunhão. O tecido social é muito esgarçado.



É extremamente positivo esse movimento das pautas identitárias. Todo mundo quer se ver representado e isso é muito importante. Quando descobri que gostava de meninas, não tinha muito para onde recorrer nas artes.



Diorama

CAROL BENSIMON
Companhia das Letras
286 págs.

Acompanhe
no canal do
YouTube do
Paiol Literário



• O presente como matéria-prima

Pessoalmente, não gosto tanto de me debruçar sobre uma coisa que recém aconteceu. Acho que rolou um pouco esse questionamento na pandemia. Mas ao mesmo tempo, acabei de lançar o **Diorama**, que fala de um crime ocorrido em 1988, que foi um crime íntimo e político ao mesmo tempo. E o livro está falando do Brasil atual de alguma maneira. Então, prefiro fazer assim, me remeter a um episódio mais antigo para falar de uma coisa atual, mas não fazendo uma relação tão direta.

• Música e referências

Não sei por que tenho essa coisa com a música. Mas reflete a importância que a música tem para mim e daí essa vontade de colocar referências, não só para compor o personagem, mas pensando que o próprio livro tem a ver com aquele sentimento que determinada banda ou música me dão. É um pouco do processo criativo. No caso do **Diorama**, por exemplo, enxergo as cenas noturnas em Porto Alegre com uma trilha permanente do The Cure.

• Origem de Diorama

Quando decidi ficcionalizar esse caso do **Diorama**, comecei a falar com jornalistas e pessoas que tinham feito a cobertura do caso. Isso ajudou na minha pesquisa. O caso real tem muitas coisas que me interessam. Um deputado, que também era radialista, portanto, uma pessoa muito conhecida em todo o Rio Grande do Sul, é assassinado numa noite quando chegava em casa. E logo surge como suspeito principal um colega dele lá da Assembleia Legislativa, que casualmente era do mesmo partido do deputado assassinado e que também era o partido do governador do Estado naquele momento. Isso cria uma situação política muito delicada e o caso é extremamente midiático. Os filhos do deputado acusado de cometer o crime são tirados da escola. Isso me deu a base para minha história ficcional.

• Costura ficcional

Fiz toda essa fase da pesquisa sobre o caso, mas chegou o momento em que precisava esquecer aquilo. Eu não queria saber nada além dos fatos já conhecidos a respeito das pessoas envolvidas no caso, porque queria ter a liberdade de criar toda uma interioridade para essas pessoas, que não tinha nada a ver com as pessoas reais, de carne e osso. Tem um momento em que me afasto do caso real para fazer “o meu caso”.

• O clube dos jardineiros de fumaça

Acho que eu tinha uma expectativa de que esse livro servisse para se discutir a descriminalização da maconha no Brasil, mas isso acabou não se concretizando. Achava que eventualmente chegaria a pessoas que passam por situações parecidas com a do personagem Arthur. Quando ele ainda está no Brasil, a mãe luta contra um câncer e ele planta maconha para tentar ajudá-la a superar os efeitos da quimioterapia.



Nunca caí muito nessa história da gentileza brasileira. Acho isso muito estranho. Porque a impressão que eu tenho é de que a nossa sociedade é bastante brutalizada.

pia. Eu esperava que me chegassem histórias, do tipo assim: alguém leu o livro e tem uma história similar para me contar. Mas acabou chegando pouco disso.

• Descriminalização da maconha

Essa discussão está muito atrasada no Brasil. E realmente, no período do Bolsonaro, foi um retrocesso. Mesmo dentro da esquerda parece que a discussão não rola tanto quanto deveria. Porque, ao mesmo tempo, parece que tem outras pautas mais urgentes. Uma pessoa que fala bastante sobre isso é o Geovani Martins, não só na literatura dele, mas nos eventos. E isso está totalmente ligado com a questão do racismo, mas parece que as pessoas não percebem. Digamos, eu ou você, se fumarmos maconha, não vamos ser presos. Para a bolha da classe média branca, é como se a maconha fosse liberada. Mas quem sofre com isso são as pessoas negras que moram em comunidades. Então é uma discussão importante, não é uma discussão de playboy carioca.

• Maconha nos EUA

No lugar onde moro nos Estados Unidos, a discussão é econômica, porque é um lugar onde sempre teve muita plantação de maconha. Foi o sustento do lugar por muitas décadas e agora esse mercado acabou com a legalização. E não só com a legalização na Califórnia, mas com a legalização em outros Estados. Porque a maconha continuava sendo plantada ilegalmente aqui e ia para outros Estados onde ela também era ilegal. No momento em que legalizou tudo, ficou muito caro para as pessoas “se legalizarem”. Estamos falando de uns velhos *hippies* que estão no meio do mato fazendo isso há décadas e que não conseguem entrar nesse jogo capitalista da maconha.

• Conselho a jovens escritores

Primeira coisa é procurar uma oficina literária e desenvolver a técnica. E não ter pressa de publicar. Ler autores contemporâneos, mas pegar coisas mais antigas, clássicos, tentar aprender com isso. Recomendaria também os livros **Escrever ficção: Um manual de criação literária**, do Assis Brasil, e **Como funciona a ficção**, do James Wood. Acho que esses dois livros seriam uma ótima porta de entrada para quem quer começar a enxergar a literatura com os olhos de autor. 📖



raimundo carrero

LUTA VERBAL

AMBIGUIDADE COMO TÉCNICA E SENTIMENTO

Ambiguidade é, com certeza, o recurso técnico mais sofisticado do romance **Pedro Páramo**, do mexicano Juan Rulfo, fundador do realismo mágico, precioso movimento latino-americano que solidificou a literatura na região e a colocou no mesmo nível da produção europeia, segundo a avaliação da crítica internacional. Gerald Martin, biógrafo de Gabriel García Márquez, afirma, por exemplo, que **Cem anos de Solidão** colocou a literatura latino-americana definitivamente no mapa da literatura universal.

Mesmo assim é preciso destacar que tudo começa com **Pedro Páramo**. Um romance em que os mortos conversam, na narrativa de Juan Preciado e em cuja primeira parte se lê a história de um homem truculento, voraz e estúpido, extravagante e excêntrico, retrato sem retoques de um ditador latino e suas bestialidades.

Excentricidade e extravagância que se revelam mais tarde em nome de Suzana San Juan, a grande paixão de Pedro — e aí o romance perde a sua intensa carga política para se transformar num romance de amor — daí a sua ambiguidade, um homem que ama desesperadamente, violentamente, é aquele mesmo criminoso, bandido, fazendeiro arbitrário, cujas relações sociais são dramaticamente cruéis.

Sobretudo depois que o leitor percebe que Suzana San Juan é uma mulher tísica, que vive nua numa vala, submetida a todo tipo de dor e sofrimento. Onde se conclui que, inevitavelmente, é a metáfora de uma região explorada, torturada, doente, que se chama América Latina, capaz de provocar este amor, que produz um Guevara, concluindo-se, todavia, que Pedro jamais seria um líder guerrilheiro, e que Suzana não poderia encarnar o tipo da mulher ideal consumista. Tudo isso em nome da técnica, da mesma técnica que Juan Rulfo é criador e renovador.

Estas relações de poder e de amor resultam na criação de uma obra absolutamente gigantesca que não apenas coloca a literatura latina no mapa universal da criação, mas a supera em muitos sentidos. O que se observa no perfeito discurso indireto livre logo nas primeiras frases:

Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia meu pai, um tal de Pedro Páramo. Minha mãe me disse.

Como se percebe, duas vezes. Tudo sob a coordenação do narrador único Juan Preciado. Essa sofisticação nos permite chegar a **Cem anos de solidão** e a outras obras que transformaram o romance do Continente. 📖

Entre a graça e o desalento

A ironia e o riso são o combustível para o olhar mordaz de **Jerome K. Jerome** sobre tudo e sobre todos

CLAYTON DE SOUZA
| SÃO PAULO - SP

Nos tempos cínicos em que vivemos, nos quais se erige um altar tênue e superficial à moralidade e bons costumes e se condena a ironia, é salutar ler um livro como **Devaneios ociosos de um desocupado**, do inglês Jerome K. Jerome, que a Carambaia publica em edição elegante. Eis uma obra que, por certo, afronta mais de uma tendência, das muitas que vigoram hoje no campo do pensamento.

Eis uma obra de difícil classificação. Conquanto partilhe de semelhanças formais com o ensaio e a narrativa, não se pode classificar essa obra como um volume ensaístico, nem como um romance, ou mesmo uma novela. Para oferecer ao leitor uma noção formal da obra, é pertinente trazer-lhe à lembrança a narrativa dostoiévskiana **Notas do Subsolo** (ou **Memórias do Subterrâneo**, conforme a tradução): percebe-se entre as obras — em que pesem, obviamente, suas particularidades — uma semelhança considerável. Como na obra de Dostoiévski, em **Devaneios...** o foco é, antes de tudo, o personagem/narrador. No decorrer das páginas entramos em contato com as opiniões e idiosincrasias desse personagem curioso, que transita entre a ironia e a franqueza, entre o registro prosaico e poético. Como o próprio título da obra sugere, trata-se de acompanhar as elucubrações de um sujeito recostado em seu canto, desfechando suas observações sobre a sociedade, seus costumes, e a vida com agudo senso crítico e mordacidade.

Não é caso de se comparar tal personagem com o *Homem do Subsolo* dostoiévskiano: enquanto este desfila seu niilismo e amargura contra uma sociedade que o repeliu e o destratou, aquele apenas pontua, com a tinta do sarcasmo e da desilusão, as fugacidades da existência, seja individual ou em sociedade. Em comum apenas a criticidade ante a existência e o aspecto formal das obras.

Aliás, a figura desse personagem/narrador é curiosa: embora pontue com visão lucidamente melancólica os desenganos da vida, apresenta-se ao leitor como um bom camarada, bem humorado e jocoso, que não guarda qualquer dúvida quanto a seu lugar no mundo (ou rancor quanto a essa posição).

Conteúdo

O livro é dividido em catorze capítulos/temas, além da dedicatória e prefácio do autor. Tais temas circulam do elemento mais abstrato (*Amor, Da timidez*) ao mais prosaicamente concreto (*De cães e gatos, Do apartamento mobiliado*).

Um índice relativamente seguro para se aferir o talento de um escritor é observar sua capacidade de desenvolver os temas, e nesse quesito os mais banais são mais reveladores: a exuberância estética e o interesse crescem, na obra do grande artista, em proporção inversa à banalidade do assunto em si. Dentre tantos, Proust é um exemplo expressivo dessa verdade estética. O autor de **Devaneios...** não é o gênio francês, mas fato é que Jerome consegue, num estilo por vezes despojado e desprezioso, abordar sempre com grande interesse temas os mais variados.

Vejamos o que tem a dizer de um tema tão batido quanto o amor:

O amor é luz demasiado pura para brilhar por muito tempo entre os gases fétidos que respiramos; mas, antes que seja abafado para sempre, podemos usá-lo como fâsca para inflamar o fogo aconchegante do afeto.

Há na frase uma postura idealizadora das experiências da vida (tendência que volta e meia retorna no livro, ainda que de forma irônica), uma posição que beira o romantismo, mas que não se entrega plenamente a ele, porque o que prevalece ante qualquer ideal, por mais puro que se apresente, são “os gases fétidos”, isto é, o mundo e sua força incomparavelmente vasta. Ante tal força, o que resta ao indivíduo senão aquiescer às desilusões e, por fim, ceder?

Tenho para mim, caros Edwin e Angelina, que vocês esperam muito do amor (...) Ah, jovens!, não confiem muito nessa chama bruxuleante. Ela vai minguar com o passar dos meses, e não há como repor o combustível. E vocês testemunhão a brasa se apagar com um misto de raiva e decepção.

A propósito, ao versar sobre o amor, o autor tira observações sagazes sobretudo quanto às atitudes equivocadas dos enamorados, contudo o estranho idealismo volta e meia se insinua:

Sejam doces [as mulheres] de mente e alma como o são de semblante (...) Ah, mulher, dispa-se das capas com que se disfarça — o egoísmo, a afronta e a afetação! Apresente-se de novo como uma rainha sob o manto real de pureza singela.

Como dito, um estranho idealismo que causará, sem dúvida, espécie à mulher moderna:

O cavalheirismo não morreu: apenas dorme por falta de ocupação. É tarefa de vocês despertá-lo para ações elevadas. São vocês que devem se mostrar dignas da devoção de um cavaleiro.

É tarefa de vocês serem superiores a nós.

Como se deve ler tais e outras páginas, que beiram a misoginia? Trata-se enfim de tal postura, ou a ironia do autor é tão sutil que induz o leitor a uma concepção equivocada a esse respeito? Eis uma questão para o leitor decidir.

Nem sempre, felizmente, Jerome mostra-se tão polêmico ou expressa-se de maneira tão sisuda. Mesmo num tema tão delicado quanto à privação humana, que leva à miséria e à fome, encontra o autor espaço para a genuína comicidade:

Existem diferentes graus de penúria. Todos passamos por apertos, uns mais, outros menos (...) Neste exato momento, eu mesmo estou precisando arranjar 5 libras (...) E se uma dama ou um cavaleiro dentre os meus leitores pudessem fazer a gentileza de me emprestar (...) poderiam enviar para o endereço dos meus editores, srs. Field & Tuer, peço apenas que nesse caso se certifiquem de fechar bem o envelope.



Devaneios ociosos de um desocupado

JEROME K. JEROME
Trad.: Jayme da Costa Pinto
Carambaia
162 págs.

TRECHO

Devaneios ociosos de um desocupado

Não há retorno na estrada da vida. A frágil ponte do tempo em que pisamos mergulha na eternidade a cada passo que damos. O passado se afasta de nós para sempre. É recolhido e guardado. Não nos pertence mais. Não podemos apagar sequer uma das palavras que um dia proferimos.



O AUTOR

JEROME KLAPKA JEROME

Nasceu em 1859 em Caldmore, Reino Unido. Após a morte do pai, foi obrigado, aos 14 anos, a trabalhar como empregado de estradas de ferro. Devido a seu interesse pelo teatro, começa a atuar, o que lhe permite circular pela Inglaterra. A experiência o auxilia na escrita de suas primeiras peças, conseguindo relativa aceitação, mas é com **Devaneios ociosos de um desconhecido** que alcança maior êxito. Morreu em 1927.

No trecho acima o leitor terá não apenas uma amostra genuína do humor da obra, como também do estilo despojado. Contudo, não raro, no que toca a este último, cede-se a vez, no decorrer da narrativa, a um manuseio verdadeiramente poético da linguagem:

O coração de um homem é feito fogo de artifício que reluz, breve, ao riscar o céu. Qual meteoro, cintila por um instante e ilumina com sua glória todo o mundo aqui embaixo. E então as trevas de nossa vida cotidiana e infame irrompem e o sufocam.

E como se pode observar, um manuseio certo, alinhando uma expressão admirável com um conhecimento lúcido da vida. Deve-se às metáforas do autor a impressão favorável quanto ao conteúdo, de maneira que o raciocínio não enverede pelo moralizante, mas sobretudo pelo lógico.

Jerome, aliás, através de seu personagem, se mostra disposto a rir de si mesmo, porém com mais intensidade se ri das instituições e pessoas ao seu redor: a Igreja, a Sociedade, o Homem e a Mulher, os costumes e sua hipocrisia.

Cabe ressaltar, por fim, que o ataque não é a única faceta da obra. O autor também dedica sua pena à análise especulativa de elementos constitutivos da existência humana. É assim que surgem insights perspicazes em temas tão intimistas quanto a Memória, aliás tópico final da obra:

O mundo se enche de fantasmas à medida que envelhecemos (...) Todas as casas, todos os cômodos, todas as cadeiras que rangem têm seu próprio fantasma particular. Eles assombram as câmaras vazias da nossa existência.

E tais temas, em que pese a presença de alguns um tanto banais, representam o que há de mais misterioso e essencial da condição humana. É neles que reside o interesse maior da obra, embora o humor e descontração sejam os principais fiadores da agradabilidade da leitura. Com o decorrer das páginas, entre uma risada e outra, a impressão que mais ganha força é que se está diante não de um gracejador barato, mas de um autor cujo espírito fino desvela com desenvoltura e graça as incongruências das condutas humanas (inclusas aí as do próprio personagem/narrador) e as desventuras da vida.

É um alento e tanto que tal conjunto seja revestido de um invólucro desprezioso, mostrando que o autor tem plena consciência do que quer em seu trabalho. Quando uma obra é assim bem resolvida, a satisfação do leitor é uma consequência inevitável. **👍**

O vazio da maternidade

Casas vazias, romance da mexicana Brenda Navarro, dá voz a duas mulheres conectadas pelo desaparecimento de uma criança

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ

Casas vazias traz duas histórias regidas pelo mesmo centro de tensão temática: a maternidade. A primeira delas é narrada por uma mulher cujo filho desaparece, tragando-a para um sorvedouro de autoacusação e desesperança; a segunda dá voz a uma personagem moldada por tipos de violência, que aceita e comete atos reprováveis no afã de ser mãe. Em seu romance de estreia, a mexicana Brenda Navarro constrói estes relatos em sendas paralelas que, a certa altura, se cruzam. A destreza com que a autora articula e imprime um senso contundente de verdade aos testemunhos oferece uma experiência de leitura irresistível por conta do suspense vinculado aos desdobramentos dos fatos, que se desatam do compromisso ficcional para também examinar os dilemas da concepção num ambiente misógino. No entanto, o grande trunfo do livro está em usar de dramas individuais para explicitar mazelas de proporções nacionais, de forma intuitiva, quase sussurrante.

A trama se inicia com o sumiço de Daniel num parque, em plena luz do dia. O instante de desatenção da mãe, ao telefone, basta para lhe faltar o filho de três anos, ativando uma torrente mental de sentimentos sombrios, segredos destrancados e pensamentos subversivos. Casada com o espanhol Fran, que lhe proporciona uma vida confortável de classe média, a personagem nunca desejou a maternidade e, menos ainda, ter de cuidar de Nagore, a sobrinha do marido que foi morar com eles, depois de a mãe ser assassinada e de o pai ser preso pelo crime. Seu papel, no elenco familiar, sempre foi de fingir atitudes e suprimir intenções, descontando na menina e fraudando afeto pelo filho, que manifestara o espectro autista. O desafogo foi encontrado num caso extraconjugal com Vladimir, “um amante que oferecia barganhas sexuais como se fossem presentes”. Era ele quem estava do outro lado da linha anunciando o fim do relacionamento, no momento da perda de Daniel. A raiva e a culpa advêm dessas duas separações — talvez.

De um outro degrau social, ressoa a segunda narradora, uma mulher que sobrevive do traba-

lho braçal, em meio a penúria e maus-tratos. Rafael, o namorado, um escroque dos mais repulsivos, é mais um perpetuador de abusos que ela tolera, obcecada pela maternidade. Num passado, chegou a engravidar, mas sofreu um aborto, tendo de ser levada às pressas para um hospital sucateado, enquanto o amante a traía com a cunhada adolescente. Ela prefere se cegar, acolhendo humilhações, imersa na expectativa da chegada do filho. E, quando a natureza não atende a sua vontade, decide agir por conta própria. Sequestra um menino, a quem chama de Leonel.

Duas perspectivas

Navarro aposta numa estratégia de escrita usual, que consiste em alternar duas perspectivas para um mesmo conflito, definindo uma a contraparte da outra. Enquanto a mãe de Daniel irradia recusa, a sequestradora de Leonel é um fosso de permissão. O talento está em escapar, incólume, da armadilha do estereótipo, dando forma a narradoras que conseguem passar para o leitor a verdade da vivência do desespero, de estados de consciência febris. Esta é a chave de comunhão para com o texto, pela qual o mistério encontra aderência, mas, principalmente, faz entender que é apenas um chamariz para assuntos que apontam mais para o real do que se fermentam na imaginação. Trata-se de um romance que contém, em seus interstícios, nuances de ensaio. Uma reflexão crítica corajosa, ora delicada, ora feroz, sobre a idealização da maternidade, demolindo convenções, pesos morais e valores preestabelecidos. Ser mãe é exposto como uma doença física e mental exclusiva da mulher. E aí se pode compreender claramente os pontos de amarra do enredo, decodificados em situações distintas, de aparente arbitrariedade, contudo direcionadas para um discurso premente: a condenação do feminino.

É a mãe que se martiriza por ser martirizada pela perda do filho. A órfã de um feminicídio que, tirada de seu lar, passa a ser tratada como estorvo por quem deveria lhe oferecer algo de acolhedor. A descendente de um legado de crueldades que, em função de um anseio profundo, torna-se

TRECHO

Daniel desapareceu três meses, dois dias e oito horas depois do seu aniversário. Tinha três anos. Era meu filho. A última vez que o vi, ele estava entre a gangorra e o escorregador do parque ao qual eu o levava todas as tardes. Não lembro de mais nada. Ou sim: eu estava triste, porque Vladimir tinha me avisado que estava indo embora, pois não queria baratear tudo.



Casas vazias

BRENDA NAVARRO
Trad.: Livia Deorsola
Dublinense
160 págs.

refém de manipulações aviltantes. A adolescente que, enganada num jogo sexual, não percebe ser um fantoche descartável. Todas enganadas, todas emocionalmente em frangalhos, todas vítimas de uma cadeia de cerceamentos, intimidações, constrangimentos e censuras praticadas por discípulos de um Estado patriarcal, que associa a gravidez ao princípio de existência da mulher.

Afora isso, são socialmente quase nada; casas vazias, numa das tantas possibilidades de interpretação do título. Portanto, não há escândalo quando somem, tampouco quando são agredidas e/ou assassinadas. Navarro incorpora esta substância de protesto e denúncia em contextos que suas personagens necessitam de amparo do poder público ou dos maridos, dos namorados e dos pais que as circundam. O descaso indica uma precariedade tanto quanto são, pela condição e pela conduta, os mecanismos e os agentes que os monitoram, indiferentes ao processo de falência humana, da instabilidade dos sentimentos e da fragilidade dos direitos, da falta de solidariedade e da intolerância, fazendo dessas histórias uma espécie de geografia pulsante por onde reverbera uma compreensão mais abrangente. Com domínio e extrema sutileza, a autora direciona o olhar para seus retratos 3X4 de modo a divisar um cenário nacional, um México onde mais de 100 mil famílias enfrentam a dor de ter um ente desaparecido, onde dez feminicídios são registrados por dia, onde escritoras, a exemplo de Fernanda Melchor, do também ótimo **Temporada de furacões**, precisam fazer da literatura um libelo de resistência.

Em dado momento da trama, os pais de Daniel são comunicados que a polícia encontrou o cadáver de um menino que foi violentado e preso para fazer vídeos pornográficos. Não era seu filho e, ao deixarem o necrotério, alguém diz que ainda há esperança. “Esperança de quê?”, questiona-se a mãe. E essa é a frase que fica circulando na cabeça ao fim da leitura deste grande livro. **Casas vazias** é a ilustração de um pesadelo sem fim, que incomoda não pelo horror que proporciona, mas pela percepção de que ninguém mais se sensibiliza a ele. ●



A AUTORA

BRENDA NAVARRO

Nasceu no México, em 1982, e vive em Madri (Espanha). Estudou Sociologia e Economia Feminista e tem mestrado em Estudos de Gênero. Além da atuação em órgãos que lutam pelos direitos humanos, destaca-se seu envolvimento em projetos que buscam promover a escrita de mulheres, como o *Enjambre Literario*, fundado por ela, que teve como objetivo divulgar vozes femininas da América Latina a partir da publicação de suas obras. Também autora de contos e poemas, ganhou o prêmio Tigre Juan por **Casas vazias**, seu romance de estreia.

nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

CALEIDOSCÓPIO: UMA POÉTICA

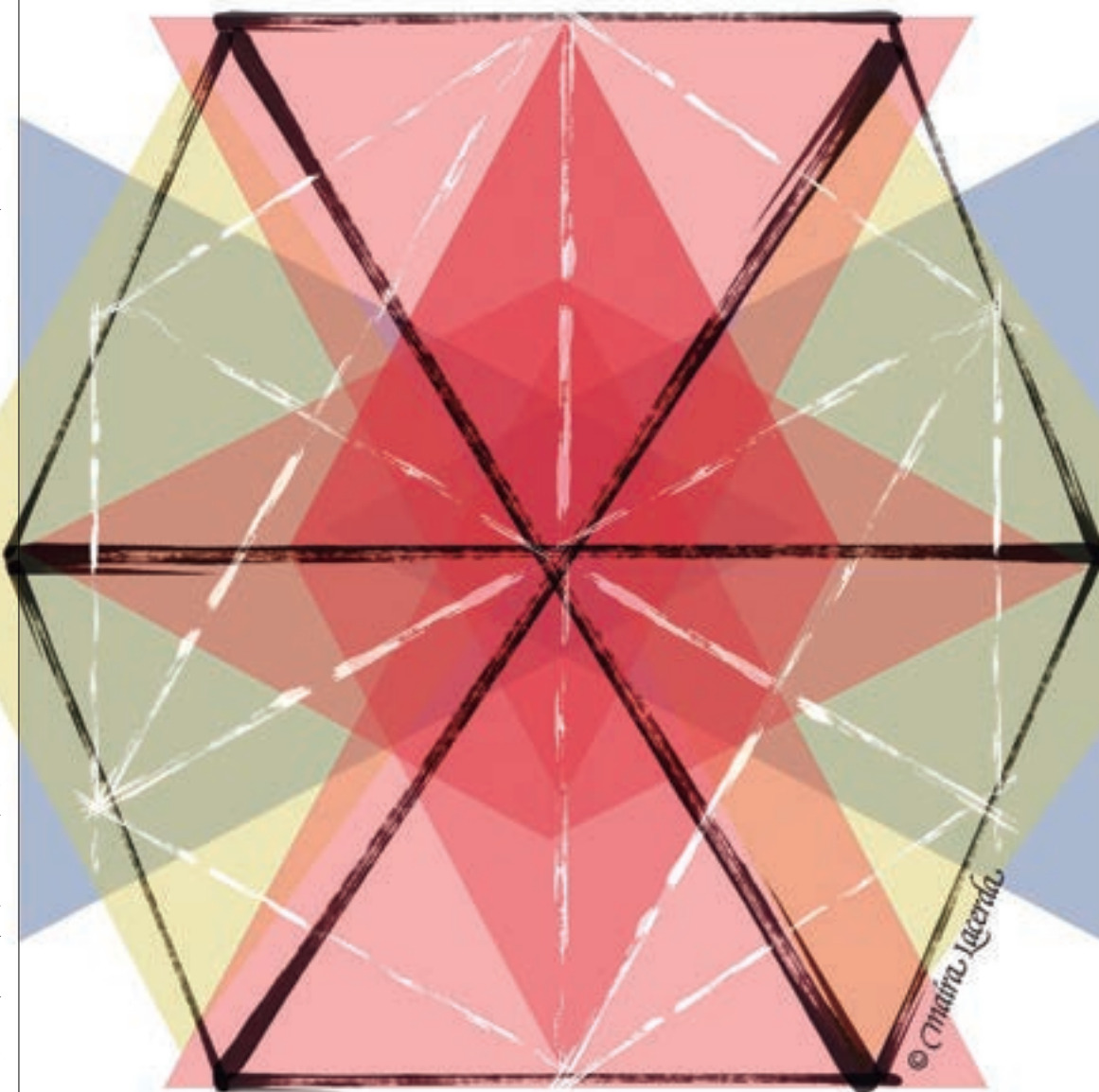
Ilustração: Maíra Lacerda

O objetivo desta coluna esteve claro, desde seu início. Apesar de o campo da literatura para crianças e jovens estar solidificado em termos de produção, reconhecimento e estudos teóricos, sua presença no interesse acadêmico e na divulgação midiática apresenta limites claros. É raro que, em um artigo sobre produção contemporânea de literatura brasileira, possamos encontrar citados lado a lado, por exemplo, Círcula Fittipaldi e Mariana Salomão Carrara, Roger Mello e Micheliny Verunschik. Com a delimitação entre os campos e pouca comunicação entre eles, perdemos todos os que estudam ou fruem literatura.

A partir de seus saberes e exercícios profissionais predominantes, uma designer e uma crítica literária buscariam considerar o livro concebido para crianças e jovens como um produto íntegro, na articulação entre texto verbal e texto visual, ou de composição apenas imagética ou verbal. O leitor implícito dessa produção não seria afastado da experiência literária, dada na medida de seu alcance leitor, como acontece igualmente com a produção adulta. Um livro literário para a infância ou para a juventude não é menor ou menos significativo que um livro literário para o adulto e uma história da literatura, para ser completa, deverá considerar ambas as produções.

Caleidoscópio pareceu a denominação mais adequada ao projeto, na alusão à beleza expandida, fruto de fragmentação, e da capacidade da recriação de nova totalidade. Mas a opção se fez preceder de outras possibilidades: sementes, caracol, girassóis. Caracol foi uma ideia bem cotada. Não há criança ou adulto sensível que não se deixe fascinar pelo caracol, por essa fantástica possibilidade de carregar a própria casa às costas e nela se recolher ao menor sinal de perigo. E tem ainda o lastro, lista viscosa e brilhante, rastro singular assinalando o caminho. Em *Kew Gardens*, o caracol fornece inusitada perspectiva narrativa a Virginia Woolf. Francis Ponge, atento à emoção provocada pelo mutismo das coisas que nos cercam, é evocado por Bernardo Carvalho, em *Nove noites*:

... *Cãmtwyon* passou a ser, para mim, o rastro do caracol: não adianta fugir, aonde quer que você vá estará sempre aqui. A imagem me fez lembrar um texto de Francis Ponge sobre os caracóis: "Aceita-se como tu és. De acordo com os teus vícios. Na proporção da tua medida".



A medida da literatura está em reconhecer alteridades, em ofertar uma potência linguística para expressão, na manifestação de si e do outro, em representações que nos aproximam do que é estranho, inclusive do estranho em nós. Já foi abordada nesta coluna a importância do caleidoscópio em uma pedagogia da literatura com foco na compreensão, na formação de leitores e na ausência de uma fronteira traçada entre idades e fruições. **O equilibrista**, de Fernanda Lopes de Almeida e Fernando de Castro Lopes (a primeira autoria é de texto verbal, a segunda de texto visual), **A margarida friorenta**, da mesma autora e de Lila Figueiredo, **O frio pode ser quente**, de Jandira Mansur e Michele, são algumas produções dos anos 1980, cujo cerne está na descoberta da alteridade, da complexa potencialidade das experiências do mundo.

Eu sou cachorro, de Baek Heena, autora sul-coreana, é publicado em 2019 (2022, no Brasil) e a cuidada produção gráfica alterna esculturas, fotografia, intervenções sobre elas e grafismos. Entre o cotidiano do menino Dong-Dong e do cachorro Bolinha, o conceito de família é resignificado, em interessante reflexão

sobre pertencimento, com abordagem de fácil compreensão para qualquer criança, sobretudo para aquelas que têm em casa um "animal de estimação", conceito também posto em análise. Um aspecto a reparar são os instigantes cortes cinematográficos na narrativa, em compatibilidade com o rico e intenso diálogo contemporâneo com imagens.

Somos cercados atualmente por tal abundância de imagens, que dois caminhos podem se abrir em decorrência disso: o alargamento ou a inibição do imaginário, o sujeito sendo conduzido a um universo de formas originais ou fixas. Confrontá-lo com a arte ou confortá-lo com o palatável são as ofertas em pauta. Oferecer escuta ou estereótipos. **Conte-me mais**, obra da argentina Yael Frankel, traz a conversa entre mãe e filha pequena, na qual o compromisso da primeira, em síntese da idade adulta em contraponto à idade da infância, é acolher a fala do outro em sua integridade. Sem restrição à via escolhida, margeando o poético mais radical, a conversa se inicia e prossegue de forma hospitaleira. A receptividade da mãe às afirmações da filha é própria de quem reconhece o valor de expressão

do sonho mais desvairado para a construção do possível; o investimento da filha continua rumo ao sempre possível do pensamento e da linguagem. A ilustração, ousada e lírica, encarrega-se de traduzir tal perspectiva.

Nas obras citadas, o texto literário, tal qual o caracol, desliza, deixando rastro/lastro pelo caminho, em marca da experiência estética a permitir modificação de pontos de vista. O reconhecimento da alteridade, a apreciação do mundo pelo desvelar da poesia, a inferência da potência linguística para expressão do sujeito e reinvenção do real — características inerentes à experiência literária — deixam-se reconhecer nessas obras, desde o equilibrista que tece o rumo do próprio fio, a margarida que treme por falta de afeto, os contrários que mudam de posição conforme a perspectiva.

Por outro lado, se não é função da literatura fazer o mundo de outra maneira, mudar o curso da História, e cabe a ela tão somente narrar e poetizar o mundo, vertê-lo em perplexidade, náusea, anseio ou deslumbramento, é determinante sua função de memória do humano.

Nós também tivemos nossas memórias salgadas.

Os castelos de areia tinham ameias, torres das princesas e pontes de palitos de sorvete sobre as fossas que cavávamos em torno das muralhas. Tudo, mas tudo ruía quando alguma onda desavisada se aproximava sem nos pedir permissão.

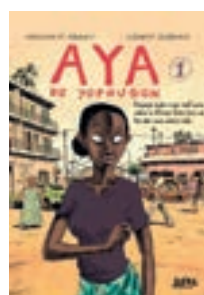
Castelos de areia nunca viveram felizes para sempre.

As despreziosas lembranças da infância não se desmancham ao aproximar da onda, e mostram-se, ao contrário, consistente argamassa existencial. A narrativa poética de **Castelos de areia**, de Márcia Leite e Odilon Moraes, desprende imagens vivas e simétricas, passíveis de compor um caleidoscópio vital. Nele, a passagem do tempo é vista como natural, capaz de trazer ganhos: *Que bom que era. Que bom que foi.* A voz da narradora se faz ouvir, e convida, em réplica imediata: *Mas olha só este mar, que lindo...*

Esses prismas por onde observar o real, essas linhas que o demarcam mas que não o contêm, os traços tênues a insinuar camadas não percebidas, a mudança de formas tão rápida que leva o olho à dúvida permanente acerca do que vê... Se fôssemos desenhar a palavra literatura, caleidoscópio não seria mesmo a melhor das imagens? **1**

rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs

Vencedor do Prêmio de Melhor álbum de estreia no Festival Internacional de HQ de Angoulême em 2006, **Aya de Yopougon** tenta mostrar uma outra visão sobre as pessoas que vivem na África. Em Yop City (é assim que o pessoal chama o bairro de Yopougon), na Costa do Marfim, não se ouve falar de guerra civil, aids ou fome. O que se ouve são as confusões de três amigas, Aya, Bintou e Adjoua, que vivem os mesmos dilemas de tantas outras jovens de sua geração: garotos, festas e dúvidas sobre o futuro. Esta crônica do cotidiano na Costa do Marfim no fim dos anos 1970 é um pouco do que a própria autora Marguerite Abouet vivenciou, contado de uma maneira sensível e cheia de humor, retratado com vivacidade pelos desenhos de Clément Oubrerie. Os quadrinhos apresentam uma África desprovida de clichês, um retrato social sensível, uma história de amor e amizade.



Aya de Yopougon (vol. 1 e 2)

MARGUERITE ABOUET E
CLÉMENT OUBRERIE
Trad.: Julia da Rosa Simões
L&PM
112 págs. e 122 págs.



Dias de areia

AIMÉE DE JONGH
Trad.: Bruno Ferreira
Castro e Fernando
Scheibe
Nemo
288 págs.

Dias de areia foi lançado originalmente em 2020. Desde então, tem sido aclamado pela crítica de diversos países. A obra já arrebatou pelo menos sete grandes premiações internacionais. Na França, conquistou o Prix des Libraires de Bande Dessinée (2022), o Ouest-France/Quai des Bulles (2021), o Etoiles du Parisien (2021), e o BDstagram (2021). A graphic novel retrata a tragédia das tempestades de areia nos Estados Unidos na década de 1930. A holandesa Aimée de Jongh reconta o sofrimento da população das pradarias do centro-sul do território norte-americano durante o fenômeno do Dust Bowl. A década de 1930 foi marcada por uma das maiores crises econômicas mundiais, consequência da famosa quebra da Bolsa de Nova York em 1929. Para agravar ainda mais a situação de agricultores das pradarias na região central dos Estados Unidos, frequentes tempestades de areia causaram uma imensa destruição agrícola e, infelizmente, deixaram milhares de mortos e desabrigados.



Um cadáver no rio Imjin

HARVEY KURTZMAN
Trad.: Ederli Fortunato
Veneta
264 págs.

Harvey Kurtzman foi o criador da icônica revista *Mad*. Mas antes, no início de seu trabalho para a lendária editora EC Comics, Kurtzman criou duas outras publicações que teriam imensa influência na evolução do meio: a *Two-Fisted Tales* e *Frontline Combat*. O ano era 1950, os Estados Unidos estavam tomados pela paranoia anticomunista e pelo furor patriótico provocado pelo envolvimento do país na Guerra da Coreia. Kurtzman então resolveu denunciar em seus gibis os horrores da guerra. Foi vigiado pelo FBI e espionado pelas Forças Armadas, mas as histórias que criou naquele momento tornaram-se clássicos. Focando na Guerra da Coreia, mas abordando também uma série de outros conflitos, desde a colonização do México no século 21, passando pelos confrontos entre indígenas e contrabandistas na Amazônia, até as trincheiras da Sicília na Segunda Guerra Mundial, o quadrinista mostrou que a verdadeira face da guerra não tinha nada de bonita. **Um cadáver no rio Imjin** compila toda a produção dessa fase, trazendo pela primeira vez ao Brasil as histórias que geraram uma verdadeira revolução na produção de HQs dos anos 1950.

Quando minha voz falhar é o primeiro livro da ganesa Ruby Yayra Goka publicado no Brasil. O romance infantojuvenil aborda questões importantes, presentes em praticamente todas as sociedades, inclusive na brasileira, como pobreza, jovens em situação de vulnerabilidade social, desigualdades sociais profundas, violência sexual e contra a mulher, abandono parental e machismo estrutural. Os assuntos são tratados a partir de uma perspectiva pessoal da jovem Amerley, de 16 anos.



Mesmo quando sua voz falhar

RUBY YAYRA GOKA
Trad.: Nina Rizzi
FTD
269 págs.

Um grilo que quer dormir e não consegue. De repente ele dorme, mas pensa que continua acordado. E, dormindo, ele sonha que não consegue dormir. E de tudo faz para cair no sono. A autora Lia Neiva conta, por meio da poesia, essa aventura, na qual sonho e realidade se misturam numa espiral de acontecimentos. As ilustrações de Rosana Urbes trazem humor e sensibilidade à busca do grilo pelo tão sonhado sono.



O grilo

LIA NEIVA
Ilustração: Rosana Urbes
Mamute
32 págs.

Autora do best-seller **Sonata em Auschwitz**, Luize Valente faz sua estreia na literatura para jovens. Alma e Eva são melhores amigas para sempre. Na verdade, elas são mais do que amigas, são “amigas gêmeas”. Nasceram no mesmo ano, no mesmo mês, no mesmo dia, na mesma cidade, na mesma rua, com apenas algumas horas de diferença. Elas estão crescendo em meio à Segunda Guerra Mundial e, durante esse período, as pessoas enfrentavam imensas dificuldades. Uma delas era a proibição de se estar perto de quem se gosta. Mas a amizade de Alma e Eva resiste a tudo isso, graças à coragem que elas têm de permanecerem juntas.



A menina com estrela

LUIZE VALENTE
Pingo de Ouro
128 págs.

João Cândido Felisberto nasceu em 1880 no Rio Grande do Sul. Se tornou marinheiro em 1895. Um dos líderes da Revolta da Chibata, que tinha como objetivo cessar os maus tratos aos marinheiros no Brasil, foi preso por um ano e depois expulso da Marinha. Este livro conta sua história, trazendo um elemento muito delicado: o diálogo com o sonho e a realidade através dos bordados da autora Flávia Bomfim, que remetem aos bordados de João feitos na prisão.



O adeus do marujo

FLÁVIA BOMFIM
Pallas
48 págs.

A contadora de histórias e cantora Carol Levy faz sua estreia literária com o livro infantil **O pólen das corujas**, publicado pela Cepe. Por meio de uma fábula, Carol apresenta às crianças o Programa Mãe Coruja, implantado pelo governo de Pernambuco em 2007 e que desenvolve ações para reduzir a mortalidade materno-infantil. No livro, um grupo de abelhas de passagem pelo Sertão descobre um lugar com alto índice de mortalidade de filhotes e de mães corujas. As abelhas operárias entram em cena, num trabalho coletivo, diário e contínuo, para acolher as corujas que precisavam de ajuda.



O pólen das corujas

CAROL LEVY
Ilustração: Terciano
Torres
Cepe
40 págs.

O nome de Emily Dickinson (1830-1886) há muito circula por aqui com seus poemas em nossas revistas, jornais e edições parciais. Basta citar o nome de dois leitores de sua obra: Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. De fato, é possível identificar a circulação de seus textos a partir de algumas traduções: Manuel Bandeira, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ana Cristina Cesar, Cecília Meirelles, Mário Faustino, Paulo Mendes Campos, Álla de Oliveira Gomes, Idelma Ribeiro de Faria, José Lira, Isara Mara Lando são somente alguns dos tradutores que aceitaram o desafio do embate e mergulharam na linguagem potente e concisa, que é uma de suas marcas.

A publicação de seleções e fragmentos é, certamente, um meio para introduzir e fazer circular a obra de um autor num sistema literário e cultural diferente. Esse movimento vai criando redes, estimulando a leitura e estabelecendo contatos, inclusive, imprevistos. Recortes que vão compondo as tesselas de um grande mosaico, imagens que vão sendo perfiladas de Dickinson por meio das inúmeras releituras oferecidas pela tradução. Mosaico que entre 2020 e 2022 ganha duas tesselas fundamentais que acabam por coroar a recepção dessa grande poeta americana no Brasil. Trata-se dos dois volumes que reúnem os mais de 1.800 poemas, traduzidos por Adalberto Müller e publicados em parceria pelas editoras Unicamp e UnB.

Sim, é isso mesmo! **1.800 poemas.** Porém, somente cerca de 10 deles foram publicados em vida, com modificações externas. A circulação de seus textos ficou por muito tempo restrita ao espaço íntimo da correspondência: as famosas cartas enviadas para familiares e amigos. É só em 1890, depois de sua morte, que sai um primeiro livro, organizado por Thomas Wentworth Higginson e Mabel Loomis Todd, que pouco ou nada incentivaram a publicação de seus textos em vida e fizeram intervenções no material poético. E é só depois de 80 anos de sua morte que sai uma edição de sua poesia, reunindo mais de 1.770 textos, organizada por Thomas H. Johnson. A dificuldade na organização dessa obra é também dada pelo fato de ela não datar seus manuscritos e de não ter o hábito de colocar títulos. O esforço realizado diante dos fascículos e folhas, como enfatiza Adalberto Müller, é um trabalho sobretudo arqueológico, filológico, diante do mundo das variantes.

Trabalho artesanal

Uma outra curiosidade e particularidade é o modo como Dickinson conservava esse material. Ela organizava seus poemas em fascículos, as folhas duplas dos manuscritos eram costuradas uma a uma. Vale lembrar que a costura é um trabalho artesanal tipicamente feminino. A agulha que abre o caminho para a linha juntando tecidos, construindo formas, aqui une poemas e produz “autoedições” num quarto solitário em Amherst (Massachusetts). O conhecido isolamento da poeta não significa uma não adesão à vida literária. Dickinson mantinha uma correspondência constante com críticos importantes, lia com frequência os jornais e livros publicados, escrevia sobre questões de seu tempo como a Guerra Civil e era constante a troca de cartas com amigos e poetas. A solidão se torna reclusão mais para o final da vida, e o delicado/duro trabalho com o jardim (outra atividade artesanal) se entrelaça à escrita e a costura.

Aos 35 anos, em 1865, a poeta já tinha seus famosos fascículos e neles trazia uma nova estética para a poesia, mesmo que ela não tivesse uma clara consciência disso. A não publicação de um livro em vida é, sobretudo, fruto da incompreensão por parte de seus interlocutores, que talvez não conseguissem perceber o frescor daqueles versos com suas lentes tão coladas ao presente. São trinta anos de observação da sociedade americana, paradoxalmente quase sem sair de casa, sob o impacto da Guerra Civil, sendo seu pai e amigos mais próximos abolicionistas. Num determinado momento, os fascículos vão deixando de ser montados e costurados enquanto há um aumento considerável das cartas. Isso é interessante, porque como aponta Müller, “os limites entre a prosa das car-

tas e a poesia dos versos começam a se desfazer. Isso já estava visível, aliás, nas famosas *Master Letters*, cartas que ela escreveu entre 1858 e 1861 a um ‘mestre’ desconhecido e as quais nunca enviou”.

Para Augusto de Campos, tradutor de 80 poemas, a poesia de Dickinson *surpreende*. Montagem a partir de paradoxos, uma linguagem límpida, cortante, mas em nada simplista é uma de suas características: “Conta toda a verdade, mas de viés”, diz um de seus versos. Essa escrita constrói possíveis vias entre o concreto e o abstrato, para tal a observação do que está ao redor (aranha, borbo-

leta, abelha, cochonilha, casa, janelas) se torna fundamental. O profundo mergulho na linguagem não pode deixar de produzir uma poesia pensante que demanda por incursões e desvios filosóficos. Especialmente, a partir de 1870, percebe-se uma entrada na esfera do indecível, como já apontaram alguns críticos, que se desdobra inevitavelmente tanto em rupturas com a métrica e o verso quanto em jogos com os espaços brancos da página.

Religiosidade

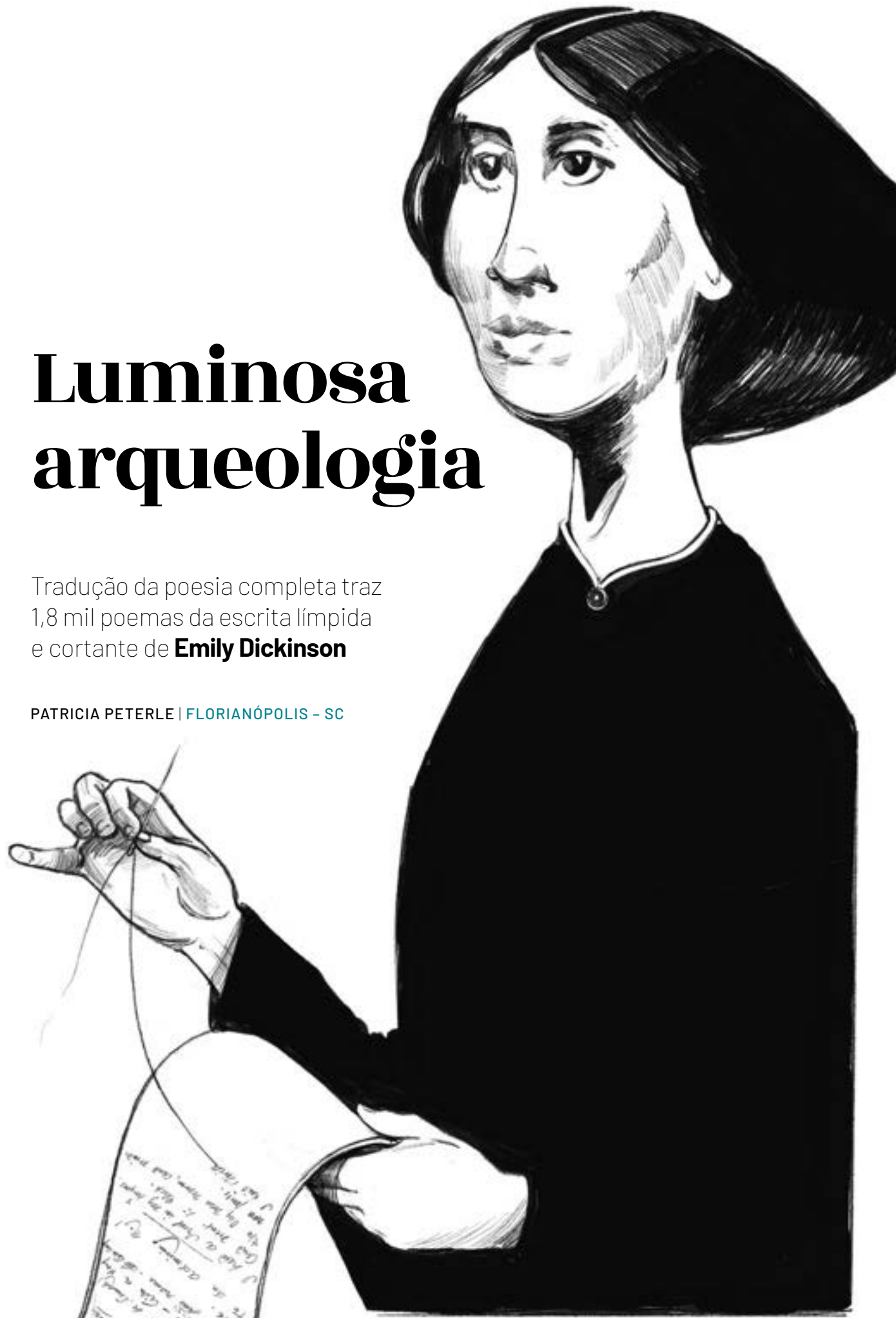
Os temas mais tratados em seus poemas são a relação com a natureza (questões ligadas ao antropoceno), problematizações no que concerne a fama e a glória, a fobia social, a religião, o amor lés-

Emily Dickinson por **Fabio Miraglia**

Luminosa arqueologia

Tradução da poesia completa traz 1,8 mil poemas da escrita límpida e cortante de **Emily Dickinson**

PATRICIA PETERLE | FLORIANÓPOLIS - SC



bico. Sem dúvida alguma, o embate com a religião, nascida numa família puritana, é algo crucial, confirmada pela frequente intertextualidade com o texto bíblico. A rigidez da educação com todas as suas imposições e o cotidiano cristão fazem parte daquela parte de mundo que é vivida, sentida e observada pela poeta. Como disse Eugenio Montale, Prêmio Nobel em 1975, num dos textos críticos a ela dedicados, não se pode negar que Dickinson seja uma poeta essencialmente religiosa. Deus para ela é um personagem, afirma Montale, com que mantém não uma conversa, mas uma disputa em perpétuo litígio. Ela o acusa de duplicidade, com dificuldade o perdoa por ter criado o pecado original, mas, no fim,

Deus permanece para ela o Pai, o Motor. Todavia, não numa arquitetura monumental, mas sim numa construção poética “frágil” e “sutil”.

Todos estes temas falam para além do seu presente e da sua realidade interiorana no Massachussets. É talvez o traço do contemporâneo, tal como lido por Giorgio Agamben, que encontramos nos textos de Dickinson, quando o filósofo italiano afirma que a contemporaneidade é “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” e, continua Agamben, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”.

Para além dos temas já indicados, a forma do poema e a própria linguagem de Emily Dickinson reafirmam essa marca de contemporaneidade, que como vimos não significa simplesmente pertencer a um tempo. A métrica irregular, as rimas “despreocupadas”, certa liberdade sintática, uma mão originalíssima nas pontuações a distanciam das tendências mais recorrentes de sua época, e provocam tensões (basta pensar nas propostas de intervenções e correções de seus poemas). A capacidade de síntese na complexidade atrai os leitores para seus poemas curtos, chamativos, concisos e velozes como flechas. Flechas que incidem de modo incontornável na segunda metade do século 20 e em todo o 21. O léxico certeiro, minimalista, pulsa de intensidades: uma estratégia, aqui, é aquele pouco que diz muito.

A tradução de Adalberto Müller foi sendo feita ao longo de sete anos e oferece aos leitores brasileiros a inteireza dos 40 fascículos conforme “editados” pela própria poeta e muito mais. A leitura dos volumes, as mais de 1.700 páginas da edição brasileira, mostra como num determinado momento a poeta está preocupada com a estrutura da estrofe e do verso e como, num segundo, essa atenção sofre corrosões. O *Volume I – Os fascículos* é composto, então, por esses 40 fascículos em inglês e na tradução em português, que foram escritos até 1865, ou seja, até seus 35 anos. As ilustrações de espécies florais e ervas que estão na capa e no interior dos dois volumes remetem tanto ao famoso herbário da poeta quanto às plantas cultivadas no jardim da casa paterna.

O *Volume II – Folhas soltas e perdidas* é composto por poemas que não fazem parte dos fascículos e por uma cronologia da vida de Dickinson. Aqui, vemos como depois de ter alcançado uma maturidade de escrita, ela continua em busca de algo, continua experimentado a própria escrita. Es-

sas *Folhas soltas* complementam e aprofundam a leitura dos *Fascículos*. Trata-se de um mergulho profundo no laboratório poético de Emily Dickinson, no qual o percurso de Adalberto Müller enquanto professor de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense e enquanto escritor ajuda a abrir frestas para essa tradução de grande fôlego. Tanto a edição americana de referência quanto a brasileira corroboram o fundamental papel das instituições universitárias, das trocas e produções intelectuais que geram e possuem um impacto mais do que relevante no campo cultural e intelectual.

A edição de Cristianne Miller, *Poems as she preserved them*, publicada em 2016, pela Harvard University Press, é a referência para a monumental tradução brasileira. A de Miller é a última edição em língua inglesa que se difere das demais por propor os poemas na pressuposta ordem que Dickinson os deixou e organizou. As numerações estabelecidas por outras edições, por exemplo, são abandonadas, os poemas, agora, são separados por um sinal gráfico e, geralmente, são acompanhados por uma data. E esse trabalho de restabelecimento da “série” só foi possível graças ao grupo de pesquisadores e estudiosos que trabalhou ao lado de Miller, que ainda assina o prefácio do *Volume I*.

Obra de referência

O resultado é uma obra, sem dúvida, de referência, como poucas publicadas no país, possível graças à parceria entre as editoras universitárias Unicamp e UnB. O trabalho e o esforço para essa tradução também podem ser lidos como uma resistência ao famoso jargão *poesia não vende!* Quantas portas não são fechadas todos os dias? Quantas possibilidades de mundo não chegam, porque as regras do mercado editorial também impõem obstáculos? E quais as responsabilidades éticas dessas escolhas? Aqui entramos num terreno pantanoso, pois trata-se do que é oferecido pelo mercado que regula o próprio mercado. É triste nos darmos conta de que muitas editoras ao invés de terem um papel de responsabilidade diante do campo cultural, parecem preferir investir naquilo que é mais fácil e cujo retorno é mais imediato; regulando assim — direta e indiretamente — a oferta e, portanto, o que chega nas mãos dos leitores e *pode* ser lido.

Não se trata aqui de fazer uma batalha cultural (essa é uma longa discussão), o importante é ter a consciência de que há espaço para tudo, tanto para os *best-sellers* quanto para o que poderíamos chamar de *long-sellers*. Num país com tantas carências e ausências no campo da educação, que venham mais e mais traduções... as lacunas são imensas!!

A característica dessa publicação, contudo, é ser uma edição crítica, com importantes paratextos e análises que já são uma



Poesia completa (vol. 1 e 2)

EMILY DICKINSON
Trad.: Adalberto Müller
UnB e Unicamp
884 págs. e 762 págs.

referência para alunos, professores e estudiosos. A organização de uma obra completa é sempre algo que se deve comemorar, é sempre um feito, mas, por outro lado, também há riscos como o de “congelar” uma imagem da figura do escritor e de seus textos. A empreitada de Adalberto Müller parece não cair nessas armadilhas da “completude”, uma vez que ele remexe e desconstrói um pouco da figura da própria poeta e abre, por meio dos ricos e perspicazes paratextos, para novas possibilidades de leitura. Não se trata só de tradução, o que já seria muito!, mas nos é oferecido: 1) a história editorial dessa obra, que não deixa de falar e acenar para concepções e visões do próprio campo poético; 2) as variantes, as mudanças e intervenções de Dickinson, ou seja, a trama de seu processo criativo. Poderíamos, então, pensar nesses dois volumes como uma espécie de “arquivo” da obra de Emily Dickinson, um arquivo que traz a marca da pesquisa e da tradução brasileira.

Ana Cristina Cesar ao refletir sobre sua tradução de um poema de Dickinson se coloca o problema da forma curta e da problemática acerca da diferença do inglês e do português, sendo o inglês uma língua monossilábica:

Essa tensão entre condensação e inflação me faz ir em frente. É, na verdade, uma tensão e não uma regra. Mas, como regra, poderíamos dizer que as melhores traduções são aquelas que: 1) procuram reduzir a taxa de inflação ao mínimo; 2) tentam absorver o esforço original de dar condensação ao poema; 3) procuram encontrar mais equivalência para esse esforço específico do que para o significado original.

Um questionamento semelhante décadas antes é feito por Montale que traduziu muito do inglês para o italiano, mas traduziu somente um poema de Dickinson. Todavia, Montale parte do pressuposto que diante da escrita da poeta é preciso *desmontá-la, desoperá-la* para que possa funcionar numa língua outra, no ritmo do outro, *costurando* elementos presentes do texto fonte. A porta de entrada para eles na tradução está no respeito da “taxa de inflação ao mínimo”, escolha que impõe um percurso que sai do poema para poder depois voltar a ele.

É a partir dos termos *costura, pesponto e sutura* que Adalberto Müller fala das escolhas tradutórias:

de um lado, a tarefa de costura, que obriga o tradutor a adotar uma posição “editorial” que dê coerência e harmonia ao conjunto dos poemas. Além de seguir a edição de Miller, foi necessário consultar os manuscritos, outras edições e várias traduções — sobretudo a tradução alemã da poesia completa de Gunhild Kübler. Mas acrescento aqui, neste prefácio [Vol. II], que a minha costura é um pesponto, como se diz: ela reforça o trabalho editorial de Cristianne Miller, mas dá um acabamento à moda, necessário à melhor inteligibilidade da obra de Dickinson no Brasil de agora. De outro lado, opera-se a sutura, que é uma forma de manter o texto em seu regime de indecidibilidade (ou de “mistério”, se assim se quiser). Isso levou a algumas escolhas que ultrapassam o “sentido” de cada poema individual.

O que temos aqui é um relato sintético do complexo e poroso trabalho de tradução, que olha para cada poema, mas, ao mesmo tempo, precisa manter uma relação — mesmo que tensa — com o todo. Do mesmo modo, as ligações com a edição de Cristianne Miller não poderiam ter uma única direção, ponto de partida sim, reconhecendo a importância do trabalho da equipe de Miller, mas é preciso dar “um acabamento à moda”. Ou seja, é preciso dar contado sistema cultural que acolhe, um equilíbrio para a inteligibilidade. E nesse caminhar entre línguas, experienciando linguagens, acompanhamos também reflexões do tradutor sobre suas próprias escolhas. É o que acontece com o verso em inglês, “The Soul selectes her own Society”, que na tradução em português fica: “A alma escolhe as suas Amigas”, considerando que o termo “society” se refere a “algo que se relaciona aos amigos íntimos, sócios na amizade”. Müller, aqui, reconhece que sua solução não é a mais feliz, e a coloca ao lado da de Ana Luísa Amaral, que segundo ele é excelente para o ouvido português: “A alma escolhe a sua Companhia”. Entre a luminosidade e a escuridão, o que resta é um reluzir, aquele movimento bruxuleante que faz parte do próprio laboratório de Emily Dickinson. **U**



tércia montenegro

TUDO É NARRATIVA

Ilustração: Thiago Lucas



NÃO TÃO RÁPIDO

Como Proust pode mudar sua vida (Intrínseca, 2011), de Alain de Botton, é um livrinho ligeiro e com cara de autoajuda, mas que vale uma leitura pelas curiosidades que traz sobre o escritor francês e sua família. Num dos episódios anedóticos do início, ficamos sabendo que Proust certa vez produziu um artigo de cinco páginas em resposta a um breve relato jornalístico sobre um matricídio: o criminoso, Henri van Blarenbergh, era amigo do autor e, logo após cometer o crime, também se matou.

A meditação proustiana sobre o aspecto trágico da natureza humana mostra o lado profundo daquilo que superficialmente poderia ser rotulado como “loucura” pelo apressado leitor do jornal. Como diz De Botton, “boa parte da literatura e do teatro não teria nos dito nada se tivéssemos nos deparado com seu tema sob a forma de uma notícia breve durante o café da manhã”.

Proust, com seu estilo antissintético (confirmam todos os volumes de **Em busca do tempo perdido**), reitera a lição de que avançar lentamente torna as coisas mais interessantes e pode, inclusive, inspirar mais compaixão. Hoje, quando a velocidade é considerada virtude, desenvolvemos o

vício da rapidez em tudo: estimulados pela internet, somos a cada instante excitados, invadidos por comunicações ou anúncios (que nos apressamos em dispensar). Os conteúdos se impõem, bruscos e vazios; mergulhados num constante assalto dos sentidos, andamos aos pulos, num ritmo fugaz e automatizado. Levamos uma vida cada vez menos filosófica, sem espaço para debates longos, sem permissão para contemplar o mundo.

Estão em jogo questões éticas, teóricas ou sobretudo psíquicas, nesses ambientes computadorizados, impostos ainda mais na recente quarentena. O efeito zap — que nos leva a mudar o foco de atenção desvairadamente, considerando um fragmento qualquer como unidade informativa (e assim ninguém examina uma foto, por exemplo, ou lê um texto inteiro no site) — constrói a ilusão de que estamos “ganhando tempo”. Entretanto, adquirimos um vício ansioso, ignorando o que permanece inalcançável por baixo dessa mimese eletrônica.

A pressa é inimiga da perfeição — mas lembramos que o provérbio ilustra não somente a ideia de atitudes afobadas, trabalhos feitos no último momento ou realizados sob urgência. O seu avesso aponta para o perfeito de um ritmo lento, que é a lição mais proveitosa.

Hoje várias iniciativas de consumo sustentável combatem o estilo alucinado de uma produção que acumula e massifica — embora tal postura não seja invenção recente. Tendências contemporâneas na linha do minimalismo e da ecologia, por exemplo, podem vir sob um termo novo, um conceito cheio de carisma ideológico —

mas uma pesquisa histórica mostra nossos ancestrais praticando justamente isso: lentidão, posse mínima de bens, processo artesanal no preparo de roupas, alimentos...

Claro, o contemporâneo cobra outra atitude: toda mensagem deve ser recebida — e respondida — de imediato, o vídeo de divulgação não pode exceder um minuto, a encomenda vem na entrega-relâmpago... Sob o mesmo raciocínio, o carro tem de ser veloz; o sono, curto; as relações, fugazes. Nessa estrutura de pensamento, “quem é esperto não perde tempo”. Mas para onde nos leva esse *lucro*, esse ganho de antecipações e superficialidades?

O fato de que Proust se interessava tanto pela lentidão, na existência e no pensamento, promove um diálogo com **Sociedade do cansaço** (Vozes, 2019), por antítese. Byun-Chul Han destrincha como a atenção se fragmenta pelo excesso de estímulos e a liberdade se transforma em compulsão, num perverso engano de autogestão: assim, toda carreira ou destino se apresenta à maneira de uma maratona. Em **Vida para consumo** (Zahar, 2008), Zygmunt Bauman também afirma que “o consumismo, em aguda oposição às formas de vida precedentes, associa a felicidade não tanto à satisfação de necessidades (como suas “versões oficiais” tendem a deixar implícito), mas a um *volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes*, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la”.

Em seguida, Bauman comenta que Stephen Bertman cunhou os termos “cultura agoris-

ta” (*nowist culture*) para denotar a maneira como vivemos em nosso tipo de sociedade: o fenômeno líquido-moderno do consumismo realmente passa pela negociação do significado do tempo. Este começa a ser encarado numa perspectiva pontilhista, com cada instante sendo uma potencial explosão de potencialidades que, entretanto, permanece desconectada com a seguinte. Já não existe uma ideia de fluxo, continuidade entre experiências, e essa perspectiva de salto de um momento a outro, de um ponto ao próximo, favorece a fragmentação, a velocidade.

Diz Bauman: “Sim, é verdade que na vida ‘agorista’ dos cidadãos da era consumista o motivo da pressa é, em parte, o impulso de *adquirir e juntar*. Mas o motivo mais premente que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de *descartar e substituir*. (...) Ou um big-bang acontece agora, neste exato momento da primeira tentativa, ou se deter nesse ponto particular não faz mais sentido”.

A lentidão é a estratégia dos sábios. Eu já suspeitava de seu poder por associar um ritmo tranquilo à paz e, portanto, à felicidade (ambas parecem iguais, às vezes). Mas agora percebo como a recusa da rapidez favorece a observação que, por si, leva a um estado meditativo. Observar o próprio corpo, agir conforme suas demandas (de sono, apetite, humor) é deixar de vê-lo como máquina programada para funcionamentos específicos — e apressados.

Esse pensamento tão óbvio — de que o corpo é um organismo, um conjunto bioenergético sujeito a ciclos — é revolucionário, porque o capitalismo quer um corpo-engrenagem, adaptado para atingir metas produtivas (e consumistas). Porém, se pensarmos no indivíduo integrado à natureza, tudo se cura e pacifica, inclusive a ideia da velhice se transforma, vista como parte de um processo natural e, na verdade, privilegiado, pois que nem todos chegam a ela.

A observação também guarda o segredo do tempo. Se estamos atentos, percebemos a vida acontecer, não somente deixamos que ela passe descontrolada por nós. E a vida parece querer ser observada: quando paramos para contemplá-la, instantaneamente ela suaviza, fica menos dura ou absurda... já notaram?

Na arte, a observação é essencial — tanto para quem cria, quanto para quem recebe. Em processos terapêuticos, idem. Mas não se pode observar direito o que é veloz; em filmes de ação, o detalhe se perde, tudo se generaliza numa mancha confusa. O estresse acelera; a fuga, por ser um ato instantâneo, é superficial. Útil dentro de um mecanismo de sobrevivência, não deve durar, sob risco de sofrimento físico. A saúde, biologicamente, está associada ao relaxamento e ao descanso — que são também modos de observar. ●



luiz antonio de assis brasil

O CÂNONE NA MOCHILA

BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO



Ilustração: **Carolina Vigna**

1.

O poderoso **Moby Dick**, escrito em 1851, com o alucinado Capitão Ahab no comando do Pequod, deixou à sombra outros livros de Herman Melville que, por si sós, poderiam figurar no cânone. Não me refiro tanto às novelas de aventuras de seu período inicial, e que o fizeram famoso e com algum dinheiro. Falo de outros, escritos em “tom menor” e, dentre estes, estão **Billy Bud** e o **Bartleby**. O “tom menor”, entretanto, está também presente mesmo no **Moby Dick**, na figura do sensível Ishmael, o rapaz que conta a história do Capitão Ahab. Quero dizer: essa é uma vertente que, com olhos particulares, pode ser encontrada aqui e ali na obra do autor, ou, por inteiro, em **Billy Bud**. Por essas e outras causas, discute-se, mas esse é assunto que agora não vem ao caso, acerca do possível componente homossexual de Melville, em especial, na sua relação com Nathaniel Hawthorne.

2.

Bartleby, o escriturário, essa joia minimalista que se lê em duas horas, levou um subtítulo significativo: *Uma história de Wall Street*, com toda carga semântica que já possuía a afamada rua do dinheiro e das ações. Nessa rua, um pobre tão pobre que não tem onde dormir, pede para estender um colchonete no chão de um escritório de advocacia em que conseguiu um salvador emprego de escriturário, é uma extravagância criada por algum imaginativo ficcionista. Pois bem: existe esse pobre, se chama Bartleby, e o escritor é Melville. Ninguém sabe de onde veio Bartleby. Melville é daqueles escritores que privilegiam o momento presente e suas circunstâncias, sem aborrecer o leitor com longas digressões e pavorosos flashbacks. Tudo acontece a partir de uma situação crítica e dali só vai para frente.

3.

A história é contada pelo atarefado chefe do escritório, um advogado, que já tem três outros funcionários. Por um momento, podemos figurar uma situação: o advogado, na primeira vez em que dá uma tarefa a Bartleby, escuta uma voz não agressiva, suave até, que lhe responde: “Prefiro não fazer”. Como você agiria, na mesma situação? O inesperado levaria você pensar que se tratava de uma brincadeira de seu funcionário, um dito para descongelar o momento, mas isso seria demais, especialmente nas circunstâncias de uma séria hierarquia; depois, você pensaria ter escutado mal; depois, afastadas essas dúvidas, e com os prazos judiciários correndo, você adiaría a questão e encarregaria outro funcionário de realizar a tarefa, mas depois você voltaria a dar nova ordem a Bartleby, e a resposta é a mesma, “Prefiro não fazer”. Pronto. Ele fixa você com olhos cinzentos, calmos e opacos. Você pensaria ter empregado um louco, e a vontade seria de despedi-lo no ato, mas... mas algo fascina em Bartleby, superior a você. E a negativa não é contra você, nem contra o ambiente de trabalho, nem deriva de uma preguiça, nem da incompetência para realizar o mandado; é apenas um ato de exercício de liberdade, muito bonito, mas, às suas custas?

4.

Bartleby é a pessoa que não quer pensar, nem obedecer, nem mandar. Aos poucos, ele nada mais faz no escritório. Isso remete, inesperadamente, àqueles escritores que não escrevem. O catalão Enrique Vila-Matas publicou, em 2000, um livro em que trata dos escritores que, mesmo o sendo, não escrevem. Trata-se de uma obra de muito humor, na qual discorre sobre as diversas desculpas que usam para sabotarem a si mesmos, escolhendo, as-

sim, o ineditismo. Uma espécie de “prefiro não escrever”. O título de Vila-Matas é inteligente e conotativo: **Bartleby e companhia**, publicado também no Brasil. Um bom consolo a quem está na mesma situação e pensa que é o único a sofrer desse mal.

5.

Pelo título de Melville, muitos acham que Bartleby é a personagem central. Engano: nesta novela, a situação crítica é, sim, a recusa de Bartleby. [Recordemos: a situação crítica ocorre quando acontece algo que não deveria acontecer; Bartleby, em vez de obedecer, recusa-se a isso]. Se sua recusa desencadeia a tensão, quem tem de ficar à conta com o problema, entretanto, é seu superior. Dado que a personagem central de um romance é aquela que mais tem a perder na história, então o advogado adquire essa centralidade. Bartleby, não: ele vive em sua invariável placidez, não evolui, não se questiona, não se altera. Este, portanto, é um caso raro, literariamente falando, em que há o deslocamento da tensão para uma personagem inesperada, o advogado — e eis um belo ensinamento técnico de seu autor.

6.

Mas quem é esse advogado, que conta a história em primeira pessoa? Sua autodefinição é: “...sou um homem que, desde a juventude, pensa que a melhor maneira de se viver é enfrentar tudo com tranquilidade. Por isso que, embora eu exerça uma profissão proverbialmente enérgica e tão agitada que, por vezes, chega às raias da desordem, nunca aceitei que nada pudesse perturbar a minha paz”. Esse conceito, claro, é menos uma descrição de si mesmo do que um desejo de conduzir-se assim. Digamos: o advogado é uma pessoa à beira do abismo; qualquer estremecimen-

to da paz será capaz de tirar-lhe o chão. Em seu mundo ferozmente binário, só há lugar para a paz ou o caos. Estão postos os elementos para a pequena tragédia que lhe aconteceria com a negativa de Bartleby. Curioso é perceber o quanto a perturbação do chefe significa a constatação de que seu empregado, antes dele, já havia adquirido aquela serenidade que ele, o chefe, desejava para si mesmo. Em outras palavras: Bartleby lhe era humanamente superior. Aí radica a centralidade narrativa do chefe.

7.

O curso da narrativa apresenta um crescimento linear da tensão, com um índice sempre igual: não há um grande episódio, não há nada pontual que eleve as decorrências da situação crítica a picos de cordilheira. Há, sim, simples reiteração do “Prefiro não fazer”, que passa a agir como a tortura, dita chinesa, do pingo d’água sobre o crânio, que enlouquecia a vítima. O advogado, então, transita por diversas atitudes perante seu funcionário: ora quer dispensá-lo, ora procura entendê-lo em sua obstinação, assumindo até uma ação paternal, mas vencem a perplexidade e o êxtase. Nesses trâmites, ele evolui, teme tanto Bartleby e sua resposta, que não mais lhe questiona nada.

8.

O final é um dos mais perfeitos de qualquer novela que eu tenha lido; é uma suspensão tensa do seu conflito, que vem a ser a oposição entre a sanidade e a loucura, essa díade fantasmática que, de um modo ou outro, mais cedo ou mais tarde, nos assalta em nossa trilha existencial, a qual sempre desejamos que seja de paz e serenidade. Enfim: em muitos momentos, somos esse advogado. Por esta razão, **Bartleby** deve ir para nossa mochila. **📖**



fabiane secches

CADERNOS DE LEITURA

A DIFÍCIL ARTE DE NARRAR E DE ESCREVER

Ilustração: Thiago Thomé Marques

Giovanna é uma adolescente prestes a completar treze anos e mora na parte alta e mais abastada da cidade de Nápoles, no sul da Itália. Filha de dois professores de classe média, desde a infância, tem acesso aos livros, à boa educação, a discussões sobre sociedade e marxismo. Cercada de afeto, em meio a esse ambiente cultural efervescente, a vida da garota até então havia sido tão estimulante quanto segura. O que ela não sabe é que a realidade que conhece está prestes a ser rompida, assim como a adolescência é, por si mesma, um momento de ruptura e transformações importantes em nossos corpos e histórias de vida.

Essa é a premissa do romance **A vida mentirosa dos adultos**, de Elena Ferrante, lançado no Brasil pela Intrínseca, com tradução de Marcello Lino, que acaba de ganhar uma adaptação para a Netflix, uma minissérie italiana de seis episódios. Lançada há um mês, a minissérie, assim como o romance, foi aguardada com muita expectativa. Esse foi o primeiro livro publicado pela autora desde a celebrada *Tetralogia napolitana* — composta pelos volumes **A amiga genial**, **História do novo sobrenome**, **História de quem foge e de quem fica** e **História da menina perdida** —, fenômeno de recepção mundial.

Tanto na tetralogia quanto nos romances anteriores, as narradoras de Ferrante são mulheres que, com esforço, constroem um caminho de ascensão social. Essa é a primeira vez que, nesse aspecto, temos uma protagonista que se distingue das demais. Ainda assim, a obra guarda semelhanças importantes com as demais, como a voz que narra, sempre em primeira pessoa, e os principais eixos temáticos explorados pela autora. A cidade de Nápoles é onipresente, muitas vezes se tornando mais do que um cenário, quase alçada ao posto de personagem.

Esses elementos reforçariam a coesão do projeto literário de Ferrante, que encontra em cada enredo novas formas de elaborar tensões principais que a mobilizam. Mas, nesse último romance publicado, também encontramos elementos novos, ou que ressurgem sob uma nova luz e com novos contornos, como o tratamento dado aos temas da sexualidade e da religião.

A vida mentirosa dos adultos se concentra em narrar as experiências vividas entre os doze e os dezesseis anos de Giovanna, o que poderia ser um indicativo de que se trata de um romance de formação, como muitas obras às quais Ferrante faz referência, direta ou indiretamente. Acompanhamos a jornada de Giovanna rumo à vida adulta, acompanhando os desafios específicos desse período de “aprendizado”.

Mas ao contrário de romances de formação tradicionais — como **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe, considerado a pedra angular do gênero —, o percurso da protagonista não se dá em torno de uma jornada de ascensão de classe. É na descida que Giovanna tenta compreender melhor a família, os pais, a si mesma e o mundo em que vive: “Eu só tinha uma certeza: para ir até eles, era necessário descer, descer, descer cada vez mais, até a mais funda das profundezas de Nápoles, e a viagem era tão longa que eu achava, naquelas ocasiões, que nós e os parentes do meu pai morávamos em duas cidades diferentes”.

O processo tem início quando ela passa por dificuldades na escola e escuta uma conversa dos pais, Andrea e Nella, em que ele, sempre amoroso e bem disposto com a filha, compara a menina com a tia Vittoria, irmã com quem rompeu há anos. De temperamento turbulento, Vittoria



vive em um bairro localizado na Zona Industrial de Nápoles. Não se casou, não tem filhos e, na versão do irmão, surge como uma figura quase mítica de tão odiosa.

“Foi assim que, aos doze anos, soube pela voz do meu pai, sufocada pelo esforço de mantê-la baixa, que eu estava ficando igual à sua irmã, uma mulher na qual — eu o ouvira dizer desde sempre — feiura e maldade coincidiam perfeitamente”. O pai escapou do bairro e da vida pobre através da educação, enquanto a tia não apenas permaneceu lá, como passou a personificar o lugar.

Magoadíssima com a conversa entreouvida, Giovanna se torna obcecada por Vittoria e pelo temor de se parecer com ela. Começa revirando fotografias antigas, termina frequentando sua casa. Os pais aceitam, ainda que a contragosto, o contato da menina com a tia. Os encontros rendem relatos cativantes e exagerados para suas melhores amigas, as irmãs Angela e Ida. Acostumadas a uma vida protegida e abonada, elas ficam fascinadas com a figura sombria, pobre e rancorosa de Vittoria, que também é tão poderosa e surge nos relatos da menina como uma espécie de bruxa.

Vittoria também compartilha características emblemáticas com outras personagens de Ferrante. Enquanto os pais da narradora e os pais de suas ami-

gas são retratados como pessoas “civilizadas”, Vittoria é bruta nas palavras e nos gestos, vai se impondo e estrilando por onde passa. Além disso, tem uma relação passional não apenas com as pessoas, mas também com seus valores e crenças, como a religião (católica). Mas, conforme a sobrinha a observa de perto, também encontra uma mulher com fragilidades e contradições. Instigada pela visão da tia a respeito do irmão, Giovanna passa a observar também os pais sob uma nova lente, mais complexa e ambivalente.

O título do romance, **A vida mentirosa dos adultos**, é provocativo como os demais títulos de Ferrante, pois se é verdade que os adultos mentem, também a menina, em sua adolescência, passa a encadear uma série de mentiras. O aprendizado de Giovanna parece ser também uma iniciação no rito da mentira, talvez até mesmo da ficção, da narrativa. O que nos levaria ao livro mais recente da autora publicado no Brasil: **As margens e o ditado**, também com tradução de Marcello Lino, também pela Intrínseca. Nessa obra tão curta quanto densa, classificada como de não ficção, estão reunidos quatro textos de natureza híbrida: são ora narrativos, ora ensaísticos (mistura bastante presente em algumas passagens da *Tetralo-*

gia napolitana, por exemplo), em que Ferrante trata de sua própria história de formação como leitora e como escritora, iluminada e instigada por outros textos e autores, discorrendo sobre os prazeres da leitura e os dilemas da escrita.

Entre diversas citações de outras obras de diferentes autores, os textos de **As margens e o ditado** também tematizam, tanto quanto ecoam, trechos de obras anteriores da própria autora, como esse que está logo na primeira página de **A vida mentirosa dos adultos**: “na verdade, não sou nada, nada de meu, nada que tenha de fato começado ou se concretizado: só um emaranhado que ninguém, nem mesmo quem neste momento escreve, sabe se contém o fio certo de uma história ou se é apenas uma dor embaralhada, sem redenção”. Um romance de formação em que esse processo jamais ocorre por completo. Ao contrário.

Se tiver fôlego, a leitora da obra completa de Ferrante (quase integralmente disponível no Brasil — com exceção de **L'invenzione occasionale**, antologia que reúne suas colunas publicadas no *The Guardian*) é uma experiência muito rica não apenas pelo seu valor literário, mas também pelas questões complexas que suscita sobre o próprio ato de ler, de narrar e de escrever no mundo contemporâneo. 🗨

O olhar perdido

Por que olhar para os animais?

ensaios de John Berger,
aborda o fim da relação entre
seres humanos e animais

A fotografia merece minha carinhosa atenção e parte do meu tempo. Certo dia uma senhora telefonou, pretendia combinar preço e horário, para eu fotografar os animais no zoológico. Respondi que naquele lugar jamais. Nessas minhas quase sete décadas neste planeta, estive duas vezes em zoológicos, não sei qual a pior. E prometi: nunca mais. O olhar de alguém preso é sempre acusador e ao mesmo tempo suplicante. Nunca mais.

Por que olhar para os animais?, uma coletânea de ensaios de John Berger, aborda o fim dessa relação entre os seres humanos e os animais. Os jardins zoológicos ainda são muito frequentados, mas o olhar entre homem e animal não existe mais. O que se percebe é a crueldade envolta na aspereza da condescendência: “o homem está preservando essa espécie”. Este argumento vulgar inclui a extinção da liberdade. Preservação e extinção, argumentos não faltarão.

Nossa relação com os animais, ou melhor, com a natureza é algo inconsciente. Aqui deixo de lado alguns significados de inconsciente, me refiro aos processos mentais que ocorrem alheios à nossa percepção. Se que tenhamos consciência. É o que acontece nas idas aos zoológicos, olhares apressados e insensível e olhares assustados e condenados. O que me fez lembrar da história contada por Adalberto Maru Kaxinawá e Joaquim Mana Kaxinawá.

A história vem de um tempo longo, médio, recente. De ontem, hoje, amanhã.

História é passado, história é presente.

A história é como o mundo, porque não tem fim.

É um caminho muito longo.

Enquanto o tempo vai passando, mais histórias vamos construindo.

História é passado, história é presente.

A história não é só do ser humano. Também é dos encantados, dos animais, da floresta, dos rios e dos legumes.

História está em todo lugar do mundo.

Esquecemos de interagir com a natureza, interagir começa por respeitar, o máximo que conseguimos é ler/ver/ouvir notícias sobre conferências climáticas, nos sentirmos mais próximos das motosserras do que das florestas, dos animais, e dos seres humanos preocupados com a saúde do planeta; quando tomamos conhecimento das manifestações de Greta Thunberg e dos Médicos Sem Fronteiras. Isso mesmo, preservar o ambiente, florestas, animais, não implica fechar os olhos, esquecer, negar a imensidão de pessoas que sobrevivem quase por milagre.

Um filósofo e a morte é o título do último ensaio de **Porque olhar para os animais?** No centro do filósofo Ernst Fischer, o texto pode ser lido como uma crônica sobre amizade e morte.

“A primeira decisão que tomei na vida”, ele disse, “foi não morrer. Quando era criança e fiquei doente, à beira da morte, decidi que queria viver.”

Somos finitos e, diante da história do mundo, somos ridiculamente finitos. No entanto, exercitamos inúmeros subterfúgios no afã de esquecermos ou disfarçarmos essa nossa importante característica. Diante disso, uma dúvida me assalta: se tudo, talvez à exceção das pedras, acaba devido à ação ou prazos de tempo, não seria o tempo seu próprio algoz? O tempo



AUTOR

JOHN BERGER

Nasceu em Londres (Inglaterra), em 1926. Foi crítico de arte e escritor. Em 1972, ganhou o Book Prizer com **G.**, seu quarto romance. Autor de inúmeros romances, peças de teatro, ensaios e poemas, Berger nunca deixou de participar dos debates políticos e sociais de seu tempo. Morreu em 2017.



Por que olhar para os animais?

JOHN BERGER

Trad.: Pedro Paulo Pimenta

Fósforo

104 págs.

TRECHO

Por que olhar para os animais?

A natureza é energia e luta.

É o que existe sem prometer

nada. Se pode ser considerada

arena ou cenário, deve-se

também considerar que

ela se presta tanto ao mal

como ao bem. Sua energia é

assustadoramente indiferente.

A primeira necessidade da vida

é o abrigo. Abrigo contra a

natureza. A primeira oração é

por proteção. O primeiro sinal

da vida é a dor.

n’algum tempo encontrará seu ponto final. Logo, somos frágeis concessões do tempo em seu propósito de nesse período aprendermos a nosso respeito e dentro do possível nos melhorarmos, logo tornaríamos o mundo um cenário menos cruel.

Mas o que nos torna tão abjetos nessa relação com os animais, com a natureza? Ausência ou congelamento de sentimentos?

Um gato

Certa vez um homem encontrou alguns gatos e com eles passou a brincar.

Um gato, porém, recebeu atenção fora do normal e não tardou a morar com o homem. Logo foi providenciada a castração e o gato morreu antes de começar a cirurgia. Ao receber a informação o homem chorou muito. Afora o amor interrompido, por que mais ele chorava? Eu sei. Por sentir-se envergonhado, por não se permitir ser ele mesmo. E como se dera conta dessas inúmeras lacunas? O que o despertara para si? Por que aquele homem curioso usava tal característica para pesquisar, investigar, estudar, inúmeros aspectos do viver e negligenciara o que estava mais perto, junto, o seu interior, a sua essência, a sua capacidade de sentir? Capacidade que ele imaginara, equivocadamente, passível de ser subjugada. Dominar o sentir usando como ferramenta o intelecto. Mas seriam necessariamente dissociáveis o sentir e o saber intelectual? Ele tinha consciência, porém, externamente, fazia questão de negar; da inseparabilidade do sentir e pensar, essa união que desafia toda nossa racionalidade e nos devolve uma condição que desde criança vivenciamos. A criança que tem a chave da nossa sensibilidade, a criança que ensaja a descoberta por nós em nós mesmos, pavimenta o caminho do autoaprender, aprender consigo mesmo, moldar-se, fazer-se; ao mesmo tempo autotransformar-se. E aquele gato despertou o homem velho, consequentemente a sua criança, no sentido de refazer-se.

Relação homem x animal

O ensaio que empresta o título ao livro de Berger, *Porque olhar para os animais?*, faz referência a essa desrespeitosa ou talvez inexistente relação homem/animal. A velocidade do mundo atual, a necessidade de espaço, pouco espaço para o amor? Todas as alternativas?

E o homem mencionado anteriormente precisou do triste episódio para então admitir a união do sentir e do pensar. Ele continuará em sua tentativa infunda de se melhorar, de aprender, e de sentir. Um gato morreu para transformar um homem. O homem que chorou como chora uma criança em sua plena sinceridade do sentir, um homem que buscou no sofrimento a sua própria criança para juntos sentir. O gato morreu, o homem sofreu, um dia ao passar pelo mesmo lugar onde encontrara aquele gato, avistou um filhote, um gatinho preto e branco, e ambos, homem e gato, olhares opostos, se encontraram. O olhar do gato impressionou o homem, o homem que percebeu o olhar do gato filhote, no entanto, já era outro. Transformado pelo gato que morrera e sua prospecção de sentidos para aquilo. O homem percebera sua mudança e por semanas procurou o gatinho, que, no papel de gato de rua, fugia. Até o entardecer quando despencou de cima de um armário onde comia ração que o homem costumava deixar desde o dia em que percebera gatos naquele lugar. Então, sob protestos sonoros e arranhões, o homem levou o gatinho cujo olhar fez com que mais uma vez aquele homem velho refletisse sobre o sentir, o ser, o ter e o viver. Homem e gato tornaram-se inseparáveis. O gato ensinou aquele homem a sentir. A sentir o sentir. E qual a maneira de chegar a si? Pelas vias do sentir. O homem que sentenciara um novo momento, pelo menos no que tange aos limites do seu lar, a partir da morte do último de seus animais domésticos, e logo a presença daquele filhote reacendera uma frase de Darwin:

Somente quando nos preocuparmos com a totalidade dos seres sensíveis nossa moralidade atingirá seu nível mais alto. 📖

Revolução dos Bichos

O clássico de Orwell em uma edição exclusiva.

BAIXE
GRÁTIS



gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos



GAZETA DO POVO

FABRÍCIO OLIVEIRA



TRAPÉZIO DA TEMPESTADE

Canta carcará
do trapézio
da tempestade.
Relampeja minha carne,
sangram as córneas
do meu sertão.

Meu coração é um penhasco
de guizos e saudade.

Assombram-me predadores
de melanina,
e a vida (esta tarde)
é um arbusto de víboras.

A loucura é uma motosserra
decapitando a selva
das palavras.

Na prateleira da tarde em espiral,
um corvo desolado
racha
o crânio de ovelhas desmamadas.

Trago no bolso o furor das traças,
açoito a porta do manguê,
porcos pascem
dentro dos dejetos deste dia.

Guizos de melancolia
invadem
o pomar dos enfermos: esperança
inundada de bÍlis e medo.

Canta carcará
do trapézio
da tempestade,
açoita a fome,
mastiga neblinas, urtigas,
o gergelim dos bêbedos
e a língua
dos párias.



RUÍNAS

Rasgam minha carne
os dentes da morte.

E o sol (vertigem) me invade
com seus presságios.

A vida é só um lapso,
e eu — cético:

regresso sobre meu rastro
para acordar meus cavalos.

PESADELO

Há matilhas de facas
entalhando minha face;
cães mijam na minha pele:
todo negro é um hóspede,
da noite, que o persegue.

Triste presságio:
todo negro terá suas cotas
para o inferno.
Seus passos ecoam na estrada
para o naufrágio.

E nascem ossos nas flores
que o negro colhe.



INFÂNCIA

Nesta metrópole de ossos solitários,
há mãos terríveis que espantam os pássaros.
Revólveres trafegam embaixo dos tetos,
crianças choram no sofá da sala.

O tique-taque do relógio rompe a porta
do tempo: duas borboletas se arrebetam
na geografia da criança morta
com marcas de facas e dentes no pescoço.

Toda criança é uma hóspede do medo:
do tique-taque, do furor da fera.
Eu sou o infante que não se desespera
nesta metrópole de ossos solitários. 🗣️

Ilustração: **Eduardo Mussi**



FABRÍCIO OLIVEIRA

Nasceu em Santo Estêvão (BA), em 1996. É autor dos livros de poesia **Gramática das pedras** (2020) e **Viração** (2022), ambos pela Patuá.

MARIA FERNANDA ELIAS MAGLIO

Ilustração: **Denny Chang**

Você está correndo no quintal da sua vizinha da frente. É pega-pega e a vizinha diz que está com você. Você corre descalço no chão que é parte de grama, parte de cimento, seus chinelos estão na sombra da única árvore, você não gosta de calçar chinelos quentes e no hoje daquele dia faz muito calor, é janeiro.

A vizinha tem os cabelos enrolados que vão até o fim das costas, quase lá, na bunda, e agora que você tem treze anos, gosta de pensar na bunda da vizinha correndo de shorts de lycra e cabelos soltos. E agora que você tem treze anos, gosta de ver a bunda da vizinha correndo de shorts de lycra e cabelos soltos. Você está correndo atrás da vizinha e também dos outros: o moleque da rua de baixo que tem apelido de Fanta Uva, o irmão mais novo da vizinha, um cara que talvez morasse do lado de lá da sorveteria e se chamasse Caio ou Eduardo, tinha uma cicatriz na bochecha, uma linha branca e fina em forma de arco.

Você é o pegador, você tem que correr o mais rápido possível e pegar alguém para deixar de ser o pegador, esta é a regra do jogo. Você corre em direção a todos, mas o mais rápido possível apenas na direção da vizinha.

Ainda são nove da manhã, mas seus pés queimam quando você está no chão de cimento, é janeiro. Você pensa em vestir os chinelos, mas você sabe que não vai conseguir correr o mais rápido possível estando de chinelos, você sabe que pode cair de boca no cimento estando de chinelos, que pode perder os dois dentes da frente tentando correr o mais rápido possível de chinelos. Suas pernas se movimentam para todos os lados do quintal, mas seus olhos estão grudados na vizinha, na bunda coberta de lycra, nos cabelos soltos. A vizinha nunca prende os cabelos, por mais que esteja calor, por mais que esteja correndo no pega-pega, por mais que seja janeiro.

A vizinha olha para você e diz: você não me pega, lerolero, como se fosse uma menina de nove anos que não é. Ela tem treze, como você. Os cachos da franja grudam na testa e você acha um pouco nojento os cabelos úmidos de suor. Você acha nojento, mas também acha estranho, também acha bonito. E você entende, aos treze anos de idade, correndo no quintal de cimento e grama, às nove e dezessete de um sábado de janeiro, que as coisas nojentas são também estranhas e bonitas.

Você está quase alcançando os cabelos suados da vizinha quando vê. No chão de cimento, perto da linha onde começa a grama: uma taturana marrom. Você para de forma brusca, bem a tempo de não pisar, é das peludas, você sabe que queima. A vizinha percebe que você parou, mesmo estando de costas, mesmo estando de bunda e também para. Diferente de você, que está descalço no cimento, ela está na grama e tem os pés calçados de tênis. Ela pergunta: que foi?, com uma severidade que nem de longe lembra a voz infantil que acabou de dizer lerolero. A franja está completamente grudada no rosto, quase esconde as sobrancelhas e os olhos cor de ameixa.

Você baixa o olhar em direção à taturana e a vizinha entende sem que você precise explicar: ah. Os outros também pararam e o que se chama Eduardo ou Caio diz que é lagarta de fogo, queima de ter que ir pro hospital. E a vizinha diz mais uma vez: ah, mas com outra entonação.

Você poderia pedir para a vizinha que está de tênis brancos com listras rosas pisar na taturana. Você poderia pedir para o Fanta Uva calçar os próprios chinelos que estão no sol e pisar na taturana. Você poderia pegar uma pá de lixo e jogar a taturana viva por cima do muro que divide a casa da vizinha com um terreno baldio. Você poderia dizer chega, cansei de brincar, tá muito calor, vou para casa.

Mas o que você faz é caminhar descalço até a sombra da única árvore e vestir seus chinelos que estão frescos. Você vai em direção à taturana e ela

VOCÊ NUNCA VAI SABER O QUE É MATAR ATÉ QUE MATE



se moveu um pouco, está quase alcançando a grama que deve ser a casa dela.

Você pisa com seu chinelo frio na taturana quente de sol. Você é canhoto e foi seu chinelo esquerdo quem matou a lagarta de fogo que queima de ter que ir para o hospital.

A vizinha diz: argh, porque tem nojo da baba verde que vaza da taturana arreventada. E você também tem nojo, mas é estranho, bonito e triste. E você entende, aos treze anos de idade, no dia mais quente daquele janeiro, que as coisas nojentas também são estranhas, tristes e bonitas.

Você sente uma vontade insuportável de chorar, uma pelota cresce na sua garganta como uma massa de pão debaixo do pano em um dia de janeiro. Você diz que

tem que ir embora, que sua mãe avisou que hoje tem almoço na sua avó, e é mentira.

Você caminha em direção ao portão calçando seus dois chinelos, o assassino e o inocente. A vizinha pergunta se você pode brincar amanhã: você pode brincar amanhã?

Você responde que não, que não pode brincar amanhã, nem depois de amanhã e nem na semana que vem. Você responde que não pode brincar nunca mais. Você entrelaça os dedos uns nos outros e solta na frente do próprio corpo indicando que está de mal, como se fosse uma criança de nove anos que você não é. A vizinha não entende, o Fanta Uva não entende, o irmão da vizinha não entende, o menino de cicatriz de arco talvez se chamasse Carlos Augusto.

Você vai embora para sua casa de tijolos pensando na taturana que devia estar indo para a casa de grama. Você abre a porta e a sua mãe pergunta: que aconteceu? Você está suado e um pouco pálido e você diz que nada, não foi nada, mãe. E a sua mãe fala que deve ser o calor, diz para você ligar um desenho que ela vai fazer uma limonada com gelo.

Você aperta o botão da televisão e já está no canal que você gosta, a menina montada no cavalo de fogo que está vivo. A lagarta de fogo está morta e nunca vai chegar em casa.

Você tem vinte e dois anos e fez faculdade de economia porque seu pai falou. A vizinha de cabelos suados ficou grávida de um caminhoneiro e foi morar no Paraná. O irmão da vizinha de cabelos suados repetiu três vezes a sexta

série e agora trabalha no frigorífico. O Fanta Uva foi preso por roubar uma lotérica, foi a mãe dele quem contou na semana passada, na fila da padaria. O Caio ou Eduardo ou Carlos Augusto você não sabe, talvez não tivesse cicatriz nenhuma.

Você acabou de voltar para casa depois de passar quatro anos fora fazendo faculdade. Você voltou para casa porque tem vinte e dois anos, é formado em economia e não tem emprego. Você voltou para casa porque seu pai disse que vai arrumar alguma coisa para você fazer, tem um amigo que trabalha no banco, é gerente. Você voltou para casa porque sua mãe está com câncer de intestino e o médico falou que agora ó, babau. Foi o que o médico disse na última consulta e seu pai jurou que ia processar, onde já se viu falar um troço desses: agora ó, babau. Você acha babau uma palavra engraçada, como se fosse uma baba no passado, um sangue morto de taturana que aconteceu há muito tempo.

Você está de volta há quase um mês e seu quarto continua igual a quando você tinha treze anos. O autorama ainda montado na prateleira, a colcha da cama é de pista de fórmula 1, o carro vermelho continua ganhando do azul: você não me pega, lerolero.

Você acorda todos dias depois das onze e é sempre quente, é janeiro. Você não fala com ninguém além do seu pai, da sua mãe com câncer, da Valda que agora está vindo todo dia porque sua mãe não está aguentando nem levantar da cama, agora ó, babau.

Você não tem amigos naquela cidade que é sua e por isso mesmo, por ser sua, aquela cidade não é aquela, é esta. Você pensa que se não tivesse entrelaçado os dedos na frente do corpo e ficado de mal, talvez fosse você quem tivesse engravidado a vizinha. Talvez você fosse caminhoneiro e morasse no Paraná. Talvez repetisse três vezes a sexta série e trabalhasse no frigorífico. Ou estivesse preso com o Fanta Uva por assaltar uma lotérica com arma de brinquedo (a mãe dele garantia que era arma de brinquedo). Talvez você fosse amigo do Caio ou Eduardo ou Carlos Augusto e daí saberia se a cicatriz é mesmo em forma de arco, saberia se existe cicatriz, se é branca.

Mas você não faz nada além de dormir e assistir televisão e comer a macarronada da Valda, o filé de frango da Valda, a carne moída. Você não faz nada além de ir até a padaria comprar cem gramas de pão de queijo e um trident de canela. Você não faz nada além de se masturbar debaixo do chuveiro pensando na vizinha grávida de cabelos suados. Você não faz nada além de ouvir sua mãe morrendo no quarto ao lado.

Você não acompanhou o seu pai e sua mãe na consulta em que o médico disse: agora, ó, babau. Você estava no seu quarto assistindo ao penúltimo episódio da sua série favorita pela terceira vez quando seu pai chegou gritando: onde já se viu falar um troço desse que esse filho dum putatá pensan-

do juro que vou meter um processo nesse veado. Enquanto seu pai berrava, sua mãe se deitou na cama e desde então não levantou mais. Faz duas semanas, na próxima segunda faz duas semanas.

Depois de gritar que ia processar, seu pai ligou para o amigo gerente de banco e o amigo gerente de banco passou o telefone de um advogado de confiança. Seu pai ligou para o advogado de confiança e o advogado de confiança disse que não tem jeito, falar agora ó, babau, não dá processo. Seu pai tomou um comprimido de zolpiden e no dia seguinte não tocou mais no assunto.

Seu pai vai para o trabalho todos os dias às oito horas da manhã e volta às onze e meia, almoça a macarronada da Valda, o filé de frango, a carne moída, retorna ao trabalho e só chega em casa às sete, janta o mesmo do almoço, pergunta como sua mãe está, como tá hoje benzinho? e a voz é infantil como se tivesse nove ou treze anos e em resposta sua mãe solta um gemido debaixo da coberta. Mesmo sendo quente, mesmo sendo janeiro, sua mãe tem sempre frio.

E todos os dias, depois de perguntar como sua mãe está e ela responder gemendo, seu pai bate duas vezes com o nó do dedo direito na porta do seu quarto, seu pai é destro. Você responde: pode entrar, apertando o pause do controle remoto. Seu pai entra cheirando à loção de barba e sabonete, a camisa azul ou branca, os cabelos ainda úmidos penteados para trás, ele pergunta se foi tudo bem hoje. E você não entende direito a pergunta, porque o hoje de hoje é igual ao hoje de ontem e de anteontem. Mesmo assim você responde que foi tudo bem. E seu pai diz que vai dar uma volta, vou ali espairecer. Você acha espairecer uma palavra engraçada, parece praia, espairecer é ir para uma praia dentro da cabeça. E seu pai sai do seu quarto fechando a porta devagar e mesmo depois que despausar sua série, você sabe que ainda assim vai escutar o barulho da sua mãe morrendo no quarto ao lado.

E no hoje deste dia o seu pai acabou de sair do seu quarto fechando a porta devagar, a camisa é verde clara, um pouco mais aguada do que o sangue da taturana, ele foi para a praia da cabeça dele. E no hoje deste dia sua mãe está morrendo mais alto. Você aumenta o volume da televisão e liga o ventilador. Ainda assim você escuta.

Você tirou a camisa do pijama, o ventilador no máximo, mas você continua sentindo calor, muito calor. Você resolve tomar um banho, são nove da noite, você já tomou dois hoje e seu pai disse que a conta de água está cara, caríssima. Mas é janeiro e a sua mãe está morrendo muito hoje.

Você está debaixo do chuveiro e não tem vontade nenhuma de passar sabonete, shampoo. Você está debaixo do chuveiro e não tem vontade nenhuma de se masturbar pensando na vizinha de cabelos suados. Você está debaixo do chuveiro e pensa que poderia se mudar para o Paraná, poderia rou-

bar um frigorífico com uma arma de brinquedo, trabalhar em uma lotérica, ter um filho que repetisse três vezes a sexta série. Você está debaixo do chuveiro quando ouve. Sua mãe está pedindo socorro.

Você desliga o chuveiro, veste de volta seus shorts de pijama, seu corpo está pingando água, seus cabelos grudados na testa, você destranca a porta do banheiro e vai.

Você caminha devagar como uma taturana, você deveria estar correndo, deveria estar com pressa, você nem se enxugou. Mas ali, no meio do corredor, quase na linha em que começa o chão do quarto da sua mãe, você se sente um garoto de nove ou de treze. Você tem vinte e dois anos e se formou em economia, você nem tem certeza de que o Carlos Augusto tinha uma cicatriz, você está com medo.

Você finalmente entra no quarto e o abajur está aceso. Você olha o vidro de vick vaporub na mesinha, um copo de água pela metade, uma caneta bic quase sem carga, três moedas de um real, o terço cor de rosa enrolado no pé de Nossa Senhora das Graças (você sabe o nome dos santos, você fez catecismo).

Então você vê: sua mãe morrendo de olhos fechados e dizendo: socorro.

Você se senta na beirada da cama e fala: mãe, colocando sua mão esquerda no braço dela, você é canhoto. Sua mãe não abre os olhos, continua pedindo socorro de olhos fechados e você não sabe se ela está morrendo acordada ou se está morrendo dormindo, você não sabe se ela quer ser socorrida da morte ou da vida. A única coisa que você sabe é que agora ó, babau.

Você poderia ligar para o seu pai e gritar para ele voltar: volta agora que a mãe tá morrendo. Você poderia pegar sua mãe no colo (ela não pesa mais do que cinquenta quilos) e levá-la para o hospital, são três quartos. Você poderia voltar para o seu quarto e colocar um episódio da sua série preferida no volume máximo e esperar que sua mãe morra sozinha.

Mas o que você faz é levar sua mão esquerda até o rosto da sua mãe. Você faz um carinho desajeitado pela falta de costume e você diz de novo: mãe, mas com outra entonação. E desta vez ela abre os olhos e são quase tão escuros quanto os olhos de ameixa da vizinha grávida.

Com o polegar e o indicador em pinça você obstrui as narinas da sua mãe, com o resto dos dedos você tapa a boca. Os olhos da sua mãe estão muito abertos e ela luta com os braços e com as pernas para que você a deixe respirar, ela jogou o cobertor longe tentando te acertar um chute. Agora que está morrendo de verdade, sua mãe não quer mais morrer, ela tenta agarrar seu pescoço, os olhos muito abertos, Nossa Senhora das Graças vendo tudo.

Você reprime o corpo dela com seu próprio corpo, não é difícil, ela não pesa mais do que cinquenta quilos, não consegue mais comer a macarronada, o filé de frango, a carne moída, não consegue mais tomar banho, assistir televisão, fazer limonada com gelo, não consegue mais ir até a padaria e dizer me dá cem gramas de pão de queijo, ela não consegue mais pedir socorro.

Sua mãe está morta e uma baba transparente vaza do canto da boca. É nojento, mas também é estranho, triste e bonito. Você sente uma vontade insuportável de chorar, uma pelota cresce na sua garganta como uma massa de pão debaixo do pano em um dia de janeiro. Você não tem para quem dizer que precisa ir embora, que sua mãe avisou que tem almoço na casa da sua avó. Sua avó morreu há sete anos e sua mãe há menos de um minuto.

Você limpa o fio de baba com as costas da mão esquerda, enxuga nos shorts. Os olhos da sua mãe continuam abertos e você nunca viu tão escuros, duas ameixas passas arregaladas. Então você se lembra. O menino que morava do lado de lá da sorveteria se chamava Caio Alessandro e tinha uma cicatriz em forma de u no meio do queixo, era branca. Se ele fosse seu amigo, você ligaria para ele agora. 🗣️



MARIA FERNANDA ELIAS MAGLIO

É escritora e defensora pública. Trabalha na defesa de pessoas pobres em cumprimento de pena. Publicou pela Patuá: **Enfim, imperatriz** (Prêmio Jabuti 2018, categoria Contos), **179. Resistência** (Prêmio Biblioteca Nacional 2020, categoria Poesia) e **Quem tá vivo levanta a mão** (finalista dos prêmios Candango e Oceanos 2022).

RON KOERTGE

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

What she wanted

was my bones. As I gave them
to her one at a time, she put
them in a bag from Saks.

As long as I didn't hesitate,
she collected scapula
and vertebrae with a smile.

If I grew reluctant, she pouted.
Then I would come across
with rib cage or pelvis.

Eventually I lay in a puddle
at her feet, only the boneless
penis waving like an anemone.

"Look at yourself," she said.
"You are disgusting."

O que ela queria

eram os meus ossos. Conforme eu os dava,
um por um, ela os enfiava
numa sacola da Saks.

Enquanto eu não hesitava,
ela recolhia, sorrindo,
as escápulas e as vértebras.

Se eu relutava, ela fazia beicinho.
Eu então concordava, entregando
a caixa torácica ou a bacia.

No fim, fiquei largado numa poça
aos pés dela, tendo apenas um desossado
pênis a balançar como uma anêmona.

"Olhe para você," ela disse.
"Você é repulsivo."

Sex object

She comes home steaming.
She gets into my pants.
She rides me hard.

I look past her slot—
machine eyes
to the ceiling

where the last quake
made cracks in the shape
of Florida

and Louisiana, the latter
having for its capital
Baton Rouge,

which is located
on the Mississippi,
principal waterway
of the United States,

measuring 2,470 miles
from its source
in northern Minnesota
to the Gulf of Mexico.

Objeto sexual

Ela chega em casa fervendo.
Ela se enfia nas minhas calças.
Ela me cavalga com força.

Olho, através de seu
olhar de caça-níqueis,
para o teto

onde o último terremoto
causou rachaduras nos mapas
da Flórida

e da Louisiana, esta última
tendo como capital
Baton Rouge,

que fica situada
no Mississippi,
a principal hidrovia
dos Estados Unidos,

com 2.470 milhas de extensão,
desde suas nascentes,
no norte de Minnesota,
até o Golfo do México.

Easter

My wife is standing in the kitchen
saddened by the death of a black
and white cat who took his meals here.
There is a swan on the back of her T-shirt,
and when she tugs it up to wipe one eye,
he lifts off the perfect meter of her beaded belt.

It is the thirteenth Sunday of a short year
and, as I roll away the little stone of my hangover,
I wonder how Jesus felt. He knew how we fumble
for each other's lips, how our thoughts go sneaking
around. Yet He got up, anyway, fussed til the drape
of His sheet was just right, then stepped out
into the lush, blue light of a new day.

Páscoa

Minha mulher, na cozinha,
triste com a morte de um gato
preto e branco que costumava comer aqui.
Há um cisne na parte de trás de sua camiseta,
e quando ela a estica para enxugar o olho,
deixa à mostra as medidas perfeitas do cinto frisado.

É o décimo terceiro domingo de um ano curto
e, enquanto joga fora o resto de minha comida,
imagino o que Jesus sentiu. Ele sabia o quanto tateamos
em busca de lábios, o quanto nossos pensamentos se esgueiram
por aí. Ainda assim Ele se levantou, agitado, até que
tivesse ajustado o pano de Seu manto, e então saiu,
para a exuberante luz azul de um novo dia.

First grade

Until then, every forest
had wolves in it, we thought
it would be fun to wear snowshoes
all the time, and we could talk to water.

So who is this woman with the gray
breath calling out names and pointing
to the little desks we will occupy
for the rest of our lives?

Primeira série

Até agora, toda floresta
tinha lobos, pensávamos
quão divertido seria usar botas para neve
o tempo todo, e conseguíamos falar com a água.

E então, quem é esta mulher com bafo
cinzento, falando nossos nomes e apontando
para as mesinhas que deveremos usar
pelo resto de nossas vidas?

Night

Lying with you now,
arm numb as a lapel,
I see there could be
anything up there,
not just the bears
and dippers Daddy
traced as he held
us high as groceries.

Look, there's a river
in its dark clothes,
one crushed corsage
the size of Maine,
new kinds of love,
that room we always
wanted to see
but were afraid.

Why didn't someone
tell me that more gods
than I ever imagined
cruise overhead each
night in their enormous
glass-bottomed boat?

Noite

Deitado com você, agora,
o braço enrijecido como um colarinho,
noto que que pode haver
qualquer coisa lá em cima,
além dos ursos
e dos passarinhos que papai
desenhava, quando nos erguia bem alto,
como se fôssemos latas de conserva.

Veja, existe um rio
vestindo roupas escuras,
um buquê esmagado
do tamanho do Maine,
e novas formas de amor,
aquele aposento que sempre
quisemos ver,
mas que nos dava medo.

Por que ninguém
me explicou que há mais deuses
do que jamais imaginei,
viajando lá no alto,
todas as noites, num enorme
barco com fundo de vidro?

Burning the book

The anthology of love poems I bought
for a quarter is brittle, anyway, and comes
apart when I read it.

One at a time, I throw pages on the fire
and watch smoke make its way up
and out.

I'm almost to the index when I hear
a murmuring in the street. My neighbors
are watching it snow.

I put on my blue jacket and join them.
The children stand with their mouths
open.

I can see nouns—*longing, rapture, bliss*—
land on every tongue, then disappear.

Queimando o livro

A antologia de poemas de amor que comprei
por um quarto de dólar é muito frágil, e se
desfaz enquanto a leio.

Uma a uma, vou jogando no fogo as páginas,
e observo a fumaça indo para o alto
e para fora.

Já estou quase no índice quando ouço
vozes na rua. São meus vizinhos,
olhando a neve cair.

Visto meu casaco azul e junto-me a eles.
As crianças estão com as bocas
abertas.

Posso ver palavras — *saudade, êxtase, felicidade* —
pousando em cada língua, e sumindo. ❶

RON KOERTGE

Nasceu na área rural do estado de Illinois (Estados Unidos), em 1940. Escreve uma poesia que, mesmo quando lírica, soa por vezes cinica ou surrealista, num estilo que ecoa a iconoclastia dos primeiros beats. Também professor universitário, Koertge já publicou mais de uma dezena de livros.



DIVULGAÇÃO



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



DUDA LAS CASAS

DUDA LAS CASAS

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Poeta, artista visual e diretora de tevê e cinema. É colecionadora de imagens e oráculos, e pesquisadora de língua portuguesa na Universidade Nova de Lisboa. Publicou **Viseira** (7Letras, 2021) e participa da coletânea **Volta pra tua terra** (Urutau, 2021).



Leia mais em rascunho.com.br





rogério pereira

SUJEITO OCULTO

Minha rua lambe os cascos do demônio e a coroa de Cristo. Equilibra-se na sutileza de uma vida entre o rural e o urbano. Desde que abandonei C. — impelido por um câncer, uma separação e um traficante de drogas —, este pequeno pedaço de chão, com pouco mais de um quilômetro, transforma-se em uma vibora pronta para abocanhar os mais incautos. A metamorfose deu-se com relativa rapidez. Antes, somente casas e uma oficina mecânica pintavam um cenário um tanto bucólico nas proximidades da rodovia apinhada de caminhões. O vasto terreno no final da rua, com um pasto indeciso entre crescer e morrer, ainda abriga três cavalos. A rede de esgoto chegou há algum tempo. E também as putas e Deus.

Passo todos os dias por ali. Ao me livrar do carro, sou um andarilho por esta cidade suja, arrogante e feia. É comum encontrá-las em animadas conversas diante do puteiro, em cuja placa um óbvio nome em inglês tenta disfarçar as entranhas da vida devassa e, possivelmente, triste e divertida em semelhantes proporções. Tomam chimarrão ou cerveja sob o olhar atento de um cão — arremedo de pastor alemão perdido por estas encostas do mundo. Evito pensar em Cérbero: seria analogia excessiva. Algumas são jovens; outras atravessam a metade da vida. Usam, em geral, roupas de pouco tecido, expõem o contorno dos corpos tatuados em busca da sobrevivência. Estampam uma felicidade artificial, de sorriso exagerado. É comum o cumprimento um tanto envergonhado. Um leve meneio de cabeça, um balançar de mão. Sabem que nunca atravessarei o pórtico das labaredas de suas carnes à espera de algum conforto.

Deus é um sujeito barulhento. Gritam de olhos fechados, as mãos espalmadas ao céu de cimento e luzes esbranquiçadas. Os dedos tentam, talvez em vão, roçar a barba divina. Não entendo por que rezam em volume altíssimo, se Deus é ubíquo e está entre eles, satisfeito com a prole. Ou não? O cicio seria mais que suficiente. Talvez queiram deixar evidente de que lado da trincheira estão: ao lado do bem contra o mal que assola o mundo, que destroça famílias, que destrói lares, que leva a humanidade ao ralo das desgraças mundanas. Temo, com um crescente pessimismo, que minha rua se transforme numa terra de batalhas sagradas, numa inquisição anacrônica. Que as labaredas bruxuleantes tinjam de cinza o meio-fio.

É uma igreja pequena, mas deseja abarcar o universo — conforme a placa que se destaca na casa de vidros, cimento e gritos. Os homens trajam ternos, sempre a carregar uma *Bíblia*; as mulheres usam vestidos ou saias e têm os cabelos longos, longuíssimos — Rapunzel, da janela da biblio-

UMA RUA CHAMADA PECADO

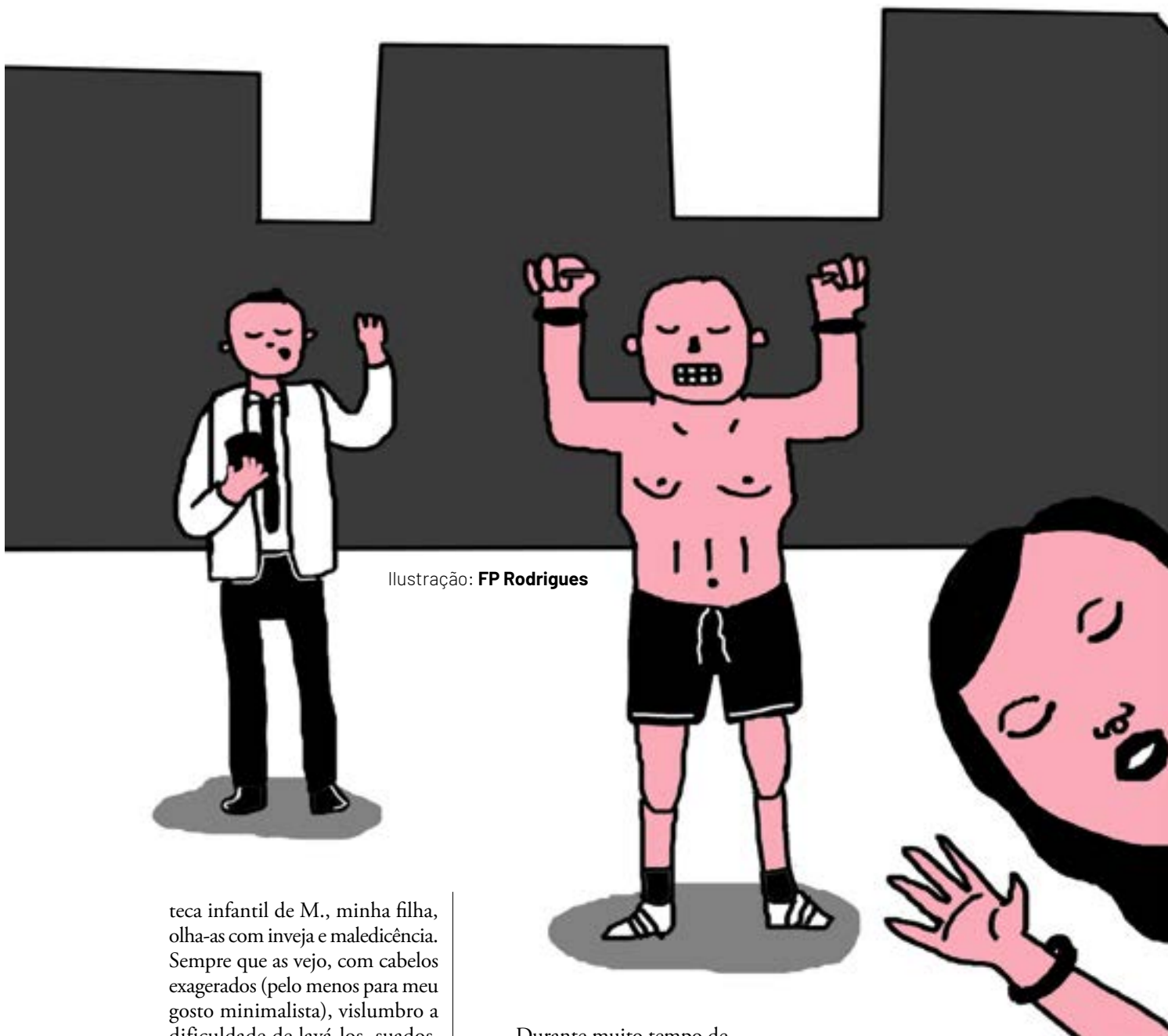


Ilustração: **FP Rodrigues**

teca infantil de M., minha filha, olha-as com inveja e maledicência. Sempre que as vejo, com cabelos exagerados (pelo menos para meu gosto minimalista), vislumbro a dificuldade de lavá-los, suados, desgrenhados após o sexo animalesco com o parceiro enfurecido em busca da paz celestial. Sim, sou um tanto devasso na fé, no amor e no olhar sobre os demais.

Nunca entendi a vestimenta masculina para a conversa íntima com Deus (neste caso, não tão íntima, pois a escuto com facilidade). Por que a elegância do terno, se Deus é pelos pobres, desvalidos, desgraçados? É como se o pé de milho se disfarçasse de corvo para tripudiar o espantinho. Talvez a sola dos sapatos esconda um furo que irradie a luz em direção ao paraíso.

Mas Deus está ali, de braços abertos, entre minha casa e o puteiro. Ou melhor, os puteiros. Há poucos dias, e isso parece grande ironia, uma nova casa da luz vermelha (sim, colocaram uma brilhante luz vermelha na porta) abriu exatamente ao lado do puteiro originário, desbravador de corpos. E, para competir de igual para igual, a placa também estampa um óbvio nome em inglês. De espeluncas a prostíbulos, somos uma pátria estrangeira. Este não tem tanta graça: além de ser pretensamente mais moderno, um arremedo de bom gosto, nunca vi nenhuma das moças em conversas descontraídas na porta. Mas há também um vira-lata, um minguado guapeca, a vigiar os pecados cotidianos.

Durante muito tempo desejei ter um deck na frente de casa. Agora, as tábuas enfileiradas escondem baratas, aranhas e outros insetos. No fim de tarde, após o dia de trabalho, abanconco-me armado de café e livro para o merecido descanso. Em frente, o terreno baldio e os pinheiros desenhavam um melancólico horizonte — um quadro rural de Hopper. A paz da leitura é, muitas vezes, quebrada pelo tropel ensandecido da chusma. O barulho aumenta, o chão treme, o vazerio espanta os passarinhos dos pinheiros e dos fios de luz. A manada de gnus famintos arrasta tudo por onde passa.

São peitos a estourar a atmosfera, gigantes, redondos, apetitosos. Bundas saltam dos shorts mínimos. Bíceps torneados a bronze. Coxas de Hércules. Peitorais de Aquiles. O Olimpo desfila pela minha rua. Homens e mulheres de proporções desconhecidas saem em disparada da academia de *crossfit* — um emaranhado de cordas, pneus, gritos e suores — há poucos metros de casa, próximo à igreja de orações de decibéis universais. Uma pantera feroz estampa a placa. Não há Deus, luz vermelha, mas o pecado parece habitar os halteres entre um urro ancestral e outro. A busca pela frugal eternidade também povoa esta animada rua onde habito.

O estranho encontro dos corpos acabou acontecendo. Nem me espantei. Diante da igreja, ela passou em direção ao mercado, possivelmente. Eu a conheço: tatuagens volumosas nos braços, cabelo escorrido na testa, andar insinuante. Está sempre diante da placa em inglês, ladeada pelo falso pastor alemão, a conversar alegremente com as companheiras de profissão. Me parece uma mulher tímida — o que, obviamente, deve ser um engano.

Na sincronia do paraíso e talvez do purgatório, o encontro: diante da igreja, os fiéis atravessam a rua para mais um culto gritante. A puta indiferente reboia as carnes com ainda mais devassidão. Eu, sem temer uma batalha, apenas observo. De repente, a turba de corpos de mármore despenca na saída da academia em direção ao final da rua. Todos ao mesmo tempo no mesmo espaço: corpos definidos, corpos tatuados, corpos escondidos em ternos desconjuntados e cabelos longuíssimos, corpos sagrados. *A Bíblia* estrangulada no sovaco. Deus e o demônio a provocar-se na luz pálida do sábado à tarde. Todos se ignoram. Talvez nem notem a presença uns dos outros.

Alheios ao meu olhar, correm, trepam e rezam em direção ao juízo final. Amém. 🕯

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi LITERÁRIO



palco de grandes ideias

11ª temporada



Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paioliterario.com.br



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

